Fernão Lopes

II

Livrarias Aillaud e Bertrand
LISBOA

Ministério da Instrução Pública

Secretaria Geral

Considerando que à excepção dalgumas raras jóias do património literário nacional, se não conhecem geralmente as obras primas da literatura portuguesa, muitas delas de difícil aquisição pela antiguidade ou raridade das suas edições;

Atendendo a que a *Antologia Portuguesa,* organizada pelo escritor Agostinho de Campos e publicada pela Livraria Aillaud, procura obviar àqueles inconvenientes, oferecendo ao público uma colecção onde fique arquivada a produção literária de muitos dos bons prosadores e poetas nacionais de todos os tempos e escolas;

Atendendo ainda a que a forma material como a *Antologia Portuguesa* é apresentada, a torna verdadeiramente agradável e atraente e, portanto, de fácil vulgarização e largo proveito educativo:

Manda o Govêrno da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, **que seja louvada a Livraria Aillaud pelo seu patriótico empreendimento,** em vista dos altos benefícios que essa casa editora vai prestar à divulgação das preciosidades da literatura nacional, com a publicação da *Antologia Portuguesa.*

Paços do Govêrno da República, 24 de Abril de 1920. — O Ministro da Instrução Pública, *Vasco Borges.*

Diário do Govêrno, II Série, n.º 98, 28 de Abril de 1920.

ANTOLOGIA PORTUGUESA

FERNÃO LOPES

II

Antologia Portuguesa

VOLUMES PUBLICADOS:

MANUEL BERNARDES, 2 volumes.

FREI LUÍS DE SOUSA, 1.º vol. *(Vida do Arcebispo).*

HERCULANO, 1.º vol. (Quadros literários da historia medieval, peninsular e portuguesa).

JOÃO DE BARROS 1.º vol. (Primeira Década da *Asia).*

GUERRA JUNQUEIRO, 1 volume.

PALADINOS DA LINGUAGEM, 1.º volume.

JOÃO DE LUCENA. *(Vida do P.e Fr. de Xavier),* 2 volumes.

TRANCOSO *(Histórias de Proveito e Exemplo),* 1 volume.

FERNÃO LOPES, 2 volumes.

VOLUMES PRESTES A SAIR

FERNÃO LOPES, 3.º volume.

EÇA DE QUEIROZ, 2 volumes.

PALADINOS DA LINGUAGEM, 2.º volume.

CAMÕES LÍRICO.

HEITOR PINTO, AMADOR ARRÁIZ, DAMIÃO DE GÓIS, SÁ DE MIRANDA, etc.

Antologia Portuguesa

organizada por

AGOSTINHO DE CAMPOS

Fernão Lopes

II

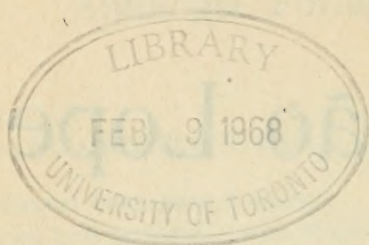
Primeira parte da Crónica de D. João I

*

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND

PARIS — LISBOA

LIVRARIA CHARDRON — PÔRTO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES — RIO DE JANEIRO

1922

Todos os exemplares vão rubricados pelo organizador
da ANTOLOGIA PORTUGUESA

Composto e impresso na Tip. da Emprêsa do Diário de Notícias
Rua do Diário de Notícias 78 — Lisboa

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

I

CARÁCTER LITERÁRIO DE FERNÃO LOPES

POR

JAIME DE MAGALHÃES LIMA (*)

O FERNÃO LOPES era para mim (como a maior parte dos nossos clássicos) uma leitura fragmentária e de ocasião, destinada a preencher horas escusas, e para não desaprender totalmente a língua. Só agora, pelo seu bom conselho, começo a fazer dêle leitura seguida, desde já achando pouco quanto dêle me disse.

(*) São notas inéditas de impressionismo crítico, tiradas de cartas que o Autor dirigiu ao organizador da *Antologia Portuguesa,* em Agôsto e Setembro de 1921,— notas que me orgulho de inserir aqui, agradecendo a Jaime de Magalhães Lima a autorização que me deu para tanto, e felicitando o Leitor pelo mimo destas páginas, tão dignas do subtil esteta, nobre moralista e profundo comentador da beleza plástica ou literária. Até o momento em que o meu querido amigo e mestre me escreveu estas cartas, nunca Fernão Lopes havia merecido de Portugueses um tão longo e miúdo ensaio

Não sei o que mais me prende, se o encanto do romance, se a admiração e o pasmo da arte com que está escrito. Maravilha. Quási não chego a compreender como e por que modos aquilo se criou aqui. Pois, até onde a minha ignorância da língua grega me consente pressentimentos através das traduções, eu teria a petulância de dizer que em Fernão Lopes está o espelho de Tucídides e Xenofonte.

Uma simplicidade helénica, senão homérica, aparta-o dos que se lhe seguiram, banqueteando-se com as carregações de latinidade que a Renascença importara. Repare quanto é reduzido o vocabulário, como de tão parcos meios se tiraram efeitos prodigiosos, e talvez não lhe pareça rematado desatino o meu juizo. Esta grandeza na parcimónia é puramente grega; o Latino, fácil em preterir a graça pela solidez, nunca soube trabalhar com tamanha míngua de materiais.

---

estético sôbre a sua figura literária. É evidente que êle merece e—esperemos – há-de ter muito mais; mas a Jaime de Magalhães Lima cabe a honra de iniciar dêste modo a penitência da ingratidão ou do desleixo nacional, como a Braamcamp Freire vai a palma de haver tornado legível o admirável artista, e ao sr. Aubrey Bell nos cumpre agradecer que, como tão avisada e justamente pretendia o sr. Teófilo Braga, êste grande vulto português esteja em-fim *restituído á civilisação europeia*.

A. de C.

¡Que vergonha para o nosso tempo! Porque, como capacidade de representação da realidade, creio que o Eça empalidece, no confronto com o Fernão Lopes, embora ambos sejam de génio.

*

* *

O Fernão Lopes teve a fortuna de se servir de uma língua na sua virgindade, no vigor da parcimónia e da liberdade, nascida de ontem, ainda isenta dos vícios, resíduos e tôda a sucata, que se acumulam com os anos e com o uso, e a pejam de tropeços.

Quási não podia escrever de outra forma; não tinha por onde escolher, nem para onde fugir; não havia nem podia haver outros materiais e outros processos para a sua arte, nem de longe suspeitaria a triste sorte que esperava os que se lhe seguissem, de contínuo embaraçados na multiplicidade de sintaxes e *desdobramentos* de expressão, constantemente hesitantes, sem saber para onde se voltem, ora escolhendo demais, ora escolhendo erradamente, perdidos entre montões de entulho, e ainda por cima com os olhos em plateias exigentes, corrompidas e corrutoras, enfastiadas, ávidas de novidade. Viesse êle para cá, e havia de

ser menos feliz; abriu em diamantes o que nos mandam gravar em traves pòdres.

¿Se «haverá nas outras literaturas fenómeno semelhante?» Não sei, mas deve haver; tôdas passaram pela mesma fase criadora. Nós é que não as conhecemos, e nem sequer as temos procurado, porque só agora começamos a ter paladar para as apreciar. ¿O que haverá nas crónicas dos mosteiros sôbre a história da sua vida íntima!?... Calculo que estão por lá preciosidades de arte. O Fernão Lopes mostrou-se cedo e em evidència, um pouco porque se ocupava de política, doença muito comum. Aparecerão mais tarde os que trataram apenas das suas próprias famílias. O pior é que, quando vierem, já cá não estou para os contemplar. Posso dizer como aquele que, morrendo velhíssimo, se queixava de que deixava a vida quando começava a apreciá-la, e *a habituar-se a ela.*

A essa escrita gótica, que tanto o comoveu na Tôrre do Tombo (1), é que é necessário referir a história para que ela serviu, e não ao elzevir de

(1) V. *Introdução* do 1.º vol. desta antologia de *Fernão Lopes*, pág. XVIII e XIX.

gramáticas da Renascença, ou a qualquer cursivo das escolas primárias modernas. A grafia e o pensamento constituem ali um bloco; cousa alguma interpretará melhor F. L. do que aquelas letras que êle usou; caracteres gráficos e história constituem um só monumento gótico, que há-de ser apreciado por princípios únicos, visto que se trata de cousas inseparáveis. Na verdade, foi tarefa absolutamente ociosa mandar vir de Inglaterra obreiros para celebrar em pedras góticas Aljubarrota, quando aqui havia quem celebrasse em esplêndidas letras góticas, não só Aljubarrota, mas tôda a história da *defensão* do Reino. Monumento gótico por monumento gótico, vou pelo F. L.; diz mais, é infinitamente mais vasto e opulento do que a igreja de Santa Maria.

Depois disto é que eu queria que o Francisco Dias Gomes, por exemplo, me mostrasse onde é que o F. L. havia de prescindir de redundâncias, e pleonasmos, e mais defeitos, em que a crítica transmudou os adornos naturais da construção do historiador (1). Faça esta limpeza, elimine no gótico nervuras e folhagens e, desnaturado por esta forma, dir-me há o que fica, como fica e o que pode significar. Quando o Luís de Magalhães reconstruiu o convento de Moreira, encontrou nas pare-

(2) Idem, idem, pág. XL.

des, empregados como alvenaria, pedaços de lindíssimo românico. Ainda por lá os tem guardados.

A Renascença atirava o românico — oh, céus! — para os caboucos das suas construções; e os gramáticos não fariam outra cousa ao F. L., se lhes dessem licença para o reedificar.

Note — nem eu creio que isso a que erradamente se chamou redundância e pleonasmo prejudique de qualquer modo a simplicidade helénica, que em F. L. tenho por indubitável. O Francisco Dias Gomes, como os demais latinizados, teria confundido com nudez e indigência a simplicidade. A simplicidade não exclui a intensidade; pelo contrário, é um dos seus efeitos. E um dos modos por que a intensidade se produz é por acordes que a arte tísica imagina redundância e pleonasmo, repetições e prolongamentos ociosos. Não distinguindo claramente a constituïção do cedro e a do silvado, acha o cedro enredado, sòmente porque da simplicidade dos ramos em sua ordem resultou para olhos descuidados uma impressão de espessura.

Pleonástica chamarei eu a uma arte como essa do século XVIII: no delírio da curva pela curva dá vontade de bailar. A gótica, não; essa infunde imediatamente a unção religiosa, a qual pressupõe a austeridade que a suscita. Não se conforma

com outra cousa. Procure-a, que sob aparências de complexidade a encontrará.

Numa cousa particularmente me irritam os catedráticos censores do F. L. É quando o acham cronista da còrte, a trabalhar de encomenda. Pois, pela minha parte, direi que a imparcialidade me parece de tal forma transparente no F. L., que nunca vi o D. João I reduzido a tão insignificantes proporções como ali. Desde que matou o Andeiro, por conselho de Álvaro Pais e outros que o empurraram, até que teve os barcos aparelhados para se safar para Inglaterra, com mêdo da Rainha, e até no próprio cêrco de Lisboa, dá sempre todos os sinais de um defensor «entalado», herói à fôrça.

No que não ganha alvíçaras. Uma boa soma do heroísmo dos homens e das nações é assim mesmo: a pressão do inevitável. O nosso orgulho é que tende sempre a tomar por arrebatamentos de uma liberdade de ânimo inspirada o que não passa de imposição de fatalidades irredutíveis.

E, agora me lembra: ¿como é que os srs. críticos puderam supor duas psicologias em F. L., uma de sinceridade para a linguagem, e a outra de lisonja e reserva para fabricar a história? Sim, porque o carácter é indivisível, e uma das maiores fôrças literárias de F. L. é a sinceridade de expressão.

*

* *

O meu amigo desconfia de que o F. L. não era nem *poeta*, nem *ingénuo*, como o Herculano o imaginou; e não estamos longe, antes muito perto, de concordar. Se na palavra «poeta» Herculano quer significar o poder de visão das realidades transcendentes, através da experiência tangível, é provável que F. L. tivesse alguma cousa de poeta; se por essa palavra quer afirmar «poder criador», disso é que me parece que o F. L. nada tem.

«Ingénuo» é que não foi, com certeza; pelo contrário, creio que mais avisado não o haveria no seu tempo. Seria, se não me engano, um historiador *doublé* de um pensador, um humanista *avant la lettre*, instruïdíssimo, que não esperou pelas traduções francesas de 3 frs. 50 para ler Plutarco em seus caracteres próprios. De que Herculano talvez não se tivesse lembrado é de que atrás de F. L., e bem perto, está a mais prodigiosa dinastia de génios educadores que a História conhece: a dos Padres da Igreja. Não se lembrou dos Agostinhos, dos Basílios, dos Gregórios Nazianzenos: de tôda essa legião esplêndida, que o F. L. leria, para se curar de ingenuïdades, com mais proveito do que nós lemos os Bergson e os Bou-

troux que nos dão o leite. Muitos erros de apreciação, a respeito do F. L., virão talvez da obsessão, em que por séculos andámos, de que a Idade-média foi uma época «tenebrosa», afigurando-se-nos que a civilização cessara nas suas instâncias, só porque ela mudara de residência e andava de ordinário refugiada nos mosteiros e em casas nobres, quando nós a procurávamos nas escolas e nas praças públicas, onde não havia senão tumultos.

*

* *

O meu amigo fez-me notar quanto é interessante a facilidade com que F. L. fazia o diálogo separado da narração, «cousa que depois dêle parece ter-se desaprendido e haver-se reaprendido só muito mais tarde».

A explicação dêste colapso da arte de contar estará talvez em que aquele fenómeno literário foi em F. L. um impulso intuitivo que não se reproduziu em sua descendência literária imediata, destituída de iguais propensões ingénitas, reaparecendo depois, muito tempo depois, mas então verdadeiramente «aprendido», por propósito e estudo. Os que se lhe seguiram de perto não passaram de simples narradores, inquiridores e tradutores de factos, empenhados em nos transmitir

o *conhecimento* das cousas, e a isso se limitando; o F. L. era um revelador da vida, com ela nos pondo em contacto directo, sempre inclinado e apressado a suprimir o intérprete.

Assim, o diálogo, essencial a êste último e seu instrumento natural, seria para os outros, por temperamento avessos a usá-lo, um impecilho, prolixidade escusada e porventura nociva, em seu conceito, à lucidez e boa ordem da exposição. Afinal F. L. conjugou duas artes que andavam separadas e separadas continuaram, depois que aquele espírito peregrino as trouxe unidas. Abriu painéis sem ofender as nervuras estruturais da catedral; e, para desenfadar da solenidade do cortejo, rasgou aqui e além janelas donde se avistasse e ouvisse o borborinho do mundo.

Não é comparável aos cronistas: procedendo da paixão de significar a vida, em-quanto os demais se esmeravam apenas em ostentar o ocorrido; colhendo de ordinário aquilo em que isso melhor servia a glória dos homens e da nação — foi diferente.

O que F. L. fazia na realidade, e freqüentemente, eram «mistérios», à semelhança daqueles a que assistia nos templos e nas ruas, sòmente trocando Cristo e os santos por gente política. Do pergaminho fêz tablado; iludiu-se e iludiu-nos, chamando-lhe *crónicas*.

Separem-se, por exemplo, os diálogos, maravilhosos de movimento, do Mestre de Avis e da Rainha, quando foi da prisão do Mestre (1), e pode erguer-se o pano; o «mistério» está perfeito. Sente-se já a ansiedade das plebes do burgo, apinhadas para o ouvir, numa inquietação que não tarda a trasbordar em frémitos de aplauso, quando entre as lanças e bacinetes da côrte, que teem diante dos olhos, perpassarem murmúrios de volúpia bárbara, trocados a meia voz entre Leonor e o Andeiro.

Nesta interposição de antecipações shakespeareanas na narrativa, se com alguém temos de comparar F. L., será com Gil Vicente e seus antecessores anónimos, e não com os cronistas, que seguem noutra procissão — se é que não temos antes de o comparar com os trágicos gregos. Depois que, lendo a bistória de Roma, entrei a suspeitar de que um S. Jerónimo, entre inumeráveis pares, foi para o deserto não para se martirizar, mas para dar ambiente próprio ao seu génio literário assombroso, para escrever em sossêgo e ler e meditar os mestres da antiguidade, que lhe eram familiares — desconfio que as copias gregas que passaram pelos olhos de F. L. carregariam uma daquelas azêmolas que êle

(1) V. Ant. Port., *Fernão Lopes, I*, pág. 253 e ss.

nunca se esquecia de contemplar, nas correrias dos seus homens de armas. Duvido muito de que essas cópias houvessem escapado à «comunal sciência» que Azurara lhe atribui (1).

Eu, que ainda conheci um frade, meu parente próximo, enlevado na leitura de livros gregos e hebraicos, cujos caracteres gráficos tanto confundiam a minha infância, não resisto à tentação de sonhar F. L. aconchegado em meio de igual mobília.

*

* *

Gótica — é a qualidade por excelência da arte de Fernão Lopes. E, verificando-o, convém saber ao certo o que semelhante palavra significa na presente proposição.

Melhor definição da arte gótica não encontro, para bem lhe compreendermos o carácter, do que estas linhas de W. R. Lethaby, na sua primorosa *Architecture:*

«Não é possível explicar por palavras o que se contém na arte gótica perfeita. É franca, luminosa, alegre; apaixonada, mística e terna; enérgica, clara, aguda, forte e sadia. Seria êrro procurar defini-la em termos sòmente de forma:

(1) V. Ant. Port., *Fernão Lopes, I, Introdução,* pág. XXXI.

encorpora um espírito, uma aspiração, uma época. Os ideais do tempo de energia e ordem produziram um modo de edificar de alta intensidade, despojado de todo o supérfluo e juntando a pedra em membros funcionais enérgicos. Estas cintas, êstes tirantes e estas flechas, retesaram-se em arcos de alta tensão. O canteiro bateu no pilar para lhe tornar audível a fôrça; podemos imaginar uma catedral «encordoada» tão alto, que, se lhe tocam, solta uma nota musical. Cousa alguma grande ou verdadeira, na edificação, parece ter sido inventada, no sentido de deliberadamente intencional. A beleza parece estar para a arte como a felicidade para o porte moral—há-de vir acidentalmente, não cede a ataques directos». Uma catedral não foi traçada, mas sim descoberta, ou «revelada». «A edificação foi achada, como a linguagem, a escrita e o uso dos metais; e daqui vem que uma arquitectura nobre não é objecto de vontade, desígnio ou sciência de escola».

Resta agora saber como é que esta arte «revelada», e mais a sua ingenuïdade, se concilia com a apurada consciência que não podemos deixar de atribuir a «uma notável pessoa que chamavam Fernão Lopes, homem de comunal sciência e grande autoridade», segundo nos afiança Azurara, que foi do seu tempo e lhe sucedeu no cargo.

Por êste breve mas acentuado perfil, estamos a ver nêsse homem um precursor do humanismo, uma espécie de monge secular professo, em cujos arrebatamentos eruditos a contemplação dos homens ocupava o lugar, que nos religiosos das religiões celestiais era tomado pela contemplação divina. Tanto saber e meditar, tão profundo conhecimento das cousas do mundo, que numa sociedade violenta e bárbara dariam ao feliz possuidor uma autoridade moral, a par da autoridade política dos homens de armas, outorgando-lhe um daquêles impérios superiores a tôda a contingência, como seria o de Cícero em Roma, ou o de M.me de Stael entre os desvairamentos da Revolução — são prendas que se casam mal, à primeira vista, com a candura que tôda a revelação exige.

Não durará, porém, muito tempo êsse divórcio, se considerarmos que a «comunal sciência» de Fernão Lopes, subordinada ao génio, não foi na sua arte uma doutrina, foi uma inspiração; não era uma regra, era um diapasão; não era encargo de repetições, era estímulo de actividade libérrima; suscitaria inclinações, mas não traçava e muito menos impunha preceitos; não se traduzia em actos de obediência, insinuava-se em impulsos de simpatia; não era um espelho, era um reflexo. Tal como na arquitectura

gótica, onde também subsiste, essencial, impreterível, uma «comunal sciência», cousa legada por experiência anterior, mas ùnicamente para servir o génio do artista, perante o qual se amesquinha e apaga, humilíssima.

Porventura a «comunal sciência», então como hoje, só poderia tornar-se uma tirania, absorvente da individualidade, quando a actividade espontânea dos homens houvesse baixado o suficiente para a tolerar servilmente, não mais sentindo no desfalecimento das fôrças os ímpetos indomáveis dos temperamentos criadores, em tôda a esfera da sua aplicação.

Talvez que a regra e a fidelidade ao seu govêrno, senão à estreiteza do seu mandado, sejam ùnicamente o recurso da insuficiência e da pobreza, surgindo quando a míngua de energia pede socorro.

A regra não prevalecerá, porém, contra iniciativas da ingenuïdade, na sua pureza e plena vitalidade, conduzindo a divinos errores — que também teem lei, é certo, mas lei que se adivinha e respeita por virtude da graça que a transmite, e é diversa daquela outra lei que nos pesa em vez de nos exaltar, e, por condição da dureza própria, pode dar formas, mas não anima vidas.

*

* *

Não há paisagens em Fernão Lopes. Quando muito, raro capricho, lá nos faz atravessar algum esteval da charneca alentejana e nos destila por um momento os seus perfumes resinosos. A paisagem seria demasiado sedentária e frouxa, para cativar um temperamento ávido de movimento.

Em compensação, e pela mesma natural exigência, traz os cavalos numa dobadoura. Não os deixa parar um instante: surgem-nos de todos os lados, para a paz como para a guerra, se os embaixadores veem a «preitejar», ou se as hostes saem a combater.

Sente-se um estrépito incessante de mulas, e cavalos, e azêmolas; e nem sequer faltam ao arraial os azeméis que hão-de cuidar das bêstas. Os encavalgados passam continuamente: uns que vão levar recados; outros bem apercebidos para a guerra; outros, mansamente, seguindo em jornada. Fique tudo bem notado: se o escudeiro montava uma mula ou um cavalo, e se o cavalo era grande ou pequeno. Tudo isto, na vivacidade do cronista, assume valor histórico, merece passar ao pergaminho.

Azurara achou Fernão Lopes «homem de comunal sciência e autoridade moral»; e eu, para os que por êstes sinais de gravidade fiquem a imaginá-lo embiocado na sabedoria, acrescento de minha conta, e muito certo:—*e monteiro.*

Assim lhes alegro o quadro e dou folga aos enfados do escrivão.

Não se fabricam por tradição descrições de caçadas como aquelas do infante D. João que veem no 1.º vol. do *Fernão Lopes* da *Antologia* (1). Aquilo, ou se viu e sentiu e partilhou, ou não há imaginação que o crie. Nem o nome dos alãos escapou; pelo nome os chamaria e incitaria. Amava-os; conhecia-lhes os hábitos. Não é sem comoção que os recorda; e quer guardar memória daquele «bom alão de *Bravor*, cumprido de ardimento e de bondades, segundo sua natureza, assim acostumado que, sem trela, aguardava com o rosto na estribeira quanto o cavalo pudesse andar; e porco nem urso, nem outra alimária com que se encontrasse, não havia de travar nela, a menos de lho mandarem fazer».

«Daquilo que êle ama é que o homem fabrica a beleza», escreveu Renan. E tão alta beleza como a dêssas páginas soberbas, em que Fernão Lopes estampou, sem dúvida para a eternidade.

---

(1) V. pág. 152 e ss. dêsse volume.

as proezas de caça do infante D. João e o próprio infante — são mais uma confissão de amor e uma revelação autobiográfica, do que a narrativa de feitos alheios.

Estes afectos são a imagem, talvez mais profunda e segura, do carácter. Sabe-se pouco da vida do cronista, mas eu suponho que da vida de poucos homens se saberá tanto, como da vida dêstes que escreveram as obras com a vida, e aí a deixaram a palpitar.

A vida, na sua unidade e tangibilidade latejante, como a presenceamos nas correrias dos monteiros, e não a fascinação das sublimidades e das profundezas — essa seria a fôrça íntima que animava aquele prodigioso artista. ¡ Para trás os misticismos e as impalpabilidades ascéticas! Estiolem-se e definhem nos claustros. Lugar ao sangue e à carne; acção, e não contemplação; o tropel de tôdas as cobiças e a ignorância de tôdas as isenções, ainda que do *Condestável* sejam, isso nos regale os sentidos e inflame o engenho. O mundo, e não o êxtase, êsse mova o artista a erguer-lhe o monumento. No fundo, um sensualista; e nem, sem essa abundantíssima sensualidade, chegaria a ser artista.

Desde as lojas e os perfumes do cêrco que el-rei de Castela pôs a Lisboa, até as escumadas hercúleas com que o Infante derrubava na caçada

os javalis, tudo toca o íntimo de Fernão Lopes, tudo lhe afaga e alvoroça os sentidos. Renova-lho com amor a imaginação, se dêle fala; pelo seu amor no-lo comunica; e por nossa vez o sentimos e apetecemos. A sua arte irá a ponto de nos barbarizar: não raro nos insinua o fastio da moleza que chamamos *civilização* e o apetite instante de a trocarmos pela fremente rudeza heróica da carnalidade indómita.

*

* *

A vulgaridade plebeia fàcilmente suspeita que a verdade, e a justiça, e a probidade, morrem à porta dos palácios, dentro dos quais só a impostura e a mentira habitam. Assim, imagina que o cronista da côrte, só porque é da côrte, abdicou da honestidade e a trocou pelas comodidades de uma lisonja abastada.

Essa vulgaridade, de ordinário impotente e azêda em matéria literária, ignora que a probidade é muito mais objecto de temperamento moral, comum a tôdas as condições, do que privilégio dos que a sorte fartou de bens do mundo; e sobretudo ignora que poder foi conferido a muitos homens de poucos meios, que se acolheram à intimidade dos palácios, e que afinal lá exerceram um govêrno

absoluto, só por efeito da grandeza mental e moral, único dote que consigo levaram. Parecendo aos estranhos viver de favor e esmola, bastas vezes se converteram em verdadeiros despenseiros da dignidade, protegendo e guiando os senhores, com uma autoridade soberana, em tudo ouvida e temida, conselho e sentença de quem lhes dava o pão de cada dia, recebendo em recompensa, com grande vantagem, a inspiração de tôda a vida.

Nem tão pouco os que duvidam da franqueza histórica dos cronistas da côrte, como Fernão Lopes, terão em lembrança a influência doméstica do escravo letrado, que Roma recrutava na Grécia, para ao cabo de breves anos o escutar como magistrado tutelar, senão como um deus familiar todo-poderoso.

Não fôssem, porém, estas circunstâncias, de uma fatalidade psicológica, que em qualquer comunidade, estreita ou larga, sempre atribuïrão o maior império a quem tem melhor cabeça e o coração mais nobre — e a honestidade histórica de Fernão Lopes seria, mais do que palpável, inevitável, por mera virtude do seu temperamento.

O amor das realidades e a paixão de as representar, que o trouxe por todo o Reino na faina de inquirições, domina-o, conduz inevitàvelmente a uma severa integridade dos factos que cons-

tituíram essas realidades, e promove uma tão cerrada representação de cousas acontecidas, que não deixa lugar para reservas e dissimulações, nas quais não só a verdade se deturpe ou esconda, mas também — o que para o artista seria imperdoável,—em que o vigor da expressão abrande.

Certo e inflexível orgulho de missionário impediria a infidelidade histórica, em-quanto a consciência se recusaria indignada a condescender com qualquer mutilação das criações do génio. Esmorecer um carácter, suprimindo, atenuando ou corrompendo os lances em que se afirmou e que lhe dão o ser, é para o artista uma dor de alma, a mais penosa das escravidões. Nunca Fernão Lopes poderia suportá-la. Ou êle não fôsse quem é; quadros daquele vigor fazem-se, não só com talento, mas principalmente com liberdade. E até, porque assim foi, caiu (quando não se sublimou) no impudor; não guarda nada, é o pior dos confidentes e o mais terrível dos investigadores; a revelação é o seu deleite — uma necessidade orgânica irreprimível.

Não raro, será um pregoeiro ingénuo de revolta. Nem eu conheço em tôda a história pátria fonte mais rica de anarquismo do que as crónicas de Fernão Lopes; anda a jôrros por tôdas aquelas fôlhas. Porque Fernão Lopes não acusa e nem sequer classifica a gente do seu tempo,

com quem lidou e cujos feitos conta. «Eu» ou mesmo um modesto «nós», será pessoa que lá aparece sòmente para justificar a ordem e o seguimento da narrativa; sôbre a sua gente parece não ter opinião; alguém fala por êle, invariàvelmente.

A sua gente apresenta-a numa nudez paradisíaca, o que para ela, habitualmente, será a suprema crueldade. Ali se averigua por que preço andava a sôldo o heroísmo militar, que foi estupendo; ali se contam quantas «mercês» e «acrescentamentos» demandava para se mover, e com que desconfiança avara se retraía, se não os pressentia na quantidade em que a insaciabilidade os reclamava e regateava. Ali se aprende até que ponto o combate armado, «para a defensão do Reino», era um simples modo de vida, um *Brasil*, com lucros e juros bem contados e protérvias e traições gananciosas, pondo em prova, e a render, uma fortaleza de braço e uma bravura de ânimo assombrosas, às quais, no industrialismo moderno, correspondem o génio da organização e dos números, e a coragem de arriscar os bens, que no temperamento mercantil não significará menor esfôrço do que no temperamento militar significou a coragem de jogar a vida. O capitalista que vai à praça, de automóvel, com o sentido na prebenda, não irá menos

comovido que o cavaleiro que vinha na azêmola ao arraial, com o sentido no condado.

A sordidez é o barro com que se amassam os governos, mesmo os gloriosos e patrióticos como os dos Nun'Álvares, pobres loucos, levados de roldão na torrente, para afinal, num derradeiro esfôrço heróico, salvarem no claustro a santidade e nela se amortalharem... Eis a conclusão severa a que nos conduz um cronista da Côrte.

Agôsto-Setembro de 1921.

Jaime de Magalhães Lima.

II

FERNÃO LOPES DESLEIXADO PELA CRÍTICA LITERÁRIA NACIONAL

FERNÃO LOPES espera ainda a esta hora o alto lugar que merece no templo das nossas glórias. Pode e deve dizer-se que o autor da *Crónica de D. João I* é, no domínio da arte literária, um dos quatro ou cinco maiores génios que a terra portuguesa tem gerado.

Foi, como Gil Vicente, um precursor europeu; como Camões, um engenheiro da linguagem e um épico da energia nacional; como o Padre Manuel Bernardes, um artista da prosa clara e narrador admirável; como Eça de Queiroz, um criador de vidas, capaz de pòr de pé, em face de nós e para a eternidade, não só retratos ou caracteres individuais, senão também a alma agitada, marulhante, dos agrupamentos e das multidões.

Mas as modas literárias e a nossa falta de objectividade crítica prejudicaram desde séculos, e com raros intervalos lúcidos, a fama e o culto que deviam merecer-nos os seus altíssimos dotes artísticos.

Gótico, medieval, nacional e popular, a Renascença, logo depois da morte de Fernão Lopes, empana o nascente brilho do seu nome, com os fumos do classicismo, do cosmopolitismo e do pedantismo. Barros deprime-o, e só Damião de Góis se salva de ser injusto com êle, falando na *obrigação que todos lhe temos* — obrigação que, ainda hoje, quási quinhentos anos volvidos, continua vergonhosamente em moratória.

Do século XVII, uma das poucas referências a Fernão Lopes de que temos notícia é a do conde da Ericeira, D. Fernando de Meneses, que refaz por sua mão a *Vida* de D. João I, dizendo que a vai referir e ponderar — coitado! — *com mais cuidado que os seus cronistas!*

Logo que entre nós surge um crítico digno dêste nome, faz-se justiça a Fernão Lopes. Mas êste crítico, teve o grande artista de esperar por êle mais de trezentos anos, porque só apareceu nos fins do século XVIII. Francisco Dias Gomes — *o homem talvez* (segundo Herculano) *de mais apurado engenho que Portugal tem tido para avaliar os méritos dos escritores*—chama a Fernão Lopes *o pai da prosa portuguesa e o primeiro talvez que na Europa escreveu a história dignamente*. E sôbre o impulso dado à língua pelo genial escritor, observa Francisco Dias o seguinte:

«...As poesias dos reis D. Denis, D. Pedro I, e

vários fragmentos de escritores daqueles tempos, estão consignados em uma linguagem tão confusa e bárbara, que quási se não entendem. *Daí a pouco mais de meio século apareceram as crónicas dos reis portugueses, compostas por Fernão Lopes*, o mais antigo e venerando historiador português, *escritas em língua clara...*»

Tudo isto constitui justiça estreme, senão escassa. Mas urgia fazê-la, porque, pouco antes do inteligente julgamento, melhor diríamos *descobrimento*, de Francisco Dias, um pedante em delíquio total de bom-gôsto e bom-senso, Francisco José Freire, *Cândido Lusitano*, achava que antes do reinado de D. Manuel I ninguém escrevera senão inculta e bàrbaramente a nossa língua; e entendia, insensível ao encanto de Fernão Lopes, que *os melhores que escreveram em prosa eram aqueles de cujo estilo sêco, cansado e confuso* (*!!!*) *temos tantas provas, quantas são as crónicas dos nossos reis antigos*.

Um século antes, pouco depois de restaurada a Independência, descobrira a utilidade política, senão foi antes o intuitivo patriotismo, o valor nacional edificante da estupenda *Crónica de D. João I*; e o impressor régio António Álvares deu-a à estampa em 1644, numa edição aliás muito errada. Mas a crítica e a sensibilidade estética dos Portugueses continuavam e continuaram a dormir a sono sôlto.

Dessa modòrra desleixada não conseguiu despertá-las, no princípio do século XIX, a observação de um estranjeiro inteligente, o famoso poeta inglês Roberto Southey (1774-1843), que veio a Portugal, onde estava estabelecido um seu tio, e aqui leu Fernão Lopes, e o compreendeu e sentiu tão bem, que logo lhe chamou *the best cronicler of any age or nation* — o melhor cronista de qualquer tempo ou nação.

¿ Ia então agora a Europa fazer justiça a um grande Europeu, desconhecido e desprezado dos seus próprios compatriotas? Não ainda, infelizmente, porque a fugaz referência de Southey passou mais ou menos despercebida, e porque, logo a seguir, um crítico alemão, Bouterwek, certamente sem ler Fernão Lopes, espalhou na Inglaterra, traduzido para inglês por Tomasina Ross em 1823, que *o estilo narrativo do diligente compilador Fernão Lopes ¡ era tão pesado e monótono como o dos cronistas portugueses mais antigos!* (1)

Depois veio o nosso Romantismo; entrou na moda literária a Idade-Média, e os velhos sótãos da tradição nacional foram catados por poetas e novelistas. Fernão Lopes volta à tona, desenterrado dos seus três séculos e meio de antiguidade e de injus-

(1) V. Antol. Port., *Fernão Lopes*, I, pág. LXIX.

tiça. Exploram-no e aproveitam-no Garrett. Herculano e outros; e o autor das *Lendas e Narrativas*, êsse ao menos, sente, e confessa honradamente, uma profunda e justa admiração. Para êle Fernão Lopes é o *Homero de D. João I* (1); *adivinhou os princípios da moderna história; transmitiu à posteridade a vida dos tempos de que escreveu; nas suas crónicas não há só história, há poesia e drama; é o Homem da grande epopeia das glórias portuguesas; parece-se com Froissart, mas leva-lhe conhecida vantagem; faz-nos acompanhar as multidões; com o sôpro do génio dá alma, e vida, e linguagem, ao que era pó, e morte, e silêncio* (2).

Quási tudo o que havia para definir Fernão Lopes está aqui resumidamente expresso ou implícito; mas os Portugueses não entenderam ou não ouviram, porque a verdade não lhes chega às almas, ou não lhes aquece os corações, sem se lhes impor por palavras sonoras e simples, com recortes de síntese e fortes ressonâncias de hipérbole.

E, logo poucos anos volvidos, invadia-nos o Naturalismo, hostil ao antigo, depressor do nacional, pretensioso campeão da verdade e da sciência, com os seus antolhos que mesquinhamente lhe

---

(1) V. Ant. Port. *Fernão Lopes* I, pág. XXI.

(2) Idem, idem, pág. XLVIII a L.

permitiam ver da verdade uma só nesga estreita, e com a sua falsa sciência, engrolada à pressa em enciclopédias fáceis e sebentas modernas. Debalde um historiador da nossa literatura, Andrade Ferreira, observava com lucidez por èsse tempo (1875), que a grande vitalidade nacional do reinado de D. João I se reflectira logo no progresso artístico e literário, patenteando estes resultados em *dois grandes acontecimentos, filhos dèsse tempo:* o mosteiro da Batalha e *a larga concepção dos escritos do primeiro cronista português* (1).

Poucos anos antes de publicada esta definição tão gráfica e tão justa, dava Eça de Queiroz à estampa (Novembro de 1867) em folhetins da *Gazeta de Portugal,* a sua *Carta a Carlos Meyer*, recordando nela os tempos românticos de Coimbra: «*o romantismo estava nas nossas almas; faziamos devotamente oração diante do busto de Shakespeare*» (2).

É oportuno, é interessantíssimo, ainda com o aperitivo de ser também irónico, citar a èste respeito Eça de Queiroz, porque èle foi o importador do realismo em Portugal, e Fernão Lopes é um dos maiores realistas que o mundo tem produzido; porque Eça fazia oração diante do busto de Sha-

---

(1) V. a nossa Antologia de F. L., vol. 1.º, pág. LVIII.

(2) V. *Prosas Barbaras*, Pôrto, 1904, pág. 135 e ss.

kespeare, sem suspeitar que Fernão Lopes foi a seu modo um Shakespeare também, que pôs de pé, na História, figuras tão vivas e eternas como as que o trágico inglês nos deixou no Teatro; e porque Eça de Queiroz viveu, trabalhou como ninguém pela beleza e pela verdade, e morreu afinal sem dar mostras de haver descoberto Fernão Lopes e o que neste haveria de fascinador para êle próprio: um antepassado, um precursor, um mestre tão instrutivo como os Balzac ou os Flaubert — e muito mais português do que êles.

Mas ¿como havia Eça de Queiroz de lobrigar em Fernão Lopes uma espécie de Eça de Queiroz, se êle se deixou educar cega e puerilmente não apenas no desprêzo, senão até no ódio aos antigos e aos clássicos? Êle — que havia de tornar-se mais tarde, pela clareza, pela simplicidade, pela harmonia, pelo equilíbrio da sua arte e da sua prosa, um verdadeiro clássico — e dos maiores da nossa língua... (1)

Com a sua nobilíssima, orgânica e nunca desmentida sinceridade, confessa o próprio Queiroz, naquela mesma carta a Carlos Meyer, êsse ódio juvenil e sectário:

«Dávamos grandes batalhas! Combates cruéis!... Eram dois bandos. De um lado os pagãos, *os clás-*

(1) V. António Sérgio, *Ensaios*, I Rio-Pôrto, 1920, pág. 40.

sicos, os positivistas; do outro, os bárbaros, *os românticos*, os místicos. As balas eram nomes: arremessávamos, de bando a bando, os nomes dos grotescos de cada seita. Um romântico feria um clássico, gritando-lhe com gesto terrível: *Domingos dos Reis Quita!... Sá de Miranda!... Sepúlveda!*»

Sá de Miranda... ¡um grotesco! E ¿porque não também *Fernão Lopes* e o seu venerando nome atirado como insulto à face dos adversários? Por mero acaso, e mais não. Fernão Lopes escapou de-certo a essa desaventura, porque Eça de Queiroz o conhecia tão pouco, que nem sequer se lembrara dêle.

Isto se vê da mesma carta a Carlos Meyer, quando Queiroz declara que *do passado apenas acreditávamos em João de Barros e Camões*, e logo adiante diz de Barros o que muito melhor quadrava e quadra a Fernão Lopes:

«No em-tanto, às vezes, *os que reflectem o seu tempo—criam*: e é quando não só revelam o carácter dum momento, um estado convencional e passageiro, *mas traduzem e explicam tôda a alma dum povo*. É o que faz a grandeza de João de Barros... Camões, filho da Renascença e das imitações latinas não tem o espirito épico de João de Barros, que às vezes, numa página, *constrói tôda a antiga alma heróica da pátria*.»

¡ E pouco antes dissera Queiroz: *Na arte só teem importância os que criam almas!* E nunca mostrou ter visto que as almas de Pedro o Cru, de Leonor Teles, do infante D. João, de Fernando o Formoso, de D. João I, de Nun'Álvares, da arraia miúda da Lisboa joanina, se as temos nítidas e inteiras dentro das nossas, é exactamente, e até ùnicamente, porque o génio de Fernão Lopes soube, como disse Herculano, *dar alma, vida e linguagem* ao que, sem èle, era, e seria ainda hoje, apenas *pó, e morte, e silêncio!*

Ainda o naturalismo português não contava bem vinte anos de existência, quando, no incessante pendular das modas e das escolas, das acções e das reacções literárias, começaram a pungir das letras nacionais os primeiros sintomas da sua decrepitude e morte próximas.

O orgulhoso gigante da verdade e da sciência tinha os pés não de barro, mas de lodo; e a sua cabeça, inclinada para a terra vil, nunca o deixou respirar, a fundos haustos de ar puro e alto, a saúde que conserva e faz durar.

Já em 1887, com o *John Bull* de Ramalho, a meia-volta espiritual e nacionalística se desenha

bem nítida (1). E dois anos depois, o próprio Eça de Queiroz, no artigo *A Rainha* (2), alvorece para o dia novo de *A Cidade e as Serras* e da *Ilustre Casa de Ramires*, ao mesmo tempo que na *Revista de Portugal* se inaugura, com *Os filhos de D. João I*, a renovada epopeia de Avis, de Oliveira Martins. Seguem-se, com pequeno atraso, à conversão dos mestres, as manifestações dos catecúmenos de 1892 a 1894: *Canções do Mondego*, de Silva Gaio; *Só*, de António Nobre; *Palavras Loucas*, de Alberto d'Oliveira. *Os Simples*, de Guerra Junqueiro, surgem na primeira daquelas datas.

Estava dado o impulso para o novo romantismo. ¿Que lucrou a glória de Fernão Lopes com esta reviravolta favorável da moda literária?

Muito pouco, ou quási nada. Essa glória não tem tido sorte, nas lotarias da imortalidade.

Diga-se com pena, em primeiro lugar, que Oliveira Martins, largamente tributário de Fernão Lopes nas suas últimas obras, não pôde, de-certo porque a morte o prostrou em meio dêsse trabalho, mostrar-se tão grato com êle como se havia revelado o grande novelista das *Lendas e narrativas*.

---

(1) V. em António Sergio, obra cit., pág. 440, a curiosa lista cronológica dos fastos do regresso ao espiritualismo e ao nacionalismo.

(2) V. *Notas contemporâneas*, 1909, pág. 491 e ss.

Quanto à benemérita erudição portuguesa dos fins do século XIX, tão séria, tão activa, tão fecunda, também por infelicidade não foi auspiciosa para o genial artista, nem mesmo inteiramente justa com êle.

Luciano Cordeiro, director literário da *Biblioteca de Clàssicos Portugueses,* fèz ou deixou fazer em 1894 a 1898 uma reedição popular das crónicas de Fernão Lopes, da qual poderia esperar-se frutuosa propaganda dos seus méritos artísticos, se a execução houvesse correspondido à intenção. Tal não se deu, porém, perdurando ao envés disso, na nova edição, se é que não se agravaram, os erros e desfiguramentos lamentáveis que deslustravam a primitiva estampa.

Em 1897, na sua excelente *História da literatura portuguesa,* escrita e editada em alemão, não pôde a insigne D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, a quem tantíssimo devemos e devem as nossas glórias literárias, prestar ao cronista de D. João I a atenção merecida. E no seguimento da sua formidável tarefa de erudição, outras figuras, outras épocas, igualmente grandes e precisadas de estudo, solicitaram com proveito as suas milagrosas faculdades de inteligência e energia, bem-fadadas de Deus.

Com o próprio sr. Teófilo Braga não foi inteiramente feliz a grande memória de Fernão Lo-

pes, apesar das excelentes condições que neste concorriam para o recomendar ao jacobinismo retrospectivo, implacável, do eminente, mas tão politicante e faccioso mestre da nossa história literária. Filho do povo, aparentado com um mesteiral — o camarada manipulador de calçado João Afonso (1) — Fernão Lopes podia e devia esperar incondicionais simpatias dêste seu crítico. Sem embargo, porém, dêsses ponderosos títulos, o valor do genial escritor é diminuido, no volume *Idade-Média*, da *Recapitulação da História da Literatura Portuguesa,* quando aí se considera *ingénua* a sua consumada arte de narrador, e *despreocupado* o seu estilo, na ideia de que êle escreveu simplesmente para ser traduzido em latim ciceroniano, e não, como tudo indica, com o fim propositado de que o povo o lesse, o compreendesse e o sentisse, bem directa e bem vivamente.

Além disso, e apesar de Herculano haver já colocado Fernão Lopes acima de Froissart, e não obstante até um francês, Fernando Denis, ter em 1826 concordado com Francisco Dias Gomes, quando êste disse que fôra Lopes «quem primeiro na Europa escreveu a História dignamente» — apesar de tudo isto, o sr. Teófilo Braga põe o cronista

---

(1) V. vol. I da nossa Antologia de *F. Lopes*, pag. XVI.

português simplesmente a par, não só de Froissart, mas do próprio Joinville.

Comparado com Fernão Lopes, Joinville é uma criancinha de peito ao lado de um artista completo; basta ler êste elogio que dêle faz Villemain, aprovado por Sainte-Beuve, para se ver a que distância fica de Fernão Lopes:

«M. Villemain a très-bien défini cette imagination de Joinville, crédule, ignorante et fertile: «Tout est nouveau, tout est extraordinaire pour lui, dit-il; le Caire c'est Babylone; le Nil, c'est un fleuve qui prend sa source dans le Paradis. Il a de ces notions particulières sur beaucoup de choses; mais, quant aux faits véritables, on ne saurait trouver plus naïf témoin. *On dirait que les objets sont nés dans le monde le jour où il les a vus...*» (1).

Em Fernão Lopes, nem credulidade, nem ingenuïdade e inocência primitivas. Parece, ao contrário, um homem de hoje, anacrònicamente transplantado a um mundo cinco séculos mais novo. Tão certo é isto, que o sr. Teófilo Braga se corrige a tempo a si próprio, onde diz que Fernão Lopes se definiria como *o espírito de um Froissart, edu-*

1 V. *Causeries du Lundi*, VIII. pág. 507.

cado por um Montaigne — por um mestre psicólogo que nada tinha de ingénuo, tendo ao mesmo tempo muito de scéptico... e de positivista.

Aparte estas discordâncias, é agradável dizer que o sr. Teófilo Braga se filia entre os mais lúcidos críticos portugueses de Fernão Lopes, sendo o primeiro a empregar a seu respeito a justa palavra *realismo,* comparando-o a Heródoto *pelo pitoresco e objectividade*, sentindo que a sua narração é *intensamente dramática*, e definindo o seu estilo como *uma linguagem francamente clara, nessa justa proporção que só o bom-senso natural sabe encontrar.*

Na idade infantil que a nossa língua atravessava quando Fernão Lopes escreveu, o *bom-senso natural* só poderia bastar-lhe, com a condição de o tomarmos como sinónimo de *génio.* Por êste lado o *pai da prosa portuguesa* brilha entre os maiores astros do nosso firmamento literário, assim como pela sua obra de historiador, narrador e pintor de caracteres, se exalça às proporções de um grande europeu. O sr. Teófilo Braga bem o sentiu, aliás, ao preguntar: «¿Quando, em uma boa edição crítica das suas *Cronicas*, se restituïrá êste vulto à civilização europeia?»

Pregunta oportuníssima, a que primeiro e admiràvelmente respondeu Braamcamp Freire, reeditando em 1915, com fidelidade e atenção modelares, a obra-prima de Fernão Lopes: a primeira parte da *Crónica delRei D. João, da boa memória.* E até hoje foi êsse o maior serviço por nós prestado à glória de Fernão Lopes; serviço que se limita à simples reprodução exacta das maravilhas que êle criou; serviço que no em-tanto importa mais — tão alto é o valor próprio do grande homem — do que adjectivos e elogios.

Braamcamp Freire adjectiva e elogia, no em-tanto, Fernão Lopes, por ex. a pág. v e xx da sua *Introdução,* predominantemente bibliográfica ou diplomática. No primeiro dêsses lugares, já por nós transcrito no vol. I desta nossa Antologia, encara-o antes pelo seu aspecto de historiador; no segundo atende mais ao escritor e estilista, dizendo o seguinte:

«Nesta obra (primeira parte da *Crónica de D. João I*), mais que em nenhuma outra, aparece em todo o seu esplendor o estilo apropriado, pitoresco, brilhante, por vezes roçando-se até com o sublime, de Fernão Lopes. A maneira como, em vários pontos da crónica, são apresentados o entusiasmo, a dedicação, o arrôjo do povo, da arraia miúda, na defesa da causa nacional; a narração da bata-

lha naval do Tejo; a descrição dos padecimentos da gente de Almada antes do rendimento; o quadro das atribulações dos de Lisboa durante o asSédio, e outras passagens, são, restituídas agora à sua pureza de forma, jóias literárias de raro fulgor. E não as podíamos devidamente apreciar, embaciadas como se nos ofereciam nas impressões existentes.»

Certamente que não podíamos; mas podíamos, ao menos, descobrir por debaixo da baça impressão desfiguradora de 1644, se não a beleza literária integral da grande obra, ao menos o carácter popular do cronista, o seu talento e o seu propósito de mostrar nitidamente a acção do povo, o entusiasmo do povo, os sofrimentos do povo, na época revôlta que lhe incumbiu descrever.

Pois nem isto, sequer, fizemos sempre, como mostra aquele estupendo exemplo de cegueira ou estrabismo crítico, que é a opinião do aliás erudito sr. José Caldas a respeito de Fernão Lopes, opinião expressa a pág. xxv e ss. da sua *História de um Jogo morto* e por nós reproduzida no primeiro vol. desta Antologia (1).

(1) V. pág. LXI a LXIII.

*

* *

Estamos a chegar ao fim da análise que tentámos fazer, da crítica portuguesa relativa a Fernão Lopes. Desejaríamos que nos não escapasse nenhum nome ou referência importante, de entre todos aqueles que conseguimos encontrar, no estudo apressado e sumário que empreendemos.

Devemos, portanto, antes de concluir, citar dois dos mais ilustres e beneméritos investigadores e propagandistas do nosso tesouro literário: os srs. Mendes dos Remédios e Fidelino de Figueiredo.

O primeiro publicou em 1911 uma boa edição, prefaciada e anotada, da *Crónica do condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira,* obra que se atribui a Fernão Lopes (1); e na sua utilíssima *Hist. da Lit. Portuguesa* (2) manifesta a opinião de que as obras do cronista de D. João I são *o que a Idade-Média nos legou de mais perfeito,* acrescentando que *nada lhe falta — colorido, vida, entusiasmo.* Em seguida, especificando vários quadros e retratos magníficos, dos que mais avultam nas crónicas de Lopes, diz o sr. Mendes dos Re-

(1) V. Antologia Port., *Fernão Lopes* I, pág. XXVI e ss.
(2) V. pág. 95 e 96 da 4.ª ed.

médios, com judicioso critério, que *só o pincel de um grande artista os poderia ter desenhado.*

Quanto ao sr. Fidelino de Figueiredo, não tendo ainda tido tempo de se ocupar directa e desenvolvidamente da nossa literatura medieval (muito tem êle produzido já, nos limites de uma existência ainda jovem, para se impor ao respeito de todos os que amam a beleza literária e apreciam o trabalho honesto) só de passagem, na Introdução à sua *Hist. da Lit. Clássica (1502-1580)*, se refere a Fernão Lopes, encarando-o apenas como historiador, mas não deixando de observar que, com êle, a nossa linguagem, *o princípio o latim bárbaro, torna-se instrumento literário — estilo — mais simples e pitoresco em Fernão Lopes, mais pretensioso em Azurara...*

Também um digno professor dos nossos liceus, o sr. Alfredo Coelho de Magalhães, se refere em justos termos a Fernão Lopes, no livro *Tentativas pedagógicas*, documento edificante do alto aprêço que o seu autor dá à literatura, como fonte de educação moral e social. Aí se alude, entre as qualidades que tornam Fernão Lopes *inconfundível*, ao *seu poder de dramatizar os factos que narra*: aí se diz que êle deve ser considerado *um escritor bem nacional, aproximando-se a sua linguagem extraordinàriamente da do povo.*

*

* *

E nada mais. Por tôdas as transcrições que fizemos verificará o Leitor que a nossa crítica erudita cumpriu razoàvelmente o seu dever, a respeito da grande figura de Fernão Lopes; mas que a nossa crítica literária ou estética, necessária à vulgarização e propaganda, brilhou pela ausência, quando não pela incompetência.

Podemos, pois, dizer, se nada de importante nos escapou, que a glória dêste grande artista da palavra escrita foi muito desleixada pelos nossos literatos — até o momento feliz em que Jaime de Magalhães Lima escreveu as páginas excelentes que constituem o primeiro capítulo dêste Prefácio.

Até então não fôra lançada a ponte necessária entre a erudição e a multidão; e o grande homem tem continuado na sua imortalidade separado do público — alheio ao povo donde saiu, e a cuja glória e edificação consagrou tôda a sua longa, preciosa, bem recheada existência...

III

FERNÃO LOPES VINGADO PELA CRÍTICA LITERÁRIA ESTRANJEIRA

JÁ vimos como um poeta inglês, Roberto Southey, chamou a Fernão Lopes, há mais de um século, *o melhor cronista de todos os tempos e nações*. A outro inglês, o sr. Aubrey F. G. Bell, cabe a honra de ter, não só arejado esta velha opinião do seu compatriota, mas desenvolvido a justa significação dela e provado minuciosamente o seu acêrto, graças a uma grande erudição nas literaturas europeias, combinada com uma capacidade crítica feita de argúcia, bom-gôsto e bom-senso.

É de agora mesmo êste altíssimo serviço prestado pelo sr. Aubrey Bell às letras portuguesas; pois consta de um volume de 70 páginas, escrito em inglês, impresso em 1921 pela universidade de Oxford, e editado pela opulenta e beneméritа *Hispanic Society of Ame-*

rica, na série portuguesa das suas *Notas e monografias* (1).

Intitula-se simplesmente *Fernam Lopez* êste interessantíssimo trabalho, e o seu prefácio abre com a observação justa, embora pouco agradável para nós, de ser característico do *desleixo* português (2) que não se possa ainda ler Fernão Lopes numa boa edição. E para o sr. Bell não é boa edição essa mesma de Braamcamp Freire, porque só abrange a primeira parte da *Crónica de D. João I*; porque conserva inalterada a ortografia original, o que dificulta a leitura; e porque Fernão Lopes *escreveu para o povo e devia ter centenas-de-milhar de leitores*.

Tendo visto na Biblioteca Nacional de Madrid o manuscrito da primeira parte da *Crónica de D. João I*, e as iluminuras que o adornam, entende o crítico inglês que o autor destas mostra haver compreendido o carácter popular da *Crónica*, pois desenhou não só reis coroados, senão também muitos tipos campestres: pastores, fiandeiras, lavradores, etc.

Em seguida estranha o sr. Aubrey Bell, como *mais curioso ainda* do que o desleixo português,

(1) *Hispanic Notes and Monographs*. Ed. J. Fitzmaurice-Kelly. Oxford 1921.

(2) A palavra *desleixo* está assim mesmo no original.

e como facto *dos mais interessantes da literatura*, que não se hajam publicado até agora, em língua estranjeira, extractos, ao menos, de Fernão Lopes. E mais adiante diz:

«Aqueles que supoem ter o Renascimento vindo trazer jorros de luz às trevas da Idade-Média propendem para datar dos solenes períodos do historiador João de Barros o início da prosa portuguesa; outros, a quem a Renascença muitas vezes parece tão destruïdora como renovadora, encontrarão sólidos argumentos para defender o primeiro dêstes dois aspectos. A prosa do Infante D. Pedro, duque de Coimbra, a de seu irmão el-rei D. Duarte, a de Fernão Lopes, de Frei João Álvares, Lopo de Almeida, e outros, teem qualidades de concisão, vigor e viva simplicidade, que mais tarde amorteceram. E assim o estilista português actual deve procurar modelos não só em Frei Luís de Sousa, ou no Padre Manoel Bernardes e noutros mestres de Seiscentos e Setecentos, senão até na prosa primitiva dos séculos XIV e XV.»

Transcrevendo de Herculano aquele passo em que diz que Fernão Lopes leva vantagem a Froissart, observa o sr. Aubrey Bell que só quem não tiver lido o nosso grande cronista, *e não conhecer Herculano*, poderá ver *no reflectido julgamento*

dêste uma demonstração de jactância patriótica.

É muito importante e muito instrutiva para nós a primeira parte do cap. II:

«Podendo sustentar-se que Fernão Lopes é *o maior de todos os cronistas*, certo é que não foi o mais antigo dos grandes cronistas. Não teria êle atingido tão alto nível de excelência, se Froissart (1337—1410?) e López de Ayala (1332—1407) não houvessem escrito antes dêle. Froissart morreu obra de 50 anos antes de Lopes; no século XII a fria discreção de Godofredo de Villehardouin († 1212), como no século XIII o encanto vivo e ingénuo de João de Joinville (1224—1319), são os precursores de muitas das melhores qualidades dos cronistas posteriores; e outro cronista francês de merecimento, João Lebel, morreu em 1370 (1). *Em inglês e neste género, nada temos tão antigo como Fernão Lopes.* A Itália havia produzido os *diligentes e honestos* cronistas Dino Compagni (1257?-1324) e João Villani (1285?-1348). Em Espanha e Portugal existia uma legião de cronistas sumários, anónimos, e a *Crónica General* de Afonso *o Sábio*, vinha já de 1268. Foi, porém, necessário o génio de dois homens, López de

(1) Dez anos antes de nascer Fernão Lopes.

Ayala, em Espanha, e Fernão Lopes, em Portugal, *para dar vida aos esqueletos.* A dívida de Fernão Lopes a Ayala é manifestamente grande. A introdução de discursos, ao módo clássico, que lhe tem sido reprovada, derivou-a Lopes do seu predecessor espanhol...».

Depois de haver referido o pouco que se sabe da vida de Fernão Lopes, conclui o cap. II com estas interessantíssimas observações:

«Do seu carácter falam claramente o longo exercício do cargo, *a confiança que nêle depositaram dois reis de altos ideais,* João I e Duarte, e o escrúpulo das suas obras históricas. Não menos favorável é a impressão que produz *a sua letra belamente clara, forte, decidida,* e também o próprio facto de se saber tão pouco da sua vida, não obstante a alta posição que ocupou: viveu por demais absorto no encanto da sua história, para poder deixar-nos pormenores de sí próprio; contentou-se de bem cumprir a sua tarefa, *e somos nós quem nela colhe farta recompensa.*»

O cap. III do seu trabalho consagra-o o sr. Aubrey Bell ao elogio caloroso do historiador, que êle considera impregnado do *conceito verdadeiramente moderno* da arte de escrever a História, e de um fervor e entusiasmo que não desfalecem, e sem os quais um historiador excelente produzirá

contudo obra sem vida. Mas há aí alguns passos que muito importam à apreciação do estilo de Fernão Lopes:

«Êste mestre do estilo está tão compenetrado do poder que exerce sôbre o leitor, que não cessa de referir-se à sua *prosa nua* e à sua ausência de retórica... De facto, *não há um só passo obscuro nas suas crónicas*. Os períodos podem ser por vezes longos, e até pesados: mas o *sentido nunca se apresenta duvidoso.*»

Importantíssimo é o cap. IV, que responde à pregunta *¿ Foi êle original ?*:

«Fernão Lopes não sòmente indicou o caminho aos historiadores modernos, sérios e cuidadosos, mas é também, *pelo seu estilo literário, um génio original de primeira ordem.*»

Transcreve em seguida o sr. Aubrey Bell, em colunas postas a par, dois passos paralelos de Ayala e de Fernão Lopes (*Coronica del Serenissimo Rey Don Pedro*, Pamplona, 1591, año 9, cap. 3, f. 60 v.; e *Cronica delRei Dom Pedro*, Lisboa, 1816, cap. XIX, pág. 55-6), mas faz reverter o confronto em grande honra de Fernão Lopes:

«Em primeiro lugar, pôsto-que o sr. Braamcamp Freire tenha mencionado que Fernão Lopes incluiu vinte linhas traduzidas de Ayala, na sua

Crónica de D. João I, nunca a sua dívida ao cronista espanhol foi posta em suficiente relêvo. Em segundo lugar, neste mesmo passo, *um dos poucos em que se pode dizer que Ayala igualou o que há de melhor em Fernão Lopes*, sente-se o tradutor *comer com os olhos os toques dramáticos*; e na verdade, no maravilhoso período em que se diz que *assi como yuan entrando por las puertas del palaçio y de las çamaras todavia yuan mas sin compaña* (1), Fernão Lopes *melhora o original*, passando os verbos do plural para o singular — *como ia entrando*, etc. Nota-se também que Fernão Lopes, acusado de excessivo amor do pormenor (2), *estava longe de ser a êste respeito escravo cego*, pois nessa mesma transcrição omite constantemente os nomes e minúcias em que o leitor português pouco poderia interessar-se...»

Desfazendo a possível acusação de plágio, diz depois o lúcido crítico:

---

(1) Ayala refere-se ao Mestre de Santiago, D. Frederico, e aos seus companheiros. O Mestre ía ter com o rei D. Pedro de Castela, a chamado dêste, que pouco depois o assassinava. Os seus companheiros, pressentindo o que estava para suceder, iam ficando pelo caminho e abandonando a vítima, que chegou ao quarto do Rei acompanhado apenas pelo Mestre de Calatrava, D. Diogo Garcia.

(2) Pelo sr. Fidelino de Figueiredo na *Hist. da Lit. Class. (1502—1580)*, Lisboa, 1917, pag. 45.

«A sua tarefa (de Fernão Lopes) era compilar uma narrativa seqüente da história de sucessivos reinados, usando de livre critério na selecção e inclusão de materiais, anónimos ou de autor conhecido, e tratando de dar ao conjunto um plano ordenado e uniformidade de estilo, que devia ser o do tempo em que escrevia. Se entendesse que Ayala era a melhor autoridade, *tinha o dever* de adaptar Ayala à sua história, pois dela havia de cuidar, mais que da sua própria reputação... Apropósito de um escritor de génio, e de génio *tão constantemente manifesto* como o de Fernão Lopes, é impossível tomar muito a sério quaisquer acusações de plágio.»

É muito perspicaz e convincente a argumentação de que o sr. Aubrey Bell se serve para atribuir a Fernão Lopes a autoria, tão misteriosa e discutida, da bela *Crónica do Condestabre*:

«¿ Quem, a não ser êle, poderia tê-la escrito? ¿ Quem, a não ser o copioso e discreto cronista de el-rei D. Duarte? ¿ Poderia ter havido dois Fernão Lopes numa só geração? ¿ Poderia alguém, salvo Fernão Lopes, ter exclamado, quando Nunálvares partilhou caridosamente a sua montada com o pobrezinho de Tôrres Vedras, *¡Ó que humano e caridoso senhor!?...*»

Seguem-se outros argumentos, mais directos mas não mais persuasivos do que estes, e que o Leitor de-certo poderá ver mais tarde, na tradução que urge fazer-se dêste valiosíssimo trabalho.

O capítulo VI começa assim:

«O natural génio de Fernão Lopes para contar uma história, carregando nos pormenores dramáticos, delineando caracteres e descrevendo as emoções de um povo, êsse génio, combinado com a magnitude de um tema nacional, faz da *Crónica de D. João I* uma *grande epopeia.* A *Crónica de D. Pedro* não possui a mesma unidade... mas contém algumas das scenas mais memoráveis, postas jamais no papel por Fernão Lopes ou qualquer outro escritor. Na *Crónica de D. Fernando* transporta-se a narração também a Espanha, como na de *D. Pedro;* mas ganha corpo e tem mais còr nacional. Na verdade estas crónicas não devem ser consideradas como obras diferentes, mas como capítulos de uma história nacional, com o seu auge na primeira parte da *Crónica de D. João,* que é coroa e glória da tarefa da vida inteira de Lopes, e felizmente foi conservada até nós como êle a escreveu. Para diante diminui o interêsse, apesar de o manterem vivo as batalhas fronteiriças e os grandes feitos de Nunálvares. Com um louvor a êste santo e herói nacional encerra Fernão Lopes *a sua tarefa esplèndida e esplèndida-*

mente desempenhada, depois de levar a sua história até a paz entre Espanha e Portugal, assinada em 1411.»

Conclui o sr. Aubrey Bell êste capítulo por lamentar que não tenhamos as crónicas escritas por Fernão Lopes nos anos de 1434 a 1442, e que nos dariam a sua própria narração das primitivas lutas contra os Mouros, da deposição de Sancho II, do reinado e carácter de D. Denís, e do romance de Inês de Castro. Mas aconselha-nos com bom-senso a não barafustarmos, como fêz Herculano (1), contra Rui de Pina, por nos ter desbaratado êsses tesouros, reescrevendo-os pela sua malfadada mão:

«Se Fernão Lopes foi *um grande génio*, e Rui de Pina o não foi, o mal é nosso e a desgraça é de Pina. Não devemos, porém, esquecer que tanto um como outro tinham na essência as mesmas vistas na matéria; que a obrigação do cronista oficial do dia era chamar a si e adaptar ao estilo da época o que achasse melhor entre o material fornecido pelos seus antecessores e contemporâneos.»

No cap. VII passa-se revista às principais personagens tratadas por Fernão Lopes e às grandes

(1) V. o nosso vol. I de *Fernão Lopes*, pag. XXI.

scenas que avultam magnificamente nas suas crónicas. A respeito da intervenção do povo na história diz o sr. Bell:

«Mencionam-se as acções e ditos dos grandes; mas os feitos e as próprias palavras do *poboo meudo*, da *arraia meuda*, são registados como assunto de não menor importância. Nesta sua apresentação do povo é que consiste *um dos maiores titulos da originalidade de Fernão Lopes e do seu direito à fama*. Entusiástico, ignorante, visionário, supersticioso, cruel, atroz nos seus momentâneos acessos de braveza, generoso no seu patriotismo, *o povo vem a ser o verdadeiro protagonista da sua história*. A cada passo um homem do povo, anónimo ou citado por nome (como Gonçalo, ovelheiro de Beja) emerge da multidão com o seu breve discurso ou simples frase, que (como o prof. Fitzmaurice-Kelly nota a respeito de Ayala) parecem, se é que não são, as próprias palavras proferidas. O dom da fala é dado até, e sem absurdo, à vera cidade de Lisboa. E são inúmeras as scenas que vivem para sempre, nas páginas dêste príncipe de cronistas... e colocam Fernão Lopes *entre os maiores escritores do mundo*.»

Depois de ter apresentado no cap. VIII duas transcrições de Fernão Lopes, para exemplificar *o ma-*

ravilhoso talento com que êle faz viver diante de nós as multidões e os grupos humanos (descrição das esperanças e temores do povo de Lisboa durante o cêrco, e do assassínio de Maria Teles); e para mostrar como, nas scenas de sossêgo ou tumulto, de paz ou de guerra, o escritor conserva sempre um tom de encantadora serenidade no meio da constante rapidez da narrativa — o sr. Aubrey Bell analisa, no seu nono e último capítulo, algumas encantadoras particularidades do estilo do cronista, e presta novas homenagens à sua honestidade de historiador. Em seguida conclui assim:

«*Fàcilmente excede Fernão Lopes tanto a Froissart como a Ayala, sendo muito mais largamente humano do que êles.* Ayala, mais austero, não tem o seu encanto; Froissart, mais intelectual, tem talvez o encanto e o atractivo, mas não a sua bondade e amor do próximo. Pode o alcance das aventuras que o português relata ser mais estreito que o das do Froissart; mas, dentro dos seus limites, Fernão Lopes tem *uma profundeza e universalidade nunca atingidas por Froissart;* e em-quanto êste se contenta de pôr em crónica os feitos de senhores e de príncipes, *aquele mostra-nos como vive, e actua, e fala, uma nação inteira.* Ambos são verídicos, convincentes e maravilhosamente

vívidos; mas Froissart é o cronista palaciano de aparências e acções externas; e Fernão Lopes *o historiador nacional das palpitações do coração de um povo.* Foi bom que, antes do advento da arte adulta e assente de Commynes, e do estilo consciente e empolado de Azurara, um escritor de génio pudesse ter mostrado o que era possível conseguir sem referência a terras estranhas ou a narrativas de aventuras indianas, e sem atochar as suas páginas de latinismos e retórica Não sacrificando, por um lado, a dignidade e a verdade da história, nem, por outro, a frescura e a individualidade, Fernão Lopes *ergueu um duradoiro monumento à nação* a cujos interêsses era tão devotado. Se Portugal não possui epopeias primitivas, como o maravilhoso *Poema del Cid,* com cujo espírito Fernão Lopes tanto tem de comum, pode orgulhar-se ao menos de haver gerado um cronista a cuja fascinação é inevitável que cedam todos os que o leem, e *cuja preeminência não foi universalmente reconhecida*, *só porque êle escreveu numa lingua menos universal que o francês.* Fernão Lopes é do melhor da Idade-Média. *É um dos mais esplêndidos legados que ela deixou à humanidade*, e enfileira com as grandes catedrais góticas, por ser, como elas, mais a expressão de todo um povo que a dum simples indivíduo. A sua obra-prima, a *Crónica de D. João I*, foi, na ver-

dade, escrita para o povo, sob o domínio de um grande entusiasmo nacional, com o qual o cronista estava absolutamente identificado.»

*

* *

O altíssimo conceito que ao sr. Aubrey Bell merece Fernão Lopes ficou bem marcado e bem documentado neste seu trabalho sôbre o grande escritor. Mas, além dêsse trabalho especial que acabamos de extractar, publicou também recentemente o erudito e lúcido crítico inglês outro de maior tômo, de mais amplo tema e de não menor serviço a Portugal e às letras portuguesas.

Referimo-nos ao livro *Portuguese Literature* (Oxford, at the Clarendon Press, 1922, 375 páginas, de grande formato inglês) precioso guia, necessàriamente sucinto em muitos pontos, e sobretudo no que respeita à nossa literatura contemporânea, mas onde aparecem tratados com suficiente desenvolvimento as grandes figuras e os grandes problemas da nossa história literária medieval, clássica e romântica, e onde não só o público de língua inglêsa, mas nós próprios, Portugueses, temos muito que aprender, pois não há na nossa língua trabalho que se lhe compare e o substitua, dado o conhecimento profundo que o Autor

tem das literaturas estranhas e sobretudo da espanhola, e o seu carácter de estranjeiro, fonte de objectividade crítica, cheia ao mesmo tempo de simpática admiração e edificante conselho.

Com êste livro, que muito convinha traduzir em português para benefício da educação literária de Portugal e Brasil, ganhou o sr. Aubrey Bell novo título de crédito perante a nossa gratidão. Nêle se refere naturalmente a Fernão Lopes, consagrando-lhe perto de cinco páginas (81 a 85), e inserindo algumas observações que não estão incluídas no seu trabalho especial sôbre o nosso cronista, e que por isso muito importa trasladar para aqui em resumo:

«... Fôssem quais fôssem as fontes que utilizou, Fernão Lopes imprimiu às suas obras a sua individualidade própria... Leva grande vantagem *(easily excels)* a João Villani e a Pedro López de Ayala, do último dos quais Menéndez y Pelayo disse (Antologia, IV, p. XX) que *que nada hay semejante en las literaturas extranjeras antes de fin del siglo XV*. Estas palavras conveem melhor a Fernão Lopes. Ayala *tem de descer do pedestal* em que Menéndez y Pelayo o colocou, visto que só por excepção (*occasionally*) remonta *ás alturas de Fernão Lopes*... Ao lado da prosa laboriosa e da precoce sapiência de el-rei D. Duarte, esta cria-

tura genial parece dar rédea solta à sua pena; mas a sua grandeza e o seu direito a colocar-se *acima de todos os cronistas contemporâneos*, não só de Portugal, *mas da Europa*, veem-lhe de ter combinado essa espontaneidade com o escrúpulo de um historiador exacto... Cada frase sua tem vida; o estilo narrativo é nêle infalivelmente rápido e directo. Por vezes repercute-se nas suas páginas o tropel de cavalos a galope, ou o forte marulhar de uma turba. Consegue cravar a cada passo a atenção do leitor — do ouvinte — com alguma frase cativante, com a sua sabedoria amàvelmente expressa, com a agudeza que lhe é peculiar, e a sua admiração das *maravilhas que Deos faz*, ou dos feitos dos seus heróis (*Oo que fremosa cousa era de ver!*). As suas crónicas não são apenas uma seqüência de scenas imperecivelmente vivas... mas desenham com perfeição e talentoso cuidado o carácter dos actores... Que Lopes deu atenção ao seu estilo prova-se com o modesto pedido que faz ao leitor, de não esperar *fremosura e afeitamento das palavras*, mas apenas os factos *breve e sãamente contados, em bom e claro estilo*. O seu estilo é sempre claro e natural, servo fiel do assunto, capaz de traduzir admiràvelmente a côr e o som dos sucessos descritos. E os seus períodos mais longos nunca são obscuros...»

Dedica por último o sr. Aubrey Bell uma página à prova de que a *Crónica do Condestabre* deve ser atribuída a Fernão Lopes, terminando pelo seu argumento favorito:

«... O estilo das duas obras é concludente. Uma só idade não produz dois Fernão Lopes, assim como não produz dois Montaigne ou dois Malory.»

*

* *

Terminada a interessantíssima transcrição dos dois trabalhos do sr. Aubrey Bell em que a figura literária de Fernão Lopes é estudada com tanto desenvolvimento, objectividade e documentação, creio que o Leitor concordará com o título por nós pôsto a êste capítulo: *Fernão Lopes vingado pela crítica literária estranjeira.*

Vingado — e bem vingado. Não será fácil, agora, que Portugal continue a olhar distraìdamente, quando não a ignorar por completo, uma das suas glórias mais belas ou mais indiscutíveis; e que todo o mundo culto se demore muito a descobrir, em-fim, o rival feliz dos Froissart e dos Ayala.

Para o ajudarem, como cumpre, nesse inevitável descobrimento, urge agora que as nossas instituïções literárias mais empreendedoras e bene-

méritas, como a Academia das Sciências e a Biblioteca Nacional de Lisboa, auxiliadas pelo Govêrno, pelas Faculdades de Letras, pela nossa ilustre falange erudita e, se tanto fôr preciso, pela munificência dos amadores e patriotas ricos — se empenhem na elaboração de edições correctas e acessíveis das *Crónicas de D. Pedro I* e de *D. Fernando,* e da segunda parte da de *D. João I.*

A demora no cumprimento dêste dever sagrado seria, hoje, uma tristíssima vergonha nacional.

IV

A LIÇÃO DE FERNÃO LOPES

Parece inexplicável, à primeira vista, que um escritor tão grande como Fernão Lopes tenha passado até hoje despercebido, ou quási, à maioria dos Portugueses mais ou menos letrados.

A explicação é, porém, das mais simples e das mais naturais: esta dificuldade que temos tido em descobrir o valor de Fernão Lopes vem sobretudo de que êle foi um artista natural e simples, e outro-sim de que nós, por temperamento orgânico e por secular educação, estimamos ou veneramos fàcilmente o que é difícil, e recusamos com suposta esperteza o nosso aplauso às formas de expressão que não venham alagadas em muito môlho de pretensão e retórica.

Êste é um grave estigma de barbaridade e selvajaria, ou sintoma de doença cerebral de que só pode curar-nos radicalmente, uma educação apropriada. Mas ¿ como havemos de querer essa educação, se nem sequer damos pela doença, ape-

sar de sabermos que a beleza clássica é simples, que só a naturalidade tem assegurada a eternidade, e que a complicação e o artifício apenas podem ser compreendidos, quando o são, pelas gerações que os produzem ? ¿ Pois não vemos ainda hoje, olhando à roda, medrarem e fazerem partido pseudo-pensadores que ninguém entende ?

Os pretos gostam de missanga, e estão no seu direito ; o que não podem é exigir que os tomem por brancos, exactamente quando se mostram escuros em face da escuridão mascarada de luz.

Meditemos estas palavras de P. Lacombe, que parecem escritas para fazer por contrariedade a consagração de Fernão Lopes :

«Dans les siècles grossiers, où les hommes sont mal élevés, où personne ne se contraint et ne cache son fond, l'auteur se fait valoir naïvement. La préoccupation naturelle, que chacun a de donner bonne opinion de soi, se traduit par un étalage de science, d'imagination ou d'ingéniosité, de quelque chose enfin que le sujet n'appelle pas, et qui ne profite pas au sujet. Sacrifier les intérêts du sujet pour se mettre en relief, est le trait commun aux auteurs de ces temps, le trait immanquable.» (1)

(1) V. *Introduction à l'histoire littéraire*, Paris, 1898, pagina 74.

O tal *traço infalível* apresenta-o, por exemplo, Azurara, que veio depois de Fernão Lopes; mas neste último falhou completamente, o que nos daria um dos traços infalíveis do seu génio, se a observação de Lacombe fôsse exacta.

Múltiplo é, porém, o génio de Fernão Lopes, como o Leitor bem viu, no estudo de Jaime de Magalhães Lima e nas transcrições de Aubrey Bell. E se essa múltipla genialidade o fêz superior ao seu século por muitos aspectos, não menos certo é que, ainda neste nosso século, apesar de meio milénio distante do dêle, nos convém tomá-lo por mestre e atender à sua copiosa lição. E já que temos debaixo de mão o Lacombe, chamemo-lo outra vez a capítulo, para que nos diga como poderemos utilizar Fernão Lopes e fugir, ajudados por êle, ao desnorteamento literário dêstes tempos doidos e maus:

«Há outras épocas em que o público está fundamente dividido em partidos políticos, religiosos ou económicos... Agitam o ambiente opiniões adversas, interêsses contrários, terrores e ódios recíprocos entre as classes. Porque muitos execram o que existe e tal como existe, sopra um vento de renovação, que, levantando-se primeiro fora da literatura, acaba por atingi-la também, como ao resto... Assiste-se então ao mais destrambelhado espectá-

culo; conseguem preconizar-se e triunfar, nessa atmosfera tumultuosa e ciclónica, as formas de maior extravagância. E aparecerá quem apenas saboreie o repugnante, e não compreenda senão o incompreensível...» (1)

¡ Calmantes! calmantes! aos que, numa dança macabra, epiléptica e louca, semelhante à da lenda mediévica (2), insensíveis à voz da Razão, do Equilíbrio e da Ordem, se afundam, perdidos, pela terra dentro...

*

* *

¿ E a voz do Patriotismo? Essa ouve-se, bem sonora, em Fernão Lopes, já cuidadosamente lido num ou noutro liceu, ao que nos dizem, por iniciativa de professores que mostram assim saber do seu ofício, corrigindo a pouca ou nenhuma importância que lhe dão, como educador cívico, os programas oficiais.

Nós, Portugueses, não temos só uma epopeia nacional: temos duas. E a *Crónica de D. João I* é mais épica do que *Os Lusíadas*, e muito mais nacional. «Os Lusíadas *são a epopeia, não de Portugal só,*

(1) P. Lacombe, ob. cit., Paris, 1898, I, pag. 75 e 76.

(2) V. *Ant. Port., Bernardes*, I, pag. 151 a 154.

mas das Espanhas» — gabam-se, com tal ou qual motivo, os Espanhóis. Fernão Lopes, êsse, não deixa lugar a confusões. Dêle e por êle temos a glorificação da nacionalidade a firmar-se; e sem esta não poderia Camões ter celebrado a nação que se expandiu.

O épico da Renascença culta é, por definição e por escola, cosmopolita e universal; o prosador gótico, ao contrário, ficou dentro das fronteiras que a velha Grei ajudara a fechar com o seu sangue e que êle quis deixar bem marcadas pelo poder maravilhoso da sua pena. Tanto assim que a geração que no século XVII refêz a Independência bem o sentiu e soube, quando, logo em 1644, deu pela primeira vez à estampa a *Crónica de D. João I*, com o intuito declaradamente cívico e pedagógico de *pôr a grande luz os feitos dos Portugueses daquele tempo, quanto mais que os exemplos que nos deram são poderosos para nos obrigar a os imitar.* (1)

Depois impõe-se-nos, entre Fernão Lopes e Camões, outra diferença grande, e de oportuno significado. Camões, o fidalgo, propôs-se apenas cantar, além das armas, *os barões assinalados*; e Fer-

(1) Assim diz o P.^e M.^e Frei Inacio Galvão, na licença do Santo Ofício, dada em 14 de Novembro de 1642, para publicação daquela *Crónica.*

não Lopes, vindo do povo, quis — manifesta e vitoriosamente quis — meter o povo na sua história. Quis metê-lo como actor principal, fazendo-o falar, e pulsar, e rugir, a par dos grandes, senão acima dêles, como não fêz no mundo inteiro, nenhum outro historiador da sua idade e das seguintes. E quis atraí-lo e prendê-lo como ouvinte ou leitor, escrevendo tal qual o povo falava, chamando *sol* ao sol e *mar* ao mar, sem meter os Febos e os Neptunos de permeio entre o sábio que escreve e o ignorante que lê. E foi tão grande o seu triunfo, que ainda hoje, e amanhã como hoje, poderá senti-lo e gozar-lhe as melhores páginas qualquer cachopa ou rapazelho dos nossos campos, sem necessidade de aprender latim, mitologia e retórica, bastando que se lhe traduza aqui e além um ou outro nome ou partícula, que o rodar de cinco séculos foi lançando em desuso.

Há mais de cem anos andamos a imaginar que fazemos revoluções democráticas, e a triste verdade é que ainda nem sequer ensaiámos a primeira. Prova real disto, se ainda fôsse precisa, em presença do que para aí temos visto, dar-no-la-ia êste simples facto de havermos desprezado até agora o nosso velho e valente correligionário Fernão Lopes. Nem aos liceus o temos dado a ler, a meias com Camões, como devíamos — ¡ e devíamos e podíamos dá-lo a ler às próprias es-

colas primárias de continuação — se as houvesse.

¿E hoje, então?... Há já para aí jornais, possessos de internacionalismo delirante, que se gabam de ser *apatriotas* — palavra tão horrenda como a ideia desumana que quer representar. E pobres rapazinhos que os leem matam e morrem com dinamite, e nas suas algibeiras aparecem retratos dos doidos lúcidos, tártaros ou judeus, que lá por fora assassinaram um povo de milhões de almas, em holocausto a práticas políticas ou sociais de manicómio borracho. Se algum dia tivermos em Portugal uma escola primária digna dêste nome, aí se lerão extractos de Fernão Lopes; e o comentário inteligente que dêles se faça, sem destruir os laços de tôda a ordem que podem e devem existir entre duas gloriosas nações livres e amigas, ensinará às crianças, indelèvelmente, que um povo pequeno, que mora ao pé de um povo grande e de língua diversa, tem de escolher por fôrça entre ser patriota ou ser escravo.

*

* *

Subamos porém outra vez da política para a literatura, e continuemos êste exame sumário às várias facetas do génio de Fernão Lopes.

E, antes de mais nada, ¿que coisa é génio em literatura? *É uma longa paciência*, disse Buffon, e disse bem; mas eu desejaria encontrar para o génio literário uma definição ainda mais afugentadora, e portanto ainda mais educativa do que esta. Não a tendo guardada no meu pequenino armazém de erudição, vou apresentar a que inventei agora, e que, de duas uma, ou é boa, e então certamente já estava inventada; ou não presta senão para o meu intuito dêste instante, e depressa perderá a existência lúcida e efémera que teem as definições, as borboletas e as rosas.

Digamos então que o homem de génio literário *é uma grande alma, dotada de um grande talento, portadora de uma grande ideia ou de um grande assunto, sedenta de uma grande perfeição, bem plantada sôbre um grande senso humano ou um grande saber, e capaz de uma grande persistência no esfôrço criador.*

¿Ficará assim bem vestido de expressão o conceito de *génio* em literatura? Muito de propósito acumulámos na nossa síntese a palavra *grande*, e agora empregamos a respeito dela a palavra *vestido*. Queremos êsse vestido bastante amplo para nêle caberem sem apêrto nem ridículo todos aqueles que nos espantam pela sua grandeza genial: Homero, Dante, Fernão Lopes, Gil Vicente, Shakespeare, Molière, Cervantes, Frei Luís de Leon,

Camões, Milton, Goethe, Heine, e os outros. E queremos que os meninos que começam a escrever, e mesmo aqueles que continuam, percebam bem que o génio literário não é um sarampelho precoce, nem uma gracinha que desponta ao mesmo tempo que o buço, nem ainda um presente de Deus, sem mais nada.

«O culto dos grandes génios literários (disse eu algures, a respeito de Camões) é em regra incompleto e deficiente, porque se limita a celebrar-lhes o génio (leia-se a *inspiração genial*) deixando na sombra o trabalho, a erudição, o esfôrço miúdo e paciente por êles consumido a assentar gravemente a fantasia sôbre a exactidão e a verdade, a construir a beleza sôbre a sciência e o saber. É um culto de preguiçosos e de cábulas, dispostos a glorificar assim a própria ignorância e a própria preguiça, ao exaltarem nos grandes a inspiração que Deus lhes deu dada, deixando no escuro o fundo de ilustração que êles amealharam em longas vidas de estudo, com o suor dos seus rostos.» (1)

Todos os meninos que começam a escrever, (e muitos daqueles que continuam) livrem-se e livrem-nos de se encafuarem em roupas em que fi-

(1) *Jornal do Commercio*, edição da tarde, Rio de J., 17 de Julho de 1915, apropósito de *A astronomia dos Lusíadas*. do dr. Luciano Pereira da Silva.

cam a nadar, supondo-se vestidos de génio, mas na verdade afogando-se em grotesco. *Cresçam e apareçam*, dizemos nós às formigas com catarro. E *cresçam*, aqui, quer dizer também que aprendam, e que trabalhem.

Costuma-se dizer que o génio literário português é *lírico*, e pode ser que o fôsse noutro tempo. Hoje, será mais justo chamar-lhe apenas *amoroso... e preguiçoso*. Canta o mancebo, ao despontar do sexo, *l'éternelle chanson*, e por sinal não tão bem como a rôla ou o rouxinol. E depois de nos ter impingido as suas impressões mais que sabidas e mais que suspeitas sôbre *a cuia de Elvira*, como dizia Eça de Queiroz, aposenta-se em pai de família e em maçador. ¿ Lirismo, esta miséria?... Só uma alma grande tem o direito de propinar ao público as suas confissões; e para que o faça sem ridículo, e sem tédio do auditório, ainda lhe é preciso ter talento com que dê forma nova às coisas velhas ou eternas. As almas pequenas, e até as de tamanho natural, procurem no mundo exterior, na vida do Homem sobretudo, a sua inspiração, e assim nos maçarão menos. E o lirismo lá virá fatalmente, de envôlta com a sua interpretação pessoal da sociedade, da humanidade, do universo ou da vida. Gil Vicente foi lírico nas suas comédias. Camões foi lírico na sua epopeia. O assunto atropela-se ao redor de nós; os velhos te-

mas humanos aí estão, *res nullius* ou *res omnium*, à espera de quem os retome e os remodele. Disse-se de Latino Coelho que foi tôda a sua vida apenas um estilo em busca de um assunto. Antes isso, do que a falta de estilo casada com a falta de assunto — as bodas da Fome com a Vontade de Comer, de que nos fala a cantiga popular, e com que nos enfastiam tantas *novidades literárias*, velhas e até caquéticas de nascença. Mobilem primeiro a alma de ideias, de noções, de ideais, de pontos de vista elevados; estudem a língua honestamente, porque não vale a pena tocar num berimbau nem mesmo a *Sonata Patética*; e quando tiverem dentro da alma alguma coisa mais que as paredes, e quando souberem escrever o português melhor que a sua cozinheira ou o marechal Joffre, que nunca o aprenderam, lembrem-se de que a Vida é mais alguma coisa do que amoricos e namoricos; que a psicologia humana não está confinada às alcovas e aos *five o'clock teas;* que já nos fartaram de freirinhas e de ferro-velho; que a tradição nacional não é só o fado, e o vira, e a saüdade que já fede...

Há aí uma tragédia ou uma epopeia universal de incertezas, de ansiedades, de loucuras, de ódios, de cobiças, de ameaças tremendas; há aí uma nação em naufrágio, vitimada e aflita, a gritar que

passou a hora das futilidades e das bugigangas; há aí uma fome de carácter e um dilúvio de podridão; há aí assunto que chegue e sobre para mil homens de génio; e há ainda e sempre, ao alcance de todos, a constelação luminosa e eterna dos grandes astros da literatura, para nos ensinar o que é o génio e — ai de nós! — o que o não é.

Uma época de dissolução, de destruïção, de materialismo selvático, de loucura colectiva geral, como esta que atravessamos há anos, está a pedir uma literatura construtiva, reparadora, idealística, ajuïzada e calmante. Se tal reacção se não der, e de-pressa, a regressiva acção actual levar-nos há muito longe... e muito atrás.

O assunto de Fernão Lopes foi a história de Portugal, desde o conde D. Henrique até D. Duarte — mais de duzentos anos da existência de uma nação que nascera e crescia. Êste pouco...

E, para o tratar como convinha, o grande homem, cônscio das suas enormes responsabilidades, encostou-se a duas musas: a Exactidão e a Clareza. Leia-se o prólogo da *Crónica de D. João I*, com que abrimos êste volume, e onde êle começa por definir quais são os sentimentos e obstáculos

que se opoem à imparcialidade da História, e acaba por exclamar, justamente orgulhoso da honestidade do seu trabalho: *¡Ó com quanto cuidado e dilig`ncia vimos grandes volumes de livros, de desvairadas linguagens e terras, e isso-mesmo públicas escrituras de muitos cartários e outros lugares! — nas quais, depois de longas vigilias e grandes trabalhos, mais certidão hacer não podemos da contida em esta obra.*

Esta foi a parte consciente do seu génio e da sua criação literária — documentos claros e brilhantes de um grande carácter: aceitou a tarefa esmagadora; sentiu em si, portanto, as altas qualidades necessárias para a pôr em obra; executou-a inteiramente; procurou a maior perfeição na imparcialidade serêna do julgamento, na busca minuciosíssima da prova, no empenho de ser não só verdadeiro, mas claro, para que o entendesse bem um povo inteiro, pequeno mas heroico. E ¡quem sabe se não foi da escritura do seu cronista que êste povo tomou, como num espelho tónico, a plena e fecunda consciência do seu valor e da sua fôrça, com que logo depois avançou para aventuras e feitos que então pareciam, e ainda hoje parecem, sobre-humanos!

Mas Fernão Lopes desculpava-se de não ser empolado e difícil: *Se outros, porventura, em esta* Crónica *buscam formosura e novidade de pala-*

vras... desprazer-lhes há-de nosso razoado, muito ligeiro a êles de ouvir... ¿ Que lugar nos ficaria para a formosura e afeitamento das palavras, pois todo nosso cuidado, em isto despeso, não basta para ordenar a nua verdade ?

Enganava-se, o admirável escritor, supondo que na sua escrita não havia *formosura e novidade de palavras.* E havia lá tanta formosura, da boa, da que não envelhece nem murcha, que ainda hoje a lá encontra quem sabe que nas literaturas, como nas Sulamites, uma garganta fresca e moça é mais formosa do que as gargantilhas. E havia lá tanta *novidade de palavras*, que a posteridade chamou a Fernão Lopes o *pai da prosa portuguesa*, consagrando-o assim, não apenas como inovador, que êle supunha não ser, mas como criador, que é muito mais do que isso...

No em-tanto, enganando-se, adivinhava—tão certo é que os grandes, mesmo errando, servem de lição aos pequenos. Quando êle dizia que o seu razoado era *muito ligeiro de ouvir*, aos que só buscam *formosura e novidade de palavras*, estava prevendo, sem dar por isso, a falsa opinião de tantas gerações de artificiais, de empolados, de complicados, que vieram depois dêle e o ignoraram, ou desprezaram, ou desqualificaram, por suporem que a sua simplicidade era fácil, que a sua lisura era bárbara, que aquela maravilha de narração

dramática, aquela enérgica pintura de caracteres, de lutas, de enredos, de ânsias e revoltas populares, precisava de ser repintada para ficar mais bela ou mais viva.

E repintaram-no muitos, e poucos lhe disseram *obrigado*, e alguns, coitados, até estragaram o melhor da pintura...

*

* *

Fernão Lopes quis ser historiador, e conseguiu-o genialmente, como está dito e provado, criando de si próprio a concepção popular da história, traduzindo *as palpitações do coração de um povo*, inventando e praticando um método que só séculos mais tarde foi reencontrado e melhorado. E ao mesmo tempo, sem o saber, impôs-se, assim, como artista literário de primeira grandeza, porque juntava a faculdades de expressão tão dominadoras que sòzinhas refundiram e firmaram a língua, o instinto divinatório da beleza trágica ou dramática, e o sentimento da proporção e da composição. Emoldurados no caixilho grave, minucioso e pesado da obra histórica, deixou-nos êle, por isso mesmo, uma longa série de quadros soberbos, que estavam ali como perdidos, explicando em parte, e até certo grau justificando, o tempo que levámos a dar com êles. O que se admira nessas obras-primas, que,

juntas entre si e separadas da moldura documental e pròpriamente histórica, constituem uma fascinadora novela — é a firmeza, a energia e a precisão do traço. Não há nada a mais, mas não falta nada do que era preciso para comover ou sugerir. Corre veloz o drama, como em certas peças do teatro francês contemporâneo. Uma ou outra minúcia, indiferente à verdade da grande história, tal como a concebiam ao tempo e ainda muito mais tarde, denuncia, exactamente por isso, o instinto ou propósito literário com que foi escolhida e relevada. E muitos capítulos fecham com uma nota ou uma frase de tanta côr e intuição, que é como o cair do pano sôbre um acto bem proporcionado e bem conduzido.

*

* *

Et cœtera...

A nossa Antologia de Fernão Lopes, anunciada para dois volumes, terá de alargar-se por mais um, visto que neste segundo só couberam metade das mais belas páginas que encontrámos na primeira parte da *Crónica de D. João I*. No terceiro tômo, que breve se seguirá, temos de reünir essa parte que aqui não coube. E na respectiva *Introdução* continuaremos o estudo agora encetado, e que a falta de tempo e de espaço nos obriga a interromper.

O Leitor nos desculpará, se errámos muito. Consola-nos a ideia de que teremos errado em boa companhia e com boa intenção. ¿De boas intenções está cheio o Inferno? É possível que sim; mas essas serão, de-certo, as únicas belezas do lugar...

Não nos faltam, nas letras portuguesas contemporâneas, excelentes poetas, que honrariam qualquer literatura. Temos vários narradores de imaginação e de talento, alguns dêles conscienciosíssimos artistas. Mas nunca serão de mais os conselhos que — apropósito de um grande exemplo de *patriotismo construtivo,* de génio *equilibrado e claro,* de *persistência no esfôrço criador,* de sciência e *consciência da composição* — se derem aos moços portugueses desta época turva e histérica, em que o trabalho assíduo, a razão serena, o sentimento nacional, o espírito de sacrifício, a coragem das construções lentas e sólidas, o próprio orgulho da civilização, a própria esperança na perfectibilidade humana, parecem ter cedido o passo a desequilíbrios, febres, delírios, fantasmas, egoísmos, terrores, desesperos e loucuras de péssimo agoiro.

Arte é arte e moral é moral, certamente. E contudo, no estado a que chegou por todo o mundo a sociedade, mais do que nunca soa certo o dito de Buffon, de que *a maneira por que uma verdade se exprime será mais útil à espécie humana, do que*

a essência dessa mesma verdade... O povo afastou-se das religiões, e não sabe entender os filósofos. Mais do que nunca, portanto, cumpre ao artista ser sábio e proceder como padre. Só êle conseguiria agora, salvando os restos positivos da civilização, acrescentar emendas úteis e novas melhorias à herança recebida e ameaçada.

Dickens (nota Baldensperger) contribuiu na sua época para amaciar a organização social da Inglaterra; Dante serviu longo tempo de pátria única a uma nação esmigalhada; Cervantes deitou por terra a panóplia vazia do velho ideal cavalheiresco. E nós poderíamos acrescentar, por um lado, que o próprio Cristianismo triunfou em grande parte pelo elemento de arte ou de poesia que em si continha; e, por outro lado, que uma das raizes da anarquia moral em que Portugal se debate é a literatura dissolvente de Queiroz, de Junqueiro, de Oliveira Martins e do próprio Camilo. Mas poderíamos também esperar e acreditar, talvez como última fé, que o teatro, o livro, o mesmo cinematógrafo, profuso e nocivo, que a estupidez humana abandonou ao industrialismo e à mercancia, conseguiriam ainda agora salvar os homens pela arte edificante, como Cristo outrora os remiu pela morte dolorosa.

Lisboa, 22 de Março de 1922.

A. DE C

FERNÃO LOPES

Primeira Parte da «Cronica delRei dom João, da boa memoria»

I

I

PRÓLOGO DA CRÓNICA

GRANDE licença deu a afeição, a muitos que tiveram carrego de ordenar histórias, mòrmente dos senhores em cuja mercê e terra viviam, e onde foram nados seus antigos avós, sendo-lhes muito favoráveis no recontamento de seus feitos. E tal favoreza como esta nasce de mundanal afeição, a qual não é salvo (1) conformidade de alguma cousa ao entendimento do homem (2).

---

(1) =*a qual afeição* (simpatia, preferência, parcialidade) *não é senão.*

(2) O período seguinte desenvolve e completa o sentido destas palavras, arrevesadas de-certo para o leitor de hoje, cujo cérebro está habituado à gíria moderna da filosofia ou da psicologia. O que F. L. quer dizer é que a tendência para a parcialidade existe no escritor, quando a sua inteligência ou juízo *(entendimento do homem)* se exercem sôbre assuntos a que êle está ligado

Assim (1) que a terra em que os homens, por longo costume e tempo, foram criados, gera uma tal conformidade entre o seu entendimento e ela, que, havendo de julgar alguma sua cousa, assim em louvor como por contrário, nunca por êles é direitamente recontada; porque, louvando-a, dizem sempre mais daquilo (2) que é, e, se de outro modo (3), não escrevem suas perdas tão minguadamente como aconteceram (4).

Outra cousa gera ainda esta conformidade e natural inclinação, segundo sentença de alguns, dizendo que o pregoeiro da vida, que é a fome, recebendo refeição para o corpo, o sangue e espíritos (5) gerados

---

(conformidade de alguma cousa) por quaisquer relações de dependencia ou simpatia pessoal. Tão claro e actual quando narra, apesar da sua vetustez, o grande cronista torna-se um tanto gago, quando filosofa. Não o deprimamos por tão pouco, visto que o mesmo acontece a João de Barros, apesar de ter nascido mais de um século depois de Fernão Lopes.

(1) = assim é.

(2) = do que aquilo.

(3) = se, pelo contrário, teem de acusar.

(4) = procuram atenuar os desastres ou os aspectos desfavoráveis.

(5) Hoje diz-se: *o físico e o moral.*

de tais viandas teem uma tal semelhança entre si, que gera esta conformidade. Alguns outros tiveram (1) que isto descia na semente, no tempo da geração, a qual dispõe de tal guisa aquilo que dela é gerado, que lhe fica esta conformidade, tão bem acêrca da terra, como de seus dividos (2). E assim parece que o sentiu Túlio (3), quando veio a dizer: *Nós não somos nados a nós mesmos, porque uma parte de nós tem a terra e outra os parentes.* E portanto o juízo do homem acêrca de tal terra ou pessoas, recontando seus feitos, sempre çopega (4).

Esta mundanal afeição fêz a alguns historiadores, que os feitos de Castela com os de Portugal escreveram (pôsto-que homens de boa autoridade fôssem) desviar da di-direita estrada e correr por semideiros (5) escusos, para as mínguas das terras de que eram em certos passos claramente não

(1) = entenderam.

(2) Por palavras modernas: *Estamos sujeitos á influência do ambiente e á da hereditariedade. Dividos* é o mesmo que *parentesco.*

(3) = *Cícero* (Marco *Túlio* Cícero). Sempre assim lhe chamam os nossos velhos escritores.

(4) = *escorrega.*

(5) = atalhos.

serem vistas; e especialmente no grande desvairo (1) que o mui virtuoso Rei da Boa Memoria, D. João, cujo regimento e reinado se segue (2) houve com o nobre e poderoso rei D. João de Castela, pondo (3) parte dos seus bons feitos fora do louvor que mereciam, e em-adendo (4) em alguns outros da guisa que não aconteceram, atrevendo-se a publicar isto em vida de tais que lhes foram companheiros (5), bem sabedores de todo o contrário.

Nós, certamente, levando outro modo, posta adeparte tôda afeição que por azo das ditas razões haver podíamos, nosso desejo foi em esta obra escrever verdade sem outra mistura, leixando nos bons aqueecimentos (6) todo fingido louvor (7); e nuamente mostrar

---

(1) = desavença.

(2) A palavra *regimento* refere-se à parte da Crónica onde se contam os feitos que D. João praticou, não ainda como rei, mas como *regedor e defensor do Reino*.

(3) Sujeito: *alguns historiadores*.

(4) Cf. o castelhano *añadir* = *acrescentar*.

(5) = *contemporâneos, testemunhos* (dos tais *bons feitos)*.

(6) = *acontecimentos*.

(7) = *excrescente, desnecessário, excessivo*.

ao povo quaisquer contrárias cousas, da guisa que avieram (1). E se o Senhor a nós outorgasse o que a alguns escrevendo (2) não negou (convém a saber: em suas obras clara certidão (3) de verdade) não sòmente mentir do que sabemos (4), mas, ainda errando, falso não queríamos dizer — como assim seja que outra cousa não é errar, salvo cuidar que é verdade aquilo que é falso. E nós, engando (5) por ignorância de velhas escrituras e desvairados autores, bem podíamos, ditando (6), errar; porque, escre-

---

(1) O texto diz *aveherõ*.

(2) = *que escrevem*. Cf. acima *alguns dizendo*. Aqui o part. funciona como oração relativa adjectiva, à francesa. Vê-se que no tempo de F. L. esta construção não se julgava afrancesada — ou que o purismo ainda não tinha nascido.

(3) = *certeza*.

(4) = *não sòmente (nõo queriamos) mentir conscientemente*. A ideia de *mentir inconscientemente* vem logo adiante, expressa pelo particípio *errando*.

(5) O texto diz *emgamdo*, e o *Dic.* de Morais traz o verbo *engar*, com o sentido de *apertar*, atribuindo-lhe o étimo *eng*, alemão. ¿Não será *enganado*?

(6) = *escrevendo*.

vendo homem (1) do que não é certo, ou contará mais curto do que foi, ou falará mais largo do que deve; mas mentira, em êste volume, é muito afastada de nossa vontade. Ó! com quanto cuidado e diligência vimos grandes volumes de livros, de desvairadas linguagens e terras — e isso-mesmo (2) públicas escrituras, de muitos cartários (3) e outros lugares! Nas quais, depois de longas vigílias e grandes trabalhos, mais certidão haver não podemos da contida em esta obra (4). E, sendo achado em alguns livros o contrário do que ela fala, cuidai que não sabedormente, mas errando muito, disseram tais cousas.

Se outros, por ventura, em esta *Crónica* buscam formosura e novidade de palavras, e não a certidão das histórias, desprazer lhes há-de nosso razoado, muito ligeiro a êles de ouvir, e não sem gram trabalho, a nós, de

---

(1) = *a gente, uma pessoa*, com o sentido do pron. indef. *se*. Cf. o *on* francês, cuja origem é *homme*.

(2) = *também, igualmente*.

(3) = ***arquivos, tombos***.

(4) da contida = *que a contida* (*contheúda* diz o texto).

ordenar. Mas nós, não curando de seu juízo, leixados os compostos e afeitados razoamentos, antes pomos (1) a simples verdade, que a aformosentada falsidade. Nem entendais que certificamos cousa, salvo de muitos aprovada, e por escrituras vestida de fé (2). De outra guisa, antes nos calaríamos, que escrever cousas falsas.

¿Que lugar nos ficaria para a formosura e afeitamento das palavras, pois todo nosso cuidado, em isto despeso, não basta para ordenar a nua verdade?...

---

(1) O texto diz *antepoemos*

(2) O texto diz *vestidas*.

II

CÊRCO AO ANDEIRO

Usando o Conde (1) por tempo daquela gram maldade que dissemos, dormindo com a mulher do seu senhor, de quem tantas mercês e acrescentamento havia recebido, não soou isto assim simplesmente nas orelhas dos grandes senhores e fidalgos, que lhes não gerasse grande e assinado desejo de vingar a desonra de el-rei D. Fernando.

Mas, a pôr isto em obra embargavam muito duas cousas: a primeira, ser o Conde guardado de muitos e bons fidalgos, que o sempre acompanhavam de dia e de noite; a segunda, que quem se a tal feito pusesse aventurava a vida, e perdia-se de todo, o

---

(1) João Fernandes Andeiro.

que (1) os mais dos homens muito receiam de fazer.

Outros lhe em-adiam ainda (2) que por tal cousa seria El-rei muito mais infamado, e seu linhagem dela em maior desonra, que eram os Condes (3) e outros grandes do Reino.

Portanto, falando em isto por vezes, todos outorgavam de ser em tal feito, mas nenhum não se atrevia de ser o primeiro; e o Conde bem entendia que de tais pessoas não era mui seguro, não dando porém a entender nada. Mas seu grande estado, e aguardamento de muitos (4) que por azo dêle haviam grandes desembargos de El-rei e da Rainha, o fazia segurar de todos.

Pero foi assim (5) que o conde João Afonso, irmão da Rainha, quando veio de Castela (que foi lá preso na de Saltes (6) e

(1) O texto diz *que*, em vez de *o que*.

(2) = acrescentavam a isto.

(3) João Afonso Telo, conde de Barcelos, de que logo abaixo se fala, e D. Gonçalo Telo, conde de Neiva e de Faria — irmãos de Leonor.

(4) = *guarda, companhia de muitos criados ou fidalgos.*

(5) = *mas aconteceu.*

(6) Foi feito prisioneiro na batalha naval de Saltes (v. vol. I, pág. 174).

chegou a Lisboa, achando a fama de sua irmã muito pior do que a leixara, com êste Conde que dissemos, houve disto gram queixume, e determinou de o matar. E falou esta cousa com alguns dos melhores que na cidade havia, assim como com Afonso Eanes Nogueira, e outros que eram todos seus vassalos; e encaminhou por ir ver El-rei a Rio Maior (onde então (1) estava quando veio de Elvas, que houvera de haver (2) a batalha) acompanhado o Conde (3) de muitos que se com êle foram.

E como aí foi (segundo alguns contam) uma noite se fêz prestes e o aguardou muito escusamente, com os seus, para o matar. E saindo o Conde (4) alta noite do Paço, desacompanhado, salvo com uma tocha, trigaram-se os outros mais do que deveram, como viram o ar da candeia. E êle que os sentiu, sem sabendo quem eram, receou-se muito, e tornou atrás. E, guardado aquela hora, passou assim (5) que se não fêz por então mais.

---

(1) O texto diz *estonce.*
(2) = *esteve para haver.*
(3) João Afonso.
(4) O Andeiro.
(5) = *aconteceu.*

Outros escrevem por outra maneira, dizendo que a Rainha, como era mulher avisada, já por onde quer que foi, antes que seu irmão chegasse soube a tenção que contra o Conde levava. E quando pediram pousadas para êle, mandou ela correger mui bem uma câmara, nos paços onde pousava, dizendo que queria que pousasse com ela. E recebeu-o mui bem, e fèz-lhe grande gasalhado, e presumiam que lhe dera a Rainha alguma grande dádiva, e que o desviara de nisto pôr mão, porque o Conde nunca se disto mais trabalhou (1). E que assim escapara o conde João Fernandes daquela vez.

*

* *

Não cessando a desonesta fama da Rainha com êle, falava-se isto largamente entre alguns senhores do Reino, especialmente entre aqueles que por privança e acrescentamento de honroso estado, eram aliados com El-rei, pesando-lhes muito da desonra que a seu senhor era feita por tal modo.

(1) Nunca mais tratou disto.

E, entre aqueles a que (1) disto muito pesava, era êste conde D. João Afonso, irmão da Rainha, que dissemos, sendo gram privado de El-rei, e muito de seu conselho, e a que El-rei mostrava gram boa-vontade. A Rainha, por contrário, pôsto-que sua irmã fôsse, não era êle tanto em sua privança e amor (2), sentindo ela que êle não havia bom desejo ao conde João Fernandes, por a fama que ambos haviam.

Êste conde de Barcelos, seu irmão, doendo-se muito da desonra de El-rei, e vendo como sua irmã, em-quanto o conde João Fernandes fôsse vivo, não havia de cessar do afazimento (3) que com êle havia, cuidou de ordenar outra vez como fôsse morto; e falou isto com o Mestre de Avis, e com D. Pedrálvares, Prior do Hospital, e com Gonçalo Vasques de Azevedo.

E acordaram todos que era bem de o fazer um homem de pequena conta, para qualquer cousa que se disto seguisse; porque me-

---

(1) É freqüente em F. L. o emprêgo de *que* por *quem*.

(2) Note-se o ilogismo da frase *(anacoluto)*.

(3) = *ligação, intimidade.*

lhor era perder-se um homem ligeiro, que um de grande honra e maior estado.

E falaram primeiro com Fernandálvares de Queirós, criado de El-rei, e para muito, homem que acompanhavam de cote (1) quatro de bestas; e êle se escusau por muitas razões, dizendo que por nenhuma guisa faria cousa em que fizesse desprazer à Rainha, mòrmente tal como esta, de que era certo que ela haveria assinado nojo.

Então o vieram a falar com Rodrigo Eanes de Buarcos, escudeiro de semelhante conta de Pedrálvares (2), o qual acompanhava continuadamente Gonçalo Vasques de Azevedo, e era todo seu. A êste prouve de tomar o encarrego, e acordaram que, como (3) o conde João Fernandes viesse da embaixada de Castela e entrasse em Portugal, que lhe saísse Rodrigo Eanes ao caminho, com cinco ou seis de cavalo; e que o matasse e se pusesse em salvo, até que lhe êles depois houvessem remédio.

Êste acôrdo havido, souberam como o conde João Fernandes partia de Castela e

---

(1) = *sempre, todos os dias (quotidie).*

(2) Deve ser *Fernand'Álvares*, falado acima.

(3) = *quando.*

vinha já para Portugal. E Rodrigo Eanes se partiu logo, e foi por Alcobaça, caminho de Leiria, por onde diziam que o conde João Fernandes vinha. E êle trouve caminho do Espinhal, e assim o errou daquela vez, e escapou da morte.

(Caps. I e II)

III

VELEIDADE DO REI TRAÍDO

Não parece cousa indigna se algum que ler ou ouvir esta história fizer pregunta: pois que tanto (1) havia que era fama, e largamente publicada, entre a Rainha e o conde João Fernandes, ¿se tinha El-rei disso alguma suspeita, ou sabia de tal fama parte (2)? Aos quais se responde desta guisa:

Certo é que, entre as condições que do amor escrevem os que dêle compridamente falaram, e foram criados em sua côrte, assim é que, por muito que encobrir queira o que ama, não se pode tanto ter, que por alguns sinais e falas, e outros demostradores jeitos, não dê a entender aquele ardente

---

(1) = *tanto tempo.*

(2) Saber parte = *ter notícia.*

desejo que em sua vontade continuadamente mora. E quando os homens vêem desacostumadas afeições e prestanças (1) onde não há tal divido, que má fama embargar possa (2) ligeiramente veem à presunção do êrro em que tais pessoas podem cair.

E portanto el-rei D. Fernando, vendo os muitos modos por que a Rainha mostrava desordenada afeição e bem-querença ao conde João Fernandes, e o grande acrescentamento que lhe procurava, por qualquer guisa que podia, bem certificou em seu pensamento ser verdade o que as gentes presumiam, pôsto-que da pública voz e fama que a Rainha havia com o Conde, êle nenhuma parte soubesse. Nem era algum ousado de lhe tal cousa dizer, pôsto-que se de sua desonra com bom desejo doesse, receando pena por galardão e mortal ódio por amizade, como já a alguns aconteceu por tais novas recontarem, mòrmente aos reis e grandes senhores.

Assim que el-rei D. Fernando bem enten-

---

(1) = *intimidades.*

(2) = *onde não há parentesco algum que as justifique, ou permita.*

dia o que era; mas nenhuma cousa dava a entender, receando novamente descobrir com dúvida aquilo que a pública voz e fama muito tempo havia que afirmava (1). E quando a Rainha levou sua filha a Elvas, para lhe fazer bodas com el-rei de Castela, e se el-rei D. Fernando mandou trazer de Salvaterra pera Almada, cuidou El-rei de o matar por esta guisa:

Mandou ao seu escrivão da Puridade que fizesse uma carta para o Mestre de Avis, seu irmão, em que lhe mandava e encomendava que, vista aquela carta, tivesse jeito de matar o conde João Fernandes, não dizendo porém a razão porquê; e por ela mandava a Gonçalo Mendes de Vasconcelos, alcaide-mor de Coimbra, que ordenasse de guisa que o Mestre seu irmão fôsse recebido na cidade; e lhe entregasse a fortaleza do Castelo; e que lhe quitava a menagem, uma, e duas, e três vezes.

O escrivão fêz a carta, entendendo bem porque era; e dizem alguns que foi João Gonçalves. E como foi feita, tornou a El-rei, e disse:

---

(1) = *receava levantar com ruído um escândalo, que aliás durava surdamente já de longa data.*

— Senhor: vós mandais fazer esta carta (resumindo-lhe quejanda era) porém, senhor, disse êle, se vós esta cousa bem esguardar quiserdes, a Vossa Mercê pode entender que por nenhuma guisa a deveis de mandar, por o gram dano que se disto seguir pode. Vós, senhor, vêdes bem como o Mestre vosso irmão é bem-quisto de todos do Reino; e se êle tivesse Coimbra, falecendo vós (o que Deus não mande) juntar-se-iam a êle tôdalas gentes, e ficaria êle por rei desta terra; e vossa filha, assim (1) deserdada, de guisa que ela, nem filho que de seu marido houvesse, seria gram maravilha de nunca em êles mais poder cobrar (2). E portanto me parece, se vossa mercê fôr, que tal mandado deveis de escusar por ora. E se do conde João Fernandes haveis tal queixume, por que vos isto tenha merecido, bem tereis depois tempo para o mandar matar, cada vez que quiserdes, por outra maneira, e não desta guisa.

El-rei, cuidando neste feito, pareceram-lhe as razões boas; e rompeu a carta, e não foi

(1) = *de tal modo.*

(2) Estas linhas devem ter sido estropeadas pelos copistas. O sentido é claro.

enviada. E assim escapou o conde João Fernandes de não ser morto.

E depois disto, sendo el-rei D. Fernando doente, e muito aficado daquela dor que morreu (1), ao serão, na noite que se finou, estava aí o conde João Fernandes, com aquelles que eram presentes; e quando viu que não havia em êle outro remédio, senão morte (2), receando-se muito de o que feito tinha lhe ser acoimado por algum àquela hora, houve tão gram temor, que aquele mêdo lhe foi assim como degrêdo (3) que o fêz logo sair da câmara, para se ir a-pressa para seu condado; e em saindo pela porta, um escudeiro do conde D. João Afonso, chamado por nome Pedreanes Lobato, sabendo como o êle quisera matar em Rio Maior, como dissemos, disse ao Conde se queria que o matasse então, pois via tempo azado para o fazer a seu salvo; e o conde de Barcelos, pero desejasse muito de o ver morto, defendeu que o não fizesse. E assim escapou o conde João Fernandes aquele serão, porque parece que ainda não viera a sua hora.

(Cap. III)

---

(1) = *de que morreu.*
(2) = *que o Rei estava perdido.*
(3) = *decreto, imposição, imperativo irresistível.*

IV

NUNÁLVARES PERDE A VEZ

HOUVERA ainda o Conde de ser morto (1) por outra vez, e vêde de que guisa se azava de ser. Assim é que, escrevendo a Rainha a tôdolos fidalgos do Reino, que viessem ao saïmento do mês, que se fazia por el-rei D. Fernando, mandou seu recado a Nunálvares, que estava entre Douro e Minho com sua mulher, que viesse àquele saïmento.

Nunálvares, mui anojado por a morte de El-rei, sem pôr mais tardança se fêz logo prestes, com trinta escudeiros bem corregidos de suas armas, e certos homens de pé com êles, e nenhum outro veio ao trintário corregido com gentes senão êle. E assim chegou a Lisboa, onde o saïmento havia de ser.

---

(1) = *esteve ainda o Conde para ser morto.*

Feitas suas exéquias, e acabado tudo, foi um dia Nunálvares ver o Prior D. Pedrálvares, seu irmão; e depois que lhe falou, e espaçou (1) um pouco com alguns fidalgos que aí estavam, apartou-se pelo paço só, a cuidar que havia de ser do Reino, que assim ficava deserto, e quem o havia de defender de alguns, se contra êle quisessem vir, mòrmente que se dizia que el-rei de Castela prendera o infante D. João, e o conde D. Afonso, seu irmão, como (2) soubera que el-rei D. Fernando era morto; e que juntava gentes para entrar poderosamente no Reino.

E cuidando em isto, certificou em seu pensamento que não havia outrem, que mais direita razão tivesse de se pôr por defensão do Reino, que o Mestre de Avis, filho de el-rei D. Pedro, o qual êle sabia que era bom cavaleiro, e de que havia gram conhecimento, tempo havia. E logo veio a cuidar que o comêço de tal obra havia de ser o conde João Fernandes de Andeiro ser morto, no qual a Rainha havia grande esperança.

E andando aceso em êste cuidado, olhou

(1) = *se demorou*
(2) = *logo que*

pelo paço, e viu Rui Pereira, seu tio, que aí estava, e chegou-se a êle e contou-lhe todo o que havia pensado, em razão da defensão do Reino; e quem devia dêle tomar cargo; e sôbre a morte do conde João Fernandes, declarando-lhe certamente que em isto seria êle de boa vontade, querendo o Mestre em êlo poer mão.

Rui Pereira, que já isto trazia em grande cuidado, foi muito ledo do que lhe Nun'Àlvares dissera; e tanto lhe prouve, que o não pôde mais deter; e foi-se logo ao Mestre, fazer-lhe recontamento de tudo.

O Mestre, sendo disto ledo, mandou logo chamar Nun'Álvares, agradecendo-lhe muito o que com Rui Pereira falara; pero-que disse o Mestre contra Rui Pereira:

— A mim parece que não ouço já agora murmurar as gentes tanto dos feitos da Rainha, nem falar em isto como soíam.

— O' senhor, disse Rui Pereira, ¿ vós não sabeis como isto é? Quando eu andava para casar com minha mulher, todos falavam como eu queria casar com Violante Lopes; e depois que fomos casados, nunca ninguém falou em nosso casamento. E estes, senhor, tais são: usaram tanto de sua maldade, e por tanto tempo, que os hão já todos por

casados; e por isso não falam já em êles como da primeira...

O Mestre começou de rir disto, e encomendou a Nun'Álvares que logo se trabalhasse de haver da sua parte as mais gentes que pudesse, para em outro dia ser morto o conde João Fernandes. Da qual cousa a Nun'Álvares muito aprouve; e logo se partiu do Mestre para sua pousada, para se avisar e concertar do que para tal feito pertencia. E corregendo-se para isso com grande aguça, mandou-lhe o Mestre dizer que cessasse do que lhe dissera, pois se não podia por então fazer.

Nun'Álvares foi disto muito anojado, por se poer mor espaço em tal obra. E tornou-se ao Mestre, falando-lhe muitas e boas rasões sôbre êlo, pelo (1) reduzir a se fazer logo; e, vendo que não podia, espediu-se dèle, e foi-se para o Prior seu irmão, que já era partido, caminho de Santarém; e encalçou-o em Pontevel, onde esteve mui poucos dias.

E desta guisa se desviou a morte do conde João Fernandes, desta vez e das outras, porque, como já dissemos, parece que ainda não viera a sua hora.

(Cap. IV)

---

(1) = *para o.*

V

ÁLVARO PAIS FALA AO MESTRE

Soem (1) às vezes os altos feitos haver começo por tais pessoas, cujo azo nenhum comum povo podia cuidar que por êles viesse.

Onde assim aveio (2) que em Lisboa havio um cidadão por nome Álvaro Pais, homem honrado e de boa fazenda, e fôra chanceler-mor de el-rei D. Pedro, e depois de el-rei D. Fernando.

Êste, vivendo em casa de El-rei, e sendo muito doente de gota, veio pedir a El-rei que desse aquele ofício a quem sua mercê fôsse, e o aposentasse em Lisboa, onde tinha suas casas e assentamento. (3)

---

(1) = *costumam.*
(2) = *assim foi, assim aconteceu.*
(3) = *propriedades, interèsses materiais.*

Sua dor não era tamanha. porém, quanto foi o gram nojo que, por azo da desonra de El-rei, segundo a má fama que a Rainha havia, se gerava em seu coração.

E foi assim que El-rei o aposentou honradamente em Lisboa; e a seu requerimento mandou aos vereadores da cidade que nenhuma cousa fizessem sem acôrdo dêle, por a qual razão algumas vezes iam a sua casa ter conselho sôbre o que haviam de fazer, quando êle, por azo de sua enfermidade, na camâra onde faziam seu conselho não podia ser presente.

Natureza, que força os homens usar das condições que com êles nasceram, constrangeu tanto êste Álvaro Pais, de guisa que, não perdendo rancor e ódio da desonra que a El-rei seu senhor fôra feita, nenhuma cousa então mais desejava, que ver o conde João Fernandes morto, pois que o não fôra em vida de el-rei D. Fernando.

E, parecendo-lhe tempo azado para razoar em isto, falou secretamente com o conde de Barcelos, D. João Afonso, irmão da Rainha, que sabia bem que queria mal ao conde João Fernandes por esta razão. E disse:

— Senhor, vós sabeis bem como eu

sou (1) criado de el-rei D. Fernando, cuja alma Deus haja, e a honra e acrescentamento que em mim fêz, por a qual cousa eu, e quaisquer criados que seus sejam, se deviam doer muito de sua desonra, e vingá-la por onde quer que pudessem, pôsto-que êle morto seja, mòrmente aqueles que teem tal honra e estado, que ligeiramente (2) o podem fazer. Ora, senhor, vós sabeis bem quanto há que (3) as gentes falam da má fama que a Rainha vossa irmã há com o conde João Fernandes; e isto não sòmente em vida de El-rei, mas ainda agora sua má fama não cessa, nem cessará em-quanto êste homem fôr vivo; e, sendo morto, cessaria por tempo, e esqueceriam as cousas. Por a qual razão tôdolos bons se deviam doer de tal cousa, mòrmente vós, que sois seu irmão; à uma por as grandes mercês e grande acrescentamento que El-rei em vós fêz; à outra, por ser vossa irmã, e desonrando-se desonra a vós, e todo seu linhagem. E pôsto-que eu saiba que vós isto entendeis, e que já em êlo quiséreis poer mão,

(1) O texto emprega a forma arcaica *som*.
(2) = *fàcilmente*.
(3) = *há quanto tempo*.

cuidei porém de vo-lo dizer. E vós podeis a êlo tornar (1), como vossa mercê fôr; mas de mim vos digo que, sendo eu quem vós sois, e podendo-o fazer como vós, que muito há que eu não leixara passar tal cousa, poendo-me à ventura que me Deus dar quisera.

O Conde disse que bem sabia todo; que lhe gradecia sua boa vontade; e que já tempo fôra que houvera talante de o poer em obra; mas que por estonce não via jeito azado de o poder fazer.

E falando em isto muito, disse o Conde:

— Álvaro Pais, ¿ sabeis com quem me parece que é bem que faleis esta cousa? Falai-o com D. João, Mestre de Avis, que há tamanha razão de se doer da desonra de El-rei como eu, e não vejo aqui homem mais azado pera fazer isto, e para travar em qualquer ardideza que lhe à mão vier (2), como êle.

— Muito me prazeria, disse Álvaro Pais, de o falar com êle, e com qualquer outro que eu entendesse que o poeria em obra; mas quando o vós fazer não quereis, que

(1) = *desagravar-vos.*

(2) = *para consumar qualquer acto de coragem.*

tantos azos tendes mais que outro nenhum, duvido muito de o êle, nem outrem, querer fazer.

—Eu direi ao Mestre, disse o Conde, como lhe vós quereis falar uma cousa de sua honra, e que, por-quanto vós sois embargado por dor, e não podereis alá (1) ir, que quando cavalgar por a vila, que venha por aqui, e vos fale. E bem creio dêle que o queira fazer.

Ficaram neste acôrdo, e espediu-se o Conde, e quedou Álvaro Pais com novo cuidado para falar ao Mestre.

*

* *

Falou o Conde ao Mestre de Avis, dizendo como Álvaro Pais havia de falar com êle algumas cousas de sua honra e serviço; e que o fôsse ver quando cavalgasse pela vila, porquanto, por azo de sua doença, não podia ir onde êle pousava.

O Mestre, para saber que era não tardou muito de ir alá; e foi-lhe falar a sua pousada.

(1) O texto diz *allo*.

Sendo ambos em lugar apartado, começou Álvaro Pais de razoar todo o que dissera ao conde de Barcelos, e a reposta de escusa que em êle achara; e que depois viera a cuidar que nenhum outro havia no Reino, que mais razões tivesse para o fazer que êle.

— Primeiramente (disse Álvaro Pais) por vós serdes irmão de El-rei, a quem sua desonra mais deve doer que outro nenhum. A segunda (1), porque fostes por azo dêle, e da Rainha, preso e pôsto em tal perigo, como todos sabem. E que por al não fôsse, senão por segurar vossa vida, que nunca há-de ser segura em-quanto o conde João Fernandes fôr vivo, por isso sòmente o devíeis fazer; que pois El-rei agora é morto, usarão mais de sua maldade. E, receando-se de vós, que bem sabem que disto deveis ter mor sentido que outra pessoa, sempre vos buscarão azo e caminho por onde vossa vida seja cedo finda. E pois que vingança dêste feito a nenhum mais pertence que a vós, fazendo-o da guisa que vos eu digo, mostrareis em êlo grande façanha, e muito de lembrar (2) aos que depois vierem; em-tanto

(1) = *em segundo lugar.*
(2) O texto diz *nembrar.*

que nenhuma cousa de louvor antre os homens seria agora achada, que fôsse igual, nem parelha desta.

O Mestre, ouvindo suas boas e muitas razões, com grande vontade que dêlo havia, bem outorgava de o fazer; mas eram-lhe presentes tais e tão grandes dúvidas, que tôdolos caminhos para o poer em obra eram a êle escusos com grandes empachos, especialmente dizendo o Mestre que quem se a tal feito houvesse de aventurar, mòrmente dentro na cidade, cumpria ter alguma ajuda do povo, por azo do cajão (1) que se recrescer podia.

Álvaro Pais, com desejo que havia, mostrava ao Mestre serem tôdalas razões tão ligeiras para o acabar (2), como se fôsse um pequeno feito: e quanto à ajuda do povo, em que o Mestre falou muito, respondeu êle e disse, que se o êle fazer quisesse, que êle lhe ofereceria a cidade em sua ajuda, entendendo de o fazer assim.

O Meste, cobiçoso de honra por sua ardente natureza e grande coração, movido pelos ditos dêle determinou de o poer em obra.

---

(1) = *perigo, desastre.*

(2) = *para pôr isto em obra.*

O homem bom, quando lhe ouviu dizer que todavia queria poer mão em tal feito, foi tão ledo, que mais ser não pôde: e assim como chorando com prazer, se afastou dêle um pouco, olhando-o, e disse:

—¿E é isto verdade, filho, senhor, que vós tão boa cousa quereis fazer?

—Certamente, disse o Mestre, sim. E não o leixaria de acabar por cousa que avir pudesse.

Então se chegou a êle Àlvaro Pais, e beijou-o no rosto, dizendo:

—Ora vejo eu, filho, senhor, a diferença que há dos filhos dos reis aos outros homens.

Começaram estonce a falar muito, como se melhor podia azar sua morte, e por que guisa. Depois de grande espaço que em isto houveram falado, espediu-se o Mestre e foi-se para sua pousada.

(*Caps. VI e VII*.)

VI

DECIDE-SE O MESTRE

Buscadas as razões dos que livros fizeram desta história por testemunho daqueles que presentes foram, segundo todos pela mor parte dizem, o Mestre, como teve acordado com Álvaro Pais de matar o conde João Fernandes, logo falou êste segrêdo com o conde de Barcelos D. João Afonso, e com Rui Pereira e outros, os quais lhe certificaram que seriam prestes com êle, quando em isto quisesse poer mão.

E em-quanto a Rainha ordenava suas cousas sôbre o regimento e percebimento do Reino, em que o Mestre portanto sempre estava (1), ia êle muitas vezes a casa de Álvaro Pais, algumas horas com o Conde, e outras a-departe, falar com êle sôbre a morte do

---

(1) = *estava presente* (para assistir aos conselhos presididos pela Rainha).

conde João Fernandes, e especialmente como se poderia haver a ajuda do povo por sua parte.

Àlvaro Pais, muito talentoso (1) de ver tal feito acabado, todavia lhe certificava que sim. Não que êle descobrisse a nenhum tal segrêdo; mas entendia como era certo que a não boa vontade que as gentes tinham à Rainha e ao Conde os faria todos demover contra êles, como vissem lugar e tempo azado.

E acordaram que, para se tudo melhor fazer, que, tanto que o Mestre chegasse aos paços e começasse em isto de pôr mão, que logo Gomes Freire, seu page, em cima do cavalo em que andava, começasse de vir rijo pela vila, bradando até casa de Álvaro Pais, dizendo altas vozes *que acorressem ao Mestre de Avis, que matavam.* E que então se saïria êle com os seus, em maneira de acorro, chamando quantos achasse pelas ruas, os quais se iriam com êle de boa mente, como ouvissem tal apelido; e que desta guisa, se juntaria tôda a cidade em sua ajuda.

Falando desta maneira e acordando de se fazer assi, foi o Mestre desembargado de todo, e dadas cartas, quejandas cumpriam, e êle espedido da Rainha pera partir.

---

(1) = desejoso.

Ora aqui desvairam alguns autores sôbre a partida do Mestre, e dizem assim:

Uns contam que êle fingiu que se partia aquele dia, como de feito partiu, para o conde João Fernandes segurar mais dèle, se algum receio tinha, e o Mestre tornar em outro dia, e o achar mais desapercebido, e não tão acompanhado; e que Álvaro Pais se avisasse (1) em-tanto de sua parte.

Outros afirmam sua partida por outro modo (e dêste nos praz mais) dizendo que, não embargando que o Mestre ficasse com Alvaro Pais de pôr em tal feito mão, da guisa que ouvistes, que êle se receou muito, depois, de o fazer, por estas seguintes razões:

A uma, (2) porque tais aí houve, com que êle falou, que se escusaram disso, quando o houve de pôr em obra, temendo-se da Rainha, que tinha el-rei de Castela por sua parte, que lhes podia depois azar sua desonra e morte, salvo se foi Rui Pereira, e alguns seus do Mestre, a quem êle isto descobrira. Des-aí, duvidando muito o Mestre da ajuda do

---

(1) =*precenisse, preparasse,* (para assegurar a adesão do povo de Lisboa).

(2) Cf. o francês *l'un... l'autre;* o alemão *der eine... der andere.* Hoje diz-se *à uma.*

povo se não seguir, como dizia Álvaro Pais, ou (1) a tempo que não prestasse, era pôsto em gram pensamento.

Porém a principal sôbre tôdas era o gram aguardamento (2) de muitos e bons fidalgos, que sempre acompanhavam com o conde João Fernandes...

Assim que, cuidadas bem tais razões, não embargando seu ardido coração e boa vontade, foi-lhe mui duvidoso de o começar. E partiu da cidade depois de comer, e foi dormir a Santo António, uma aldeia que são daí três léguas, sem levando já nenhuma tenção de matar o Conde.

Êle ali tornou a cuidar como esta cousa fôra falada com tantos, que, porventura, então ou depois, alguns, para cobrar graça da Rainha, e isso-mesmo do conde João Fernandes, o podiam dizer a cada um dêles; da qual cousa descoberta se seguia a êle e aos seus gram cajão (3) e perda, e, por essa guisa, a todos os que foram em tal conselho.

E, cuidando bem isto, começou de crescer

---

(1) Contaminação sintáctica: *ou receando que a ajuda do povo viesse a tempo de já não prestar.*

(2) = *séquito.*

(3) *Perigo.* O texto diz *cajom* (= ocasião).

em êle um esforçado desejo, com firme propósito, de em outro dia matar o Conde, pondo-se a qualquer aventura que acontecer pudesse. E, para tirar suspeita de sua tornada, chamou logo Fernando Álvares de Almeida, um cavaleiro da Ordem e veador de sua casa, e disse:

— Tornai-vos logo dormir a Lisboa e fazei-me de manhã prestes de jantar. E dizei à Rainha que eu entendo lá de tornar, porque me parece que não vou desembargado como cumpre.

E êle partiu logo, e chegou alto serão à cidade, porém ainda falou à Rainha e ao Conde o porque vinha, e como em outro dia o Mestre havia de tornar, porque lhe parecia que não ia desembargado como cumpria.

A Rainha e o Conde responderam «que tornasse muito em boa hora, que êle haveria desembargo como chegasse».

(Cap. VIII).

VII

O GOLPE

Em outro dia (1) pela manhã, partiu o Mestre daquela aldeia onde dormira, e começou de andar seu caminho, sem trigança alguma desacostumada; e no caminho dizem que descobriu o Mestre esta cousa a alguns seus, e disse a um dêles:

—I-vos diante quanto puderdes, e dizei a Álvaro Pais que se faça prestes, que eu vou para fazer aquilo que êle sabe.

E o escudeiro andou a-pressa e deu-lhe o recado, e tornou se para o Mestre onde vinha. (2) E êle trazia uma cota vestida, e até vinte consigo, com cotas e braçais, e espadas cintas, como homens caminheiros; e chegou ao paço a hora de terça, ou pouco

---

(1) É talvez um caso de fonética sintáctica: *em o outro dia.*

(2) =*para onde vinha o Mestre.*

mais, sem deter porém em outra parte. E quando descavalgou e começaram de subir acima, disseram uns aos outros, mui manso:

— Sêde todos prestes, que o Mestre quer matar o conde João Fernandes.

A Rainha estava em sua câmara, e donas algumas assentadas no estrado; e o conde de Barcelos seu irmão, e o conde D. Álvaro Peres, e Fernando Afonso de Zamora, e Vasco Peres de Camões, e outros, estavam em um banco; e o conde João Fernandes, que de ante estava à cabeceira dèles, estava então ante ela, e começava de lhe falar passamente. (1)

E em lhe sendo assim falando, bateram à porta; e o porteiro, como entrou o Mestre, quis cerrar a porta para não entrar nenhum dos seus, e disse que o preguntaria à Rainha, não por dèles haver nenhuma suspeita, mas porque a Rainha estava com dó, e não era costume de nenhum entrar, salvo èsses senhores, sem lho primeiro fazer saber.

E o Mestre respondeu ao porteiro:

— ¿Que hás tu assim de dizer? ...

E nisto entrou, de guisa que entraram

---

(1) = *em voz baixa; de manso.*

todos os seus com êle. E êle moveu passamente contra onde estava a Rainha, e ela se levantou e todos os outros que eram presentes.

E, depois que o Mestre fêz reverência à Rainha. e mesura a todos, e êles a êle recebimento, disse a Rainha que se assentassem, e falou ao Mestre, dizendo:

—E pois, irmão, ¿que é isto, a que tornastes de vosso caminho?...

—Tornei, Senhora, disse êle, porque me pareceu que não ia desembargado como cumpria. Vós me ordenastes que tivesse cargo da comarca de Entre Tejo e Odiana, se porventura el-rei de Castela quisesse vir ao Reino e quebrar os tratos de entre nós e êle; e porque aquela frontaria é grossa de gentes e grandes senhorês, assim como do Mestre de Santiago, e do Mestre de Alcântara e de outros e bons fidalgos, e aqueles que vós assinastes para a guardarem comigo me parecem poucos, porende tornei, para me dardes mais vassalos, para vos eu poder servir segundo cumpre a minha honra e vosso serviço.

A Rainha disse que era mui bem, e mandou logo chamar João Gonçalves, seu escrivão da puridade, que visse o livro dos vassalos

daquela comarca, e que lhe desse quantos e quais o Mestre requeresse, e que fôsse logo desembargado de todo. João Gonçalves foi logo chamado a-pressa, e foi-se assentar com seus escrivães, a prover os livros para desembargar o Mestre.

Nisto começaram de o convidar os condes, cada um por si, e isso-mesmo o conde João Fernandes se aficava mais que comesse com êle, que os outros. O Mestre não quis tomar convite de nenhum, escusando-se por suas palavras, dizendo «que já tinha prestes de comer, que mandara fazer ao seu veador»; porém dizem que disse mui escusamente ao conde de Barcelos, que o não sentiu nenhum:

— Conde, i-vos daqui, que eu quero matar o conde João Fernandes.

E que êle respondeu que se não iria, mas que estaria aí com êle, para o ajudar.

— Não sejais (disse o Mestre) mas rogo-vos todavia que vos vades daqui e me aguardeis para o jantar; que eu, Deus querendo, tanto que isto fôr feito, logo irei comer convosco.

A ventura, para melhor azar a morte do conde João Fernandes, começou de lhe fazer recear a vinda do Mestre por tal guisa, que

lhe pôs em vontade que mandasse (1) a todos os seus que se fôssem armar, e se viessem para êle; e, de qualquer jeito que foi, partiram-se todos do paço, assim fidalgos que o acompanhavam como os outros, e foram-se armar, para se virem para êle: e esta foi a razão porque êle ficou só de todos êles, e nenhum estava aí quando morreu. A Rainha, isso-mesmo, pôs femença (2) nos do Mestre; e, vendo-os assim todos armados, não lhe aprouve em seu coração, e disse, falando contra (3) todos:

— Santa Maria, val (4)! Como os Inglêses hão mui bom costume: que quando são no tempo da paz, não trazem armas, nem curam de andar armados, mas boas roupas, e luvas nas mãos, como donzelas; e quando são na guerra então costumam as armas e usam delas, como todo o mundo sabe.

— Senhora, disse o Mestre, é mui gram verdade. Mas isso fazem êles porque hão mui a miúde guerras e poucas vezes paz; e

---

(1) *Mandasse dizer.*
(2) *Atenção, reparo.*
(3) *Para.*
(4) (O texto diz *vall*) = *vale-me.* Ainda hoje se ouve dizer *Deus valha.*

podem-no mui bem fazer; mas a nós é pelo contrário, que havemos mui a miúde paz, e poucas vezes guerra; e, se no tempo da paz não usarmos as armas, quando viesse a guerra não as poderíamos suportar...

E falando nisto e em outras cousas, chegavam-se as horas do comer; e despediu-se o conde de Barcelos e depois os outros, que os mais dèles dava a vontade (1) aquilo que se depois fêz. Ficando assim o conde João Fernandes, gastava-se-lhe o coração, e tornou a dizer ao Mestre:

— Senhor, vós, todavia, comereis comigo.

— Não comerei, disse o Mestre, que tenho feito de comer.

— Sim, comereis, disse êle, e em-quanto vós falais, irei eu mandar fazer prestes.

— Não vades, disse o Mestre; que eu vos hei-de falar uma cousa ante que me vá; e logo me quero ir, que já é horas de comer,

Então se despediu da Rainha, e tomou o Conde pela mão, e saïram ambos da càmara a uma grande casa que era diante, e os do Mestre todos com èle, e Rui Pereira e Lourenço Martins mais acèrca. E chegando-se o Mestre com o Conde acèrca duma

(1) *Pressentimento.*

fresta, sentiram os seus que o Mestre lhe começava de falar passo, e estiveram todos quedos. E as palavras foram entre êles tão poucas, e tão baixo ditas, que nenhum por então entendeu quejandas eram. Porém afirmam que foram desta guisa:

— Conde, eu me maravilho muito de vós serdes homem a que eu bem queria, e trabalhardes-vos de minha desonra e morte!

— ¿ Eu, senhor ?! disse êle. Quem vos tal cousa disse, mentiu-vos mui gram mentira.

O Mestre, que mais tinha vontade de o matar, que de estar com êle em razões, tirou logo um cutelo comprido e enviou-lhe um golpe à cabeça; porém não foi a ferida tamanha que dela morrera, se mais não houvera.

Os outros todos, que estavam de arredor, quando viram isto, lançaram logo as espadas fora, para lhe dar; e êle, movendo para se acolher à câmara da Rainha, com aquela ferida; e Rui Pereira, que era mais acêrca, meteu um estoque de armas por êle, de que logo caiu em terra, morto.

Os outros quiseram-lhe dar mais feridas, e o Mestre disse que estivessem quedos, e nenhum foi ousado de lhe mais dar.

E mandou logo Fernando Álvares e Lou-

renço Martins, que fôssem cerrar as portas, que não entrasse nenhum; e dissessem ao seu pagem que fôsse a-pressa pela vila, bradando que matavam o Mestre. E êles fizeram-no assim.

E era o Mestre, quando matou o Conde, em idade de vinte e cinco anos, e andava em vinte e seis; e foi morto 6 dias de Dezembro, era já escrita de 421 (1).

(Cap. IX)

(1) 1383 A. D.

VIII

ALVORÔÇO NO PAÇO
E NA CIDADE

Deixemos o pagem ir onde lhe mandaram e vejamos em-tanto o que se fêz no paço da Rainha, onde assim foi que os estrupos e voltas (1) que todos fizeram, quando o Conde foi morto, soaram rijamente na câmara onde ela estava, que era muito perto; e tais aí houve que pensaram que eram alguns que não vieram ao saïmento (2) e chegaram então e faziam dó (3).

A Rainha, espantada da volta que ouvia, levantou-se em pé, não sabendo que cuidar; e disse que vissem o que era aquilo. Os ou-

---

(1) = *rumor e agitação.*

(2) = ao saïmento de el-rei D. Fernando

(3) = *carpiam o morto; manifestavam o seu luto.*

tros, a-pressa, olharam por entre as portas e disseram que o Conde João Fernandes era morto. A Rainha, quando isto ouviu, houve gram temor, pero disse:

— Oh! Santa Maria val! Como me mataram em êle um mui bom servidor, e morre mártir, que o mataram mui sem porquê. Mas eu prometo a Deus que me vá de manhã a S. Francisco, e que mande aí fazer uma gram fogueira; e eu farei tais salvas quais nunca mulher fêz por estas cousas! (1) — o que ela tinha mui pouco em vontade de fazer.

Os outros que aí estavam, assim homens e mulheres, quando isto viram, cuidando àquela hora todos ser mortos, não ousavam sair pelas portas, mas fugiam pelas janelas e dèles pelos telhados, outros por degraus não contados, e assim cada um por onde melhor podia. João Gonçalves, escrivão da Rainha, que estava vendo o livro dos vassalos, quando isto viu, começaram de fugir, êle e os seus, cada um por onde melhor azado achava.

---

(1) Fazer salvas = *provar, mostrar, a inocência*, v. g. *tomando o ferro caldo*. (Morais, Dic.) Ainda hoje se diz *pòr as mãos no fogo*.

O Mestre moveu dali para um grande eirado, logo muito acêrca; e a Rainha começou de dizer:

— Vão preguntar ao Mestre se hei eu de morrer.

E foram-lho preguntar, a gram mêdo; e êle respondeu muito mansamente:

— Dizei à Rainha, minha senhora, que Deus me guarde de mal; que assossegue em sua câmara e não haja nenhum temor; que eu não vim aqui por empecer a ela, mas por fazer isto a êste homem, que mo tinha bem merecido.

E foram-lhe com esta resposta, e ela disse:

— Pois assim é, dizei-lhe que desembargue meus paços.

Que ela não via a hora que se o Mestre partisse, porque não era segura de sua vida em-quanto êle ali estivesse.

Nisto, tornando Lourenço Martins donde fôra ajudar a cerrar as portas, viu estar uma soma de prata ante a cozinha, em uma mesa, e tomou-a tôda, e lançou-a na aba, e levou-a ao Mestre e disse:

— Digo, senhor: já vós aqui tendes para a despesa de hoje.

O Mestre lhe respondeu, àsperàmente, que

tornasse a prata onde a achara, que êle não viera ali por aquilo, mas por fazer o que tinha feito. E Lourenço Martins feze-o assim.

Os fidalgos que acompanhavam com o Conde e os que com êle viviam, não sabendo do que o Mestre tinha feito, vinham já todos armados para o paço da Rainha; e, vindo muito cêrca dêles, a volta da gente, que começava já de ferver pela rua, e alguns que saïram de dentro, lhes disseram que não fôssem lá, que o Conde era já morto e as portas cerradas; e que as gentes eram tantas, que vinham contra os paços, segundo diziam, que, se lá fôssem, que nunca escaparia nenhum dêles e veriam de si mau pesar (1).

Tornaram-se então para onde vieram, e cada um trabalhou de se pôr em salvo, receando-se que todos os que eram da parte da Rainha e do Conde fôssem mortos àquela hora.

*

* *

O pagem do Mestre, que estava à porta,

---

(1) Morais traz a expressão *fazer mau pesar de si* = *atormentar-se voluntàriamente.*

como lhe disseram que fôsse pela vila (1), segundo já era percebido (2) começou de ir rijamente a galope, em cima do cavalo em que estava, dizendo a altas vozes, bradando pela rua:

— Matam o Mestre! Matam o Mestre nos paços da Rainha! Acorrei ao Mestre, que o matam!

E assim chegou a casa de Álvaro Pais, que era dali grande espaço.

As gentes que isto ouviam, saíam à rua, ver que cousa era; e, começando de falar uns com os outros, alvoroçavam-se nas vontades e começavam de tomar armas, cada um como melhor e mais asinha podia.

Álvaro Pais, que estava prestes e armado, com uma coifa na cabeça, segundo usança daquele tempo, cavalgou logo a-pressa, em cima de um cavalo que anos havia que não cavalgara, e todos seus aliados com êle, bradando a quaisquer que achava, dizendo:

— ¡ Acorramos ao Mestre, amigos! Acorramos ao Mestre, que filho é de el-rei D. Pedro!

---

(1) = *cidade*. V. Viterbo, *Elucidário*. Era corrente o emprêgo de *vila* como sinónimo de *cidade*.

(2) = *como já estava prevenido*.

E assim bradavam, êle e o pagem, indo pela rua.

Soaram as vozes do arruído pela cidade, ouvindo todos bradar que matavam o Mestre; e, assim como viúva que rei não tinha, e como se lhe êste ficasse em logo (1) de marido, se moveram todos com mão armada, correndo a-pressa para onde diziam que se isto fazia, para lhe darem vida e escusar morte. Álvaro Pais não quedava de ir para lá, bradando a todos:

— ¡Acorramos ao Mestre, amigos! Acorramos ao Mestre, que matam sem porquê!...

A gente começou de se juntar a êle, e era tanta, que era estranha cousa de ver. Não cabiam pelas ruas principais e atravessavam lugares escusos, desejando cada um de ser o primeiro e, preguntando uns aos outros *«¿quem matava o Mestre?»*, não minguava quem respondesse que o matava o conde João Fernandes, por mandado da Rainha.

E, por vontade de Deus, todos feitos de um coração com talante de o vingar (2), como foram às portas dos paços, que eram

---

(1) = *em lugar* (do lat. *locus, loco).*

(2) = *com a mesma coragem e desejo de o vingar.*

já cerradas, ante que chegassem, com espantosas palavras, começaram de dizer:

— ¿ Onde matam o Mestre? Que é do Mestre? Quem cerrou estas portas?

Ali eram ouvidos brados de desvairadas maneiras. Tais aí havia que certificavam que o Mestre era morto, pois as portas estavam cerradas, dizendo que as britassem para entrar dentro, e veriam que era do Mestre ou que cousa era aquela. Dêles bradavam por lenha, e que viesse lume, para porem fogo aos Paços e queimarem «o traidor e a aleivosa»; outros se aficavam (1) pedindo escadas para subir acima, para verem que era do Mestre. E em tudo isto era o arruído tão grande, que se não entendiam uns com os outros, nem determinavam nenhuma cousa.

E não sòmente era isto à porta dos paços, mas ainda a redor dêles, por onde homens e mulheres podiam estar. Umas vinham com feixes de lenha, outras traziam carqueja para acender o fogo, cuidando queimar o muro dos paços com ela, dizendo muitos doestos contra a Rainha.

De cima, não minguava quem bradar que

(1) =*aporfiavam.*

o Mestre era vivo e o conde João Fernandes morto; mas isto não queria nenhum crer, dizendo:

— Pois, se vivo é, mostrai-no-lo, e vê-lo hemos.

Então os do Mestre, vendo tão grande alvorôço como êste, e que cada vez se acendia mais, disseram que fôsse sua mercê de se mostrar àquelas gentes; de outra guisa poderiam quebrar as portas, ou lhes pôr fogo; e, entrando assim dentro por fôrça, não lhes poderiam depois tolher de fazer o que quisessem.

Ali se mostrou o Mestre, a uma grande janela que vinha sôbre a rua onde estava Álvaro Pais e a mais fôrça de gente, e disse:

— Amigos, apacificai-vos, que eu vivo e são sou, a Deus graças.

E tanta era a torvação dêles, e assim tinham já em crença que o Mestre era morto, que tais havia aí que aporfiavam que não era aquele. Porém, conhecendo-o todos claramente, houveram gram prazer quando o viram, e diziam uns contra os outros:

— Oh! que mal fêz! pois que matou o traidor do Conde, que não matou logo a aleivosa com êle! Credes em Deus: inda lhe há-de vir algum mal por ela. Olhai, e vêde

que maldade tão grande: mandarem-no chamar onde ia já de seu caminho, para o matarem aqui por traição! Ó aleivosa! Já nos matou um senhor e agora queria matar outro! Deixai-a, que ainda há mal de acabar (1) por estas cousas que faz.

E sem dúvida, se êles entraram dentro, não se escusara a Rainha de morte, e fôra maravilha quantos eram da sua parte e do Conde poderem escapar.

O Mestre estava à janela e todos olhavam contra êle, dizendo:

—¡Ó Senhor, como vos quiseram matar por traição! Bento seja Deus, que vos guardou dêsse traidor! Vinde-vos; dai ao demo êsses paços; não sejais lá mais.

E, em dizendo isto, muitos choravam com prazer de o ver vivo.

Vendo êle então que nenhuma dúvida tinha em sua segurança, desceu a fundo (2) e cavalgou com os seus, acompanhado de todos os outros, que era maravilha de ver. Os quais, mui ledos arredor dêle, bradavam, dizendo:

---

(1) = *há-de acabar mal.*
(2) = *abaixo.*

— ¿Que nos mandais fazer, senhor? Que quereis que façamos?

E êle respondia-lhes adur (1) podendo ser ouvido: «que lho agradecia muito e que por então não havia dèles mais mester».

E assim encaminhou para os paços do Almirante, onde pousava o conde D. João Afonso, irmão da Rainha, com que havia de comer. As donas da cidade, pela rua por onde êle ia, saïam tôdas às janelas com prazer, dizendo altas vozes:

— ¡Mantenha-vos Deus, senhor! Bento seja Deus, que vos guardou de tamanha traição qual vos tinham bastecida! (2)

Pois nenhum, por então, podia outra cousa cuidar.

E indo assim até a entrada do Rossio, o Conde vinha com todos os seus, e outros bons da cidade, que o aguardavam, assim como Afonso Eanes Nogueira, e Martim Afonso Valente, e Estevam Vasques Filipe, e Álvaro do Rêgo, e outros fidalgos; e quando viu o Mestre ir daquela guisa, foi-o abraçar com prazer, e disse:

— ¡Mantenha-vos Deus, senhor! Sei que

(1) = *mal, dificilmente.*
(2) = *preparada.*

vos tirastes de grande cuidado; mas vós merecíeis esta honra melhor que nós. Andai, vamos logo comer.

E assim foram para os paços onde pousava o Conde.

E, estando êles para se assentar à mesa, disseram ao Mestre como os da cidade queriam matar o Bispo, e que faria bem de lhe ir acorrer; e o Mestre quisera lá ir. Disse então o Conde:

— Não cureis disso, senhor. Se o matarem, quer o matem quer não (1); que, pôsto-que êle morra, não minguará outro bispo, português, que vos sirva melhor que êle.

Ao dito do Conde cessou o Mestre de sua boa vontade, e o Bispo foi morto desta guisa que se segue.

(Caps. X e XI).

---

(1) = *não importa.*

IX

SANHA DO POVO

Sendo tôda a cidade ocupada em êste alvorôço, e vindo com o Mestre por junto com a Sé, foram alguns lembrados que, indo por ali com Álvaro Pais, que bradaram aos de cima que repicassem; e que, repicando em S. Martinho e nas outras igrejas, que na Sé não quiseram repicar. E souberam que o Bispo era em cima, e que mandara cerrar as portas sôbre si. E porque era castelão (1) disseram logo que era da parte da Rainha e do Conde, e que êle fôra sabedor da traição e morte que quiseram dar ao Mestre, e que por aquilo não repicaram — assacando contra êle estas e outras más suspeitas, que não minguava quem as afirmar. E ficou logo ali gram parte do

(1) = *castelhano.*

povo, aceso com brava sanha, para haver a-pressa entrada à Sé e filharem (1) logo do Bispo vingança.

O Bispo era natural de Zamora, e havia nome D. Martinho. Era grande letrado e bom eclesiástico, e regia mui bem sua igreja, morando em cima da claustra dela, para continuadamente vir às horas e divinais ofícios; e ali tinha em vontade de mandar fazer casas para morarem todos os cónegos, para haverem azo de melhor servir.

E sendo êle comendo aquele dia, e o prior de Guimarães com êle, que havia um ano e mais que o não vira, senão então, ouviram gram volta no paço da Rainha, que era aí cêrca, e carpinhas (2) de mulheres, com grandes vozes de gentes pelas ruas de arredor, bradando todos que matavam o Mestre.

O Bispo, ouvindo tamanha volta, (e que cada vez era maior) bem cuidou que não era feito leve; e, por segurança de qualquer cousa que avir pudesse, deixou a mesa a que estava e desceu-se por uma escada, a

---

(1) = *tomarem.*
(1) = *carpidos, lamentações*

fundo à claustra, êle e o prior de Guimarães, e um tabelião de Silves, que êsse dia chegara para recadar (1) com êle.

Com estes dous convidados e alguns seus, se foi o Bispo à mais alta tôrre da Sé, onde estão os sinos, mandando primeiro fechar a de dentro tôdas as portas da igreja.

E quando Álvaro Pais por ali passou, à ida, bradaram aos de cima, como dissemos, que repicassem. O homem bom (2) não sabia que volta era aquela; dês-aí, porque o dar da campana em tal igreja era azo de grande alvorôço da cidade, duvidou muito de o fazer.

Êles, quando viram que não repicaram na Sé, e que o Bispo daquela guisa estava na tôrre, e as portas da igreja fortemente fechadas, e as não podiam tão asinha quebrar, houveram escadas e entraram por uma fresta, e foram mui a-pressa abertas. Entraram então quantos quiseram, porém muito poucos, em respeito (3) dos que estavam fora. E a comum voz de todos era que fôssem acima ver quem estava na tôrre, e porque não re-

(1) = *despachar, conferenciar.*
(2) = *o pobre homem.*
(3) = *em comparação.*

picara, como nas outras igrejas; e, se fôsse o Bispo, que o deitassem a-fundo.

Silvestre Esteves, homem honrado, procurador da cidade, e o alcaide pequeno dela, e outros, subiram por uma estreita escada, que anda a de redor (1) por que (2) não ia mais que um ante outro; nem podia ninguém entrar à tôrre em-quanto a de cima defender quisessem. O Bispo, vendo como era castelão, e de nação a êles contraira, receava muito, em tal união (3) o que todo sisudo deve de recear; e não lhes dava lugar (4) que entrassem. Porém, vendo-se sem culpa, des-aí tal pessoa, e eclesiástica, segurando-o êles porém primeiro, e os que com êle estavam, houveram entrada acima; e, preguntando-lhe porque não mandara dar à campana, pois aquelas gentes bradavam que repicasse, êle se escusou por suas mansas e boas razões, de jeito que todos foram contentes.

A cega sanha, que em tais feitos nenhuma cousa esguarda, começou tanto de arder

(1) Hoje dizemos *escada de caracol*.
(2) = *pela qual*.
(3) = *revolta*.
(4) = *licença*.

nos entendimentos do povo que à porta principal da igreja estava, que começaram de bradar, altas vozes, aos de cima, *¿ que estavam fazendo que não deitavam o Bispo a fundo?*, dizendo:

—Guardai-vos, não vamos nós lá; que, se nós lá imos, todos vós haveis de vir a fundo com êle.

Os de cima (1), que vontade não tinham de lhe fazer mal nem nojo, era-lhes muito grave de fazer, a uma por ser bispo, e mais seu prelado: dês-aí, por a segurança que lhe haviam feito. E não sabiam que fizessem.

A sanha trigava os corações de todos; e, com melancolia grande (2), começaram de bradar, olhando todos para cima e dizendo:

— ¿ Que tardada é essa que vós là fazeis, que não deitais êsse traidor a fundo? Já vos tornastes castelãos como êle? E, de mais, ¿ se vos peitou que o não deitásseis, e sois já todos de um acôrdo?

---

(1) Os que tinham ido acima, parlamentar com o Bispo, e, persuadidos pelas boas razões dêle, tinham decidido não lhe fazer mal.

(2) O texto diz *menemcoria*, uma das formas populares e arcaicas desta palavra, que etimològicamente significa *bílis negra*, e noutro tempo se empregava como sinónimo de *irritação* ou *sanha*.

Então começaram todos de jurar que, se o não deitavam, iam a cima, que todos viessem a fundo com êle (1).

E porquanto todo temor é justo, por que homem pode vir a morte ou acêrca dela, houveram disto tão grande receio, que logo o Bispo foi morto com feridas, e lançado a-pressa a fundo, onde lhe foram dadas outras muitas, como se ganhassem perdoança (2), que sua carne já pouco sentia.

Ali o desnuaram de tôda vestidura, dando-lhe pedradas, com muitos e feios doestos, até que se enfadaram dèle os homens e os cachopos. E foi roubado de quanto havia.

Semelhàvelmente foi lançado a fundo aquele prior de Guimarães, seu convidado, porque um escudeiro que lhe mal queria, subindo acima com os do Concelho, viu tempo azado para o matar; e, buscando-o pela tôrre, achou-o escondido e matou-o; e, não tendo ninguém sentido a morte dèle, porque estava com o Bispo, nem havendo quem o levar dali, deitaram-no da tôrre a fundo.

---

(1) Jurar que... viessem. Hoje dizemos que *viriam*. Fernão Lopes emprega sempre o Conjuntivo.

(2) Como se isso lhe fizesse algum bem a êles, pois ao Bispo, morto ou quási, já nenhum mal fazia.

O coitado do tabelião, que tão pouca culpa havia como os outros, começaram de o trazer a-fundo, e de o doestar e empuxar, dizendo que com o Bispo estava, bem sabia parte naquela traição. E tantas lhe deram de punhadas, até que lhe começaram de dar feridas, e mataram-no; e assim morreram todos três, e outros fugiram.

E jouveram ali aquele dia e a noite, o prior e o tabelião. E em êsse dia logo, algumas pessoas refeces lançaram ao Bispo, onde jazia nu, um baraço nas pernas; e, chamando muitos cachopos, que o arrastassem, ia um rústico bradando diante:

— ¡ Justiça que manda fazer nosso senhor o papa Urbano VI a êste traidor, scismático, castelão, porque não tinha com a Santa Igreja (1).

E assim o arrastaram pela cidade com as vergonhosas partes descobertas, e o levaram ao Rossio, onde o começaram de comer os cães, que o não ousava nenhum soterrar; e sendo já dêle muito comesto (2),

(1) Ter com alguém = *ser do seu partido, ser-lhe fiel* ou *favorável.*

(2) Estando já devorada grande parte do seu cadáver.

soterraram-no em outro dia, ali no Rossio. E os outros dous foram depois soterrados, para tirarem fedor de ante suas vistas.

E pôsto-que a algumas pessoas tais cousas parecessem mal e desonestamente feitas, nenhum era ousado dizer o contrário.

(Cap. XII).

X

«HOMEM PEDE O QUE JÁ TEM»

Depois que o Mestre e o Conde houveram comido, segundo dissemos no capítulo de ante êste, veio-se para êles o Conde D. Álvaro Peres de Castro, e Rui Pereira, e outros bons fidalgos; e o Mestre falou com os Condes, dizendo que êle entendia que fizera grande desprazer à Rainha em matar o Conde em seus paços; e que lhe parecia que era bem de lhe ir pedir perdão, se o êles por bem houvessem. E acordado por todos que era bem, cavalgaram então pela vila e foram-se ao paço da Rainha. E ela estava em sua càmara, coberta de dó, segundo havia em costume.

E entrando êles pela porta, fizeram-lhe sua reverência, e ela alçou-se a êles; (1) e os

(1) Graças à minúcia do realista Fernão Lopes, ficamos sabendo que naquela idade cavalheiresca se levantava uma rainha do estrado, à entrada de vassalos seus.

do Mestre, como os Condes entraram, assim foram êles todos dentro, de volta, armados como andavam.

A Rainha, quando os assim viu entrar, disse contra êles, como queixosa:

—Ah! Santa Maria, vale! Que desmesura é ora essa, ou que entrada de câmara? ¿ E como? Todos nós havemos de ser em conselho?...

E êles calaram-se, e não disseram nada, deixando-se estar quedos. E ela, quando isto viu, disse:

—Andar (1), pois ora a Deus assim praz; estai em boa hora.

E tornou-se a assentar em seu estrado, e disse aos Condes que se assentassem; e o Mestre se assentou então, e os Condes ambos, cada um de sua parte. E sendo êles assim assentados, disse o conde D. Álvaro Peres ao Mestre:

—Senhor, dizei à Rainha o porque aqui viestes, e des-aí falaremos em al.

E então se alçou o Mestre, e pôs-se em joelhos ante a Rainha. E o Mestre começou de dizer:

---

(1) Como quem diz hoje: *paciência! não se fale mais nisto...*

— Senhora, aquele que não erra não tem de que pedir perdão; e eu, pois vos errei, é razão que vo-lo peça, como quer que Deus sabe (1) que minha intenção não foi de vos errar, nem fazer nojo, nem desprazer. Mas porque esta cousa que eu fiz se me azou de ser feita em vossos paços, porisso vos peço por mercê que me perdoeis. Que eu, êste homem que matei não o fiz por vos fazer nojo nem desonra, mas fize-o por segurança de minha vida; pois entendia (2) que, em--quanto êle vivesse, que minha vida nunca seria segura. E por o eu matar em vossos paços, disto vos peço eu perdão, e não de outra cousa; que a morte que lhe eu dei, Deus, que é sabedor de tôdas as cousas, sabe bem que muito há que me êle tinha merecido de lha eu dar; mas matá-lo em vossos paços, isto não devera eu de fazer. E portanto, Senhora, seja vossa mercê de me perdoar; e se me esta cousa perdoardes, inda me chegará Deus a tempo (3) que vo-lo servirei naquelas cousas que me vós

(1) = embora Deus saiba.
(2) = sabia.
(3) = me proporcionará Deus ocasião.

mandardes, e que eu entender por vosso serviço.

A Rainha, em-quanto o Mestre falou, não fèz nenhum sinal que lhe prazia de suas rasões; antes, calando, mostrava triste gesto; e os outros, olhando, como era razão, esperando sua boa resposta e vendo que a não dava, falou o conde D. Àlvaro Peres contra a Rainha, e disse:

— ¿ Que é isso, Senhora ? Não respondeis vós ao que vos diz o Mestre ? E não lhe perdoais ? Parece-me que vos diz bem; que não é homem mais teúdo (1), ainda que fôsse a Deus, que, se lhe erra, pedir-lhe perdão. E, pois que vo-lo êle pede, vós lhe deveis de perdoar, mòrmente pois é filho de Rei. Depois o èrro não foi ora tamanho, nem feito por tão má guisa, que vos êle mores serviços não possa fazer (2).

A Rainha não respondendo nada a isto, disse então o conde de Barcelos, seu irmão:

— ¿ Que cousa é esta, Senhora ? ¿ Porque não perdoais ao Mestre? Que bem vos diz o Conde, que não é homem mais teúdo, ainda

(1) = *uma pessoa não é a mais obrigada*

(2) = que não possa compensar-vos com serviços de mais monta do que a ofensa que vos fèz.

que fôsse a Deus, que lhe pedir perdão quando erra; e, pois vo-lo êle pede, e é filho de Rei, sempre em todo o tempo vo-lo serviria com bons merecimentos. E portanto todavia perdoai-lhe, pois se tão bem conhece que em tempo estais de lhe perdoar.

E ela, quando esta palavra ouviu, foi forçado de responder, e disse, como em som de escárneo:

— ¿Para que é ora tal pedir de perdão? Ou ¿para que são essas razões? Perdoado é êle de seu; mas dizei-me ora que lho acoime, vós, que sois meu irmão... (1). Parece-me que sobejo é pedir homem o que tem; e êle, pois é perdoado, não há por que pedir mais perdão. E portanto deixemos ora isso e falemos em outras cousas que vos mais cumpre de falar.

Então respondeu o Mestre, e disse:

— Senhora, se vos a vós isto anoja, não

(1) Os que acusam Fernão Lopes de cortesão devem pòr olhos inteligentes nesta scena admirável, em que a *Aleivosa* se nos mostra sòbre um alto pedestal de dignidade irónica, sobranceiro à hipocrisia dos adversários. Fernão Lopes pode dizer, à semelhança de outro homem de carácter: «O patrão é o patrão... *sed magis amica veritas.*»

falemos em êlo mais; e daqui em diante falemos no que vossa mercê fôr.

— Falemos ora, disse ela, em como dizem que el-rei de Castela quer vir a êste Reino, antes do tempo que é pôsto nos tratos.

— E isso, Senhora (disse o Mestre) boa cousa é de se falar, pôsto-que assaz já falado fôsse em êlo. E, se assim é como dizem, quanto a mim parece o que já dito hei: que vós lhe deveis de enviar vosso recado e frontardes-lhe que o não faça. E êle homem de razão é, e creio que o não faça, quando lho vós assim mandardes requerer...

— E ponhamos, disse ela, que lho envio eu requerer e êle diz que o não quer fazer?...

— Certamente, disse o Mestre, se lho vós enviásseis requerer, e o êle fazer não quisesse, então deveis vós de juntar vossas gentes, e embargar-lhe sua vinda a todo vosso poder.

A Rainha começou então de sorrir por modo de escárneo, e disse:

—Oh! Que boa razão essa! E aí era El-rei, meu senhor, vivo, e vós outros todos com êle, e não o podíeis fazer; quanto mais agora, que êle é morto, e tôda vossa esperança soterrada com êle!

Quando estas razões ouviu, o conde D. Álvaro Peres levantou-se em pé, e disse:

— Alçai-vos, senhor, e vamo-nos, que me parece que não praz aqui com quanto nós dizemos.

Então se levantou o Mestre e os Condes, e espediram-se dela, e foram-se. E saindo êles pela porta da câmara, olhou ela e viu ainda jazer o Conde morto, ali onde ficara quando o Mestre o matou. E disse contra êles:

— Ah! Santa Maria, vale! Que crueldade tamanha! E não haveis ora dó dêsse homem que aí jaz assim, morto tão desonradamente?! E sequer por ser homem fidalgo, como vós?! Havei ora dêle dó, e fazei-o soterrar, e não jaça aí dessa guisa.

E êles não curaram disto e foram-se para suas pousadas.

O conde João Fernades jouve ali morto e coberto com um tapete velho, que nenhum ousava de pôr em êle mão, para o soterrar. Êle jazia vestido e atacado, em um gibão de cetim vermelho e uma tabarda de fino pano preto, com alhetas (1) e mangas; mui bem

---

(1) = *debrum teso, que se punha onde a manga pegava com o corpo do gibão antigo* (Morais, *Dic.*)

feito corpo de homem, até idade de quarenta anos.

E depois que foi bem noite, mandou-o a Rainha soterrar, o mais escusamente que ser pôde, na igreja de S. Martinho, que é logo junto; e partiu-se essa noite dali, e foi-se para a Alcáçova, para outros paços que lá tinha.

(Cap. XIII).

XI

DEFESA DOS JUDEUS EM NOME DO MESTRE

PASSADO aquele grande arruído com que as gentes da cidade chegaram ao paço da Rainha, e que o Bispo foi morto da guisa que ouvistes, gerou-se entre êles uma união de mortal ódio contra quaisquer que sua intenção não tinham, em-tanto (1) que nenhum lugar era seguro àqueles que não seguiam sua opinião.

Cada um dava folgança a seu ofício e tôda sua ocupação era juntar-se em magotes, a falar na morte do Conde e cousas que haviam acontecido; des-aí, pois el-rei de Castela diziam que vinha ao Reino (2), que maneira se teria na defensão dêle. E uns nomea-

---

(1) = *a ponto.*

(2) Inversão: *pois se dizia que el-rei de Castela invadiria o Reino,* etc.

vam o infante D. João, dizendo que a êle pertencia o Reino de direito; outros diziam que não podia ser, que era já preso em Castela e que nunca havia de ser sôlto, ou que porventura o matariam por êste azo; e, pois isto assim acontecera, ¿ que cumpria (1) outro infante no Reino, salvo o Mestre de Avis, que era filhode el-rei D. Pedro, como o outro? E que êste tomassem por seu rei e senhor.

Gastado aquele dia em tais falamentos, na seguinte manhã tornaram a semelhantes razões; e, contando cada um o que lhe parecia de tais feitos, nasceu entre êles um novo acôrdo, dizendo que era bem de roubar alguns Judeus ricos da Judaria, assi como D. Judas, que fôra tesoureiro-mor de el-rei D. Fernando; e D. David Negro, que era grande seu privado, e outros; e que dêstes poderia haver o Mestre mui gram riqueza, para suportamento de sua honra. E, falando uns com outros para o pôr em obra, começou-se de alvoroçar e juntar muito povo.

Os Judeus, como isto sentiram, não cura-

(1) = *¿ de que serviria, para que era preciso?*

ram de ir à Rainha, mas foram-se a-pressa alguns dèles às casas de João Gil, junto com a Sé, onde o Mestre aquela noite dormira; e disseram ao Mestre que os da cidade se alvoroçavam para os irem roubar e matar todos; e que lhe pediam por mercê que lhes acorresse a-pressa; se não, que todos eram mortos.

O Mestre dizia que se fôssem à Rainha, que êle não tinha com aquilo que fazer; e êles se aficavam cada vez mais, pedindo trigosamente acorro.

Os condes D. João Afonso e D. Álvaro Peres, que estavam com o Mestre, quando viram que êle se escusava, disseram, com dó que houveram dêles:

— Oh! Senhor, por mercè, hi lá, antes que comecem; e não lho deixeis fazer, que depois que começarem, ser-vos hão mui maus de desviar de tal feito.

Cavalgou então o Mestre, e os Condes com êle, e foi-se logo lá; e, quando chegou à Judaria, achou gram parte dos da cidade, que se juntavam quanto podiam, e todos alvoroçados para entrarem dentro e a roubarem. E disse então o Mestre contra êles:

— ¿Que é isto, amigos? Que obra é esta que quereis fazer?»

— Senhor, disseram êles, estes traidores dêstes Judeus, D. Judas e D. David Negro, que são da parte da Rainha, teem grandes tesouros escondidos, e queremo-los tomar e dá-los a vós, que queremos por nosso senhor.

— Amigos, disse êle, não queirais esta cousa fazer, mas deixai vós a mim êsse cuidado, e eu porei sôbre êlo remédio.

— Senhor, disseram êles, não assim; mas nós iremos buscar os trèdores onde jazem escondidos, e trazê-los hemos a vós, e havereis tudo quanto êles teem.

O Mestre, dizendo que não curassem daquilo, e êles aporfiando que sim, era-lhe grave cousa desviá-los de sua vontade. Disseram então os Condes ao Mestre:

— Senhor ¿ quereis bem fazer? Parti-vos daqui, e ir-se há esta gente tôda convosco, e não curarão mais disto que fazer querem.

E o Mestre feze-o assim, e foram-se todos com êle pela rua Nova. E, ficando poucos, desfeze-se gram parte daquela assuada. Ali disse o Mestre a Antão Vasques, que era juíz do Crime na cidade, que mandasse apregoar da parte da Rainha, sob certa pena, que não fôsse nenhum tão ousado de ir à Judaria, para fazer mal a Judeus; e êle disse

que o mandaria apregoar da sua parte, mas não já da Rainha. E o Mestre lhe defendeu que o não fizesse, e êle não curou em isto de sua defesa (1) e mandou-o apregoar de sua parte.

As gentes tôdas, quando ouviram èste pregão, folgavam muito em suas vontades, e diziam uns contra os outros:

— ¿ Que fazemos estando (2)? Tomemos êste homem por senhor e alcemo-lo por rei.

E êle ouvia estas cousas e filhava-se a sorrir, louvando Deus muito em seu coração, que tal desejo punha no povo contra êle (3).

Então se tornaram, êle e os Condes, para a Sé, e aí descavalgaram para ouvir missa.

(Cap. XIV).

(1) = *não fèz caso da proïbição do Mestre.*
(2) = *¿ que fazemos assim parados* ou *inertes)?*
(3) = *para com* (francês: *vers lui).*

XII

«¡MAU FOGO TE QUEIME, LISBOA!»

Se os antigos que louvaram as nobres mulheres viveram (1) no tempo da rainha D. Leonor, muito erraram em seu escrever, se a não puseram no conto das mui famosas. Porque, se o dom da formosura, de todos muito prezado, fêz a algumas ganhar perpetual nome, dêste (2) houve ela tão gram parte, acompanhado de prazível graça, que aquela que o mais desejar pudesse seria assaz de contente do que a natureza a ela proveu (3). Des-aí, com isto, sajeza de costumes (4) e grande avisamen-

---

(1) = *tivessem vivido.*

(2) Subentenda-se *dom.*

(3) = *julgar-se-ia feliz com ser tão formosa como ela.*

(4) Sajeza de costumes=*prudência* (fr. *sagesse).*

to; e de nenhuma cousa que a prudente mulher pertença era ignorante.

Foi mulher mui inteira (1) e de coração cavaleiroso, buscador (2) de maravilhosas artes, para firmeza de seu estado. Desde que ela reinou, aprenderam as mulheres ter novos jeitos com seus maridos, e as mostranças de uma cousa por outra mais perfeitamente do que se acha, nos anciãos tempos, que outra rainha de Portugal fizesse.

Ela havia certos fundamentos (3) para quem (4) tinha má vontade nunca lho poder conhecer; e onde entendia fazer gram dano azava mortais empècimentos, com mostrança de todo o contrário (5).

Assim que, pôsto-que ela tivesse ao Mestre um tão mortal ódio, por a morte do conde João Fernandes, em guisa que de nenhum mal lhe podia então vir tão gram parte que a ela fôra abastada vingança, pero com tudo isso ela pôde tanto com seu gran-

---

(1) = *forte de carácter; de grande sangue frio.*

(2) Parece referir-se a *mulher*, e não a *coração*. No tempo de Fernão Lopes ainda não eram biformes, como hoje, os nomes em *or*.

(3) = *bastante dissimulação.*

(4) Leia-se *qualquer pessoa a quem.*

(5) Compare-se o francês *tout le contraire.*

de coração, — a mui poucos ligeiro de fazer (1) — que nenhuns sinais de malquerença mostrava ao Mestre de fora, como se lhe nunca houvesse feito nenhum desprazer. Mas (2) êsses poucos dias que lhe depois falou, estando ela na cidade, sempre suas falas e respostas eram contra êle boas, sem mostrança de mau desejo.

Ela, aos dois dias depois da morte do conde João Fernandes, quitou a Fernão Lopes, escudeiro do Mestre, a seu rôgo, cem dobras que lhe demandavam que pagasse por Lourenço Eanes, seu sôgro, que fôra almoxarife de el-rei D. Afonso. E não sòmente ao Mestre, mas ainda a alguns outros, que (3) ela por tal razão má vontade tinha, nenhuma cousa dava a entender, de rancor que tivesse contra êles; mas suas falas e desembargos todo era feito ledamente e com bom gesto... até que viesse tempo azado de se poder vingar segundo seu desejo.

---

(1) = *o que muito poucos conseguiriam fàcilmente.*

(2) = *pelo contrário.*

(3) Leia-se *a quem.*

*

* *

Movida tal discórdia no povo, como dissemos, e trabalhando-se os seguidores dela por levar adiante sua opinião, foi a Rainha posta em grandes pensamentos, com mistura de temor; pois ela não era certa da maneira que o Mestre queria ter com ela. Doutra parte temia-se dos moradores da cidade, que sabia que diziam dela muito mal, tão bem (1) homens como mulheres; assim (2) que não sabia que jeito tivesse por segurança de sua vida e honra. E, cuidando sôbre isto muitas e desvairadas cousas, entendeu que a melhor e mais segura, que por o presente podia fazer, era partir-se daquela cidade, e ir-se para outro lugar mais seguro.

Então ordenou de se ir daquele lugar pera uma sua vila, oito léguas da cidade, a que chamam Alenquer; e partiu a Rainha grande manhã (3) sendo já espaço do dia anda-

(1) = *tanto.*

(2) = *de modo.*

(3) As palavras seguintes explicam o sentido de *grande manhã.*

do (1) com donas e donzelas, quantas havia em sua casa, e todos os seus com ela.

A Rainha chegou a Alverca com trigoso andar, e ali comeu; e dali partiu e foi dormir a Alenquer; e quando entrou pela porta da vila, disse Gonçalo Mendes:

— Minha sobrinha, agora entendo eu que vós estais segura, que não em Lisboa...

A Rainha não respondeu a estas palavras, nem disse cousa alguma; mas não minguava, dos de sua companhia, quem pelo caminho, olhando por detrás, dissesse contra Lisboa *que mau fogo a queimasse, e que ainda a visse destruída e arada tôda a bois.*

(Dos caps. XV e XVI)

---

(1) = *indo o sol já um pouco alto.*

XIII

O POVO E O MESTRE

Pois que os humanais feitos se julgam segundo a intenção, e não segundo a obra que se dêles segue, nenhum tenha sentido de prasmar (1) o Mestre, vendo as cousas que se depois seguiram, dizendo que êle, com desordenada cobiça de reinar, ou haver outro senhorio no Reino, e não por outra cousa, se moveu a matar o conde João Fernandes. Que sua vontade nunca esta foi, nem subiu em seu coração tal desejo; mas (2), sòmente por usar de uma honrosa façanha, vingando a desonra de seu irmão, antes pôs sua vida e honra

---

(1) = *censurar.*

(2) Ligue-se este *mas* ao *antes* que aparece mais abaixo, e entenda-se *mas antes* = *pelo contrário.*

em grande aventura tremetendo-se (1) de fazer tal obra, dispondo de (2) deixar o Reino e o Mestrado por isto, como de feito quisera fazer.

Porque, tanto que a Rainha partiu para Alenquer, e êle ficou na cidade, houve o Mestre conselho, por segurança de sua vida, de se ir para Inglaterra, vendo que lhe não convinha ficar no Reino. E mandou fazer prestes todo o que cumpria para sua ida, em duas naus que jaziam ante o pôrto da cidade, carregadas de haver de mercadores.

*

* *

Fazendo-se o Mestre prestes para se partir e postas nos navios tôdas as vitualhas (3), e feitas as manjadouras para as bêstas, eram todos os da cidade, assim os grandes como os pequenos, abalados com medrosos pensamentos.

Muitas cousas lhes mostravam claros sinais de nova guerra, e nenhuns podiam cui-

---

(1) = *empreendendo.*
(2) = *dispondo-se a.*
(3) O texto diz *bitalhas,* forma popular.

dar certamente (1) onde tais feitos haviam de ir ter. Eram ainda em êste tempo grandes cuidados nos povos do Reino, especialmente nas gentes de Lisboa, vendo tais cousas muito duvidosas e postas sob esperança (2) de grande destruïção da terra.

¿Qual da cidade podia então ser tão seguro, que sempre não fôsse muito acompanhado de temor, vendo como a Rainha partira tão queixosa de todos êles, por de tal guisa terem (3) com o Mestre, na morte do conde João Fernandes? Demais, que diziam que escrevera (4) a el-rei de Castela que logo trigosamente viesse ao Reino; a qual vinda, bem entendiam todos que não era salvo (5) para se assenhorar dêles, e para destruïção dos que contra a Rainha foram, e isso-mesmo na morte do Bispo.

De outra parte, grande temor que da Rainha haviam, sendo lembrados do grande mal que antes disto haviam recebido os que contradisseram o casamento de el-rei D.

---

(1) = *prever, calcular.*
(2) = *espectativa ameaça.*
(3) = *estarem unidos, aliados.*
(4) Sujeito: *a Rainha.*
(5) = *senão.*

Fernando com ela. Demais então, que não sòmente foram contra a Rainha em ajuda do Mestre, na morte do conde João Fernandes, mas ainda soltando-se em desonestas palavras e doestos, que lhe a ela foram mui graves de suportar. Assim que, ficando à mercê da Rainha, que conheciam por mui vingadora de vontade, era-lhes assaz forte cousa esperar sua execução.

Outra cousa que muito aficava o povo miúdo era haver na cidade gram parte de Galegos e Castelãos, e muitos criados da Rainha, assim por criação como por bem-feitoria e ofícios que lhes dera; os quais, avindo tal caso que se defender quisessem, temiam de ser da parte dela, e de todo o ponto em estôrvo contra êles.

E postas estas cousas tôdas ante seus olhos, nenhum era sabedor do que havia de vir.

*

* *

Andando o povo assim levantado, pôsto em trabalho de falar em tão grandes dúvidas, e vendo no Mestre tanta autoridade, que para os defender era pertencente, ardiam todos com cobiça de o haverem por

senhor; e, falando uns com os outros diziam :

— ¿Que estamos fazendo? Tomemos êste homem por defensor, que sua discrição e fortaleza é tanta, que bastará pera empuxar todos os perigos que nos avir podem.

Então chegaram a êle, pedindo-lhe por mercê que os não quisesse desamparar, deixando a êles e o Reino todo, que com tanto trabalho fôra ganhado pelos reis donde êle vinha, em poder de Castelãos; que êles bem certos eram que el-rei de Castela era a-pressa chamado da Rainha; e, vindo ao Reino poderosamente, era por fôrça de se assenhorar dêle, se não tivesse quem o defender; e êles todos postos em mesquinha e refece sujeição. E que por isso lhe pediam por mercê que se não quisesse partir, mas que ficasse na cidade, que êles o queriam tomar por senhor, que os regesse e mandasse em tôda cousa. E se porventura o infante D. João viesse, e lhe o Reino pertencesse por direito, que o tomariam por rei. Doutra guisa, não.

Com tais ditos, e outros semelhantes, se trabalhavam todos de mover o Mestre a se não partir da cidade e ficar no Reino por seu defensor; mas êle se escusava com

boas e doces razões, esforçando-os quanto podia com palavras de confôrto, que nenhuns dêles receber podiam, nenhuma cousa lhes outorgando do que lhe em tal feito iam requerer.

E êles, não embargando isto, quantas vezes o Mestre cavalgava pela vila, era assim acompanhado do comum povo, como se das mãos dêle caíssem tesouros que todos houvessem de apanhar.

E, seguindo-o as gentes com grande prazer, uns lhe travavam da rédea da bêsta, outros das fraldas da vestidura, e, bradando todos, diziam altas-vozes que os não quisesse desamparar, mas ficasse no Reino por senhor e regedor, prometendo-lhe cada um das riquezas e haveres que tinha, oferecendo os corpos à morte por seu serviço.

E êle olhava-os, rindo do que diziam; e assim chegavam com êle até onde o Mestre pousava, e des-aí tornavam-se.

(Dos caps. XVII, XIX e XX).

XIV

LEONOR MANDA MATAR O MESTRE

Não tem o ódio menos sentido de haver vingança daquele que desama, que o amor de trigosos pensamentos de cedo possuir quem muito deseja. E assim como onde há mui grande amor se geram desvairados cuidados, por cedo percalçar o fim (1) de seu desejo, assim o que tem rancor de alguma pessoa não cessa pensar desvairados caminhos com que apague a sêde de sua mortal sanha.

E portanto a rainha D. Leonor, por vontade feminina, que geralmente é muito desejadora de vingança, des-aí, usando de um grandioso coração (2), de que natureza lhe

(1) Lopes emprega *fim* como feminino.
(2) = *de grande coragem.*

não fôra escassa, nenhuma cousa por então a seu entendimento era mais representada, que cuidar a miúde todos os modos por que do Mestre pudesse haver comprida emenda (1); e sendo certa como se êle trigava para partir, em naus que já tinha bem abitalhadas, e se ir para Inglaterra; e que nenhuns rogos nem preces do povo o podiam fazer reter, entendeu que a vinda de el-rei de Castela não podia ser tão a-pressa que se èle muito mais cedo por mar não partisse.

E, deixado o modo (2) da vinda de El-rei, que determinado tinha para dèle (3) ser vingada, cuidou de ordenar por outra maneira por que, de morto ou pôsto em prisão, o Mestre por nenhuma guisa pudesse escapar. E foi dêste jeito:

Quando ela foi certa que se o Mestre dispunha para partir do Reino, pensou que então tinha muito mais prestes azo para o haver à mão, preso ou morto. E dizem que mandou falar em gram segrêdo com os mestres daqueles navios, especialmente com

(1) = *completa desforra.*
(2) = *a hipótese, o recurso.*
(3) = *do Mestre.*

o mestre daquela nau em que êle havia de ir, prometendo-lhes grandes e assinadas mercês, se isto quisessem pôr em obra, convém a saber: que como as naves fôssem através da costa da Atouguia, que são catorze léguas da cidade, que tivessem jeito os mestres e marinheiros de se todos meter nos batéis e ir em terra; e, deixadas as naus desamparadas de mareantes, que era por fôrça de virem à costa: e que então seria forçado de o Mestre em tôda guisa ser preso ou morto. E tal maginação lhe pareceu mui convinhável, para seu propósito ser muito mais cedo acabado.

E presume-se que prouve àqueles a que foi cometido; porque, não dando ela tardança a tal pensamento, quando soube que se o Mestre trigava para embarcar, e não queria ficar na cidade, falou esta cousa com Vasco Peres de Camões. E tanto aficou sua trigosa vontade, que, antes que fôsse certa se era partido ou não, o mandou duas vezes de Alenquer a Atouguia, com certos homens que levava consigo, para aguardar que, como (1) se isto pusesse em obra, lho trou-

(1) = *quando.*

xesse preso ali onde estava, ou certo recado como era morto.

E quando a Rainha soube de certo que o Mestre ainda não partira, e que os da cidade se aficavam em tôda guisa de o tomar por senhor, cessou de mandar saber novas disto, até que soubesse se partia ou não.

(*Cap. XXI*).

XV

«BOM LONDRES É ÊSTE»

Sendo no povo cuidado notável por sua segurança e defensão da terra, da guisa que tendes ouvido, não embargando que se o Mestre escusasse por suas razões a não poder ficar em o Reino, as gentes porém não deixavam de o seguir, pedindo-lhe cada dia, por mercê, que os não quisesse desamparar. E porque era pública voz e fama que se êle ia para Inglaterra, vendo Rui Pereira tanto povo a redor dêle, bradando todos que o queriam por senhor, disse uma tal razão contra o Mestre:

— ¿ Quereis que vos diga, senhor? Vós, dizem que vos is para Inglaterra: mas a mim me parece que bom Londres é êste.

Então um escudeiro fidalgo, que chamavam Álvaro Vasques de Góis, chamou o Mestre a-de-parte e disse desta guisa:

— Vós, senhor, dizem que ordenais de vos partir daqui e vos ir pera outra terra?

O mestre respondeu que sim.

— ¿Que vos move, disse êle, para fazerdes tal partida?

— Move-me, disse o Mestre, a vinda de el-rei de Castela, que é certo que se vem aqui; des-aí, os mores do Reino teem todos da parte (1) da Rainha, a qual me quer mui gram mal, por a morte do conde João Fernandes, e sou certo que me azará todo o mal e desonra, por hu quer que puder.

— ¿Para qual parte, disse o escudeiro, vos entendeis de partir?

— Entendo, disse o Mestre, de me ir para Inglaterra.

— ¿Que vida entendeis lá de fazer? disse Álvaro Vasques.

— Entendo, disse êle, servir El-rei na guerra que houver com seus inimigos, e ganhar aquela honra e fama que todos os bons desejam percalçar.

— Em verdade, Senhor, disse o escudeiro, eu não sei em isto bem vossa vontade; mas peço-vos por mercê que me digais: pôsto-que vós lá andeis quanto tempo quiserdes, e que sirvais mui bem El-rei, como eu entendo que vós servireis, ¿quando entendeis

(1) = estão todos do partido.

vós lá de cobrar outra tão boa cidade, por fôrça de armas, como a cidade de Lisboa, em que vós estais e hu se oferecem os moradores dela a vos servir, e dar quanto teem, até morrerem por vos ajudar? E, se vós em outra terra entendeis de servir por alcançar honra em feito de armas, ¿ onde podeis vós mor serviço fazer, e que melhor relembrança fique de vós, que a terra (1) que foi ganhada por os nobres reis donde vós descendeis, e donde sois natural, mòrmente, com gentes que tão de coração e de vontade vos oferecem sua ajuda e serviço?

Quando o Mestre ouviu tais razões, pareceram-lhe boas, e começou de cuidar em sua ficada, por que maneira poderia ser com sua honra e proveito.

(*Cap. XXII*).

---

(1) Leia-se *na terra*.

XVI

FREI JOÃO DA BARROCA

De Frei João, a que depois chamaram «da Barroca», não havemos mais conhecimento, salvo quanto achamos escrito que contam dêle algumas histórias, dizendo que, ante por tempo que o Mestre matasse o Conde, vivia um bom homem devoto em Jerusalém, em vida emparedado, e era castelão (1). A êste veio em revelação que se viesse ao porto de Jafa, e que ali acharia uma nau prestes, que vinha para Portugal, à cidade de Lisboa; e que entrasse em ela, e aportaria ali.

O homem bom (2) se saíu da cela onde vivia, e, chegando àquele pôrto, achou a nau prestes, como lhe fôra dito, e entrou logo em ela. E encaminhou Deus sua viagem de

---

(1) = castelhano.

(2) Hoje dizemos *o bom do homem.*

guisa, que chegaram àquela cidade, onde êle nunca fôra. E, como foi noite, disse que o levassem a uma alta barroca, cêrca do mosteiro de S. Francisco, dêsse lugar, onde havia uma pobre casa bem pequena; e que lhe cerrassem a porta, salvo uma estreita janela que ficasse por vista; e que Deus o proveria ali do que lhe necessário fôsse.

Fizeram-no assim aqueles que disto tomaram cuidado, e foi encerrado em aquele lugar. E, vivendo ali o homem bom em áspera e apertada vida, começaram as gentes de haver em êle tal devoção, visitando-o com suas esmolas, de que êle pouco tomava, que todos o haviam por santo, e que Deus lhe revelava muitas das cousas que eram por vir; e alguns iam tomar com êle conselho, por saúde de suas almas e fazendas.

Porque dos entendidos é requerer conselho, e os grandes feitos não encaminhar por seu proprio siso, teve o Mestre que era bem, não embargando o que lhe dissera Álvaro Vasques, e Rui Pereira, e outros, de se conselhar com espirituais pessoas, pois a tal carrego, qual lhe diziam que tomasse, não sòmente cumpria haver a ajuda das gentes, mas ainda as orações e preces dos bons, e a ajuda de Deus e sua graça.

E, por a grande nomeada que pela cidade corria dêste Fr. João da Barroca, assim de sua honesta vida como de bons conselhos que dava a alguns que o iam visitar, foi o Mestre falar com êle. E esta fala dizem alguns que foi a requerimento do homem bom, com o qual falara Álvaro Pais, fazendo-lhe queixume como se o Mestre queria partir, e que êle lhe disse que todavia conselhasse ao Mestre que se não partisse, que a Deus prazia de êle ser regedor desta terra e senhor dela. Outros contam que o Mestre se moveu a lhe ir falar, para haver dêle algum proveitoso conselho em seu feito.

Ora, de qualquer guisa que seja, êle foi a êle (1) e contou-lhe tôda sua fazenda, e quanto lhe aviera com o povo da cidade, dizendo como se todos aficavam de o tomar por senhor, e que se não fôsse fora do Reino, dês-aí, tôdas as outras razões que com muitos dêles houvera, conselhando-lhe todavia que ficasse; mas que êle não via nenhum caminho como se isto pudesse fazer a seu salvo, nem do povo da cidade, porque el-rei de Castela vinha mui poderosamente ao Reino, e as mais das vilas e lugares tinham já sua

(1) = *o Mestre foi ter com o frade.*

voz dêle; e que, para tal defensão como aquela, cumpria ajuda de muitas gentes e gram soma de dinheiros para despesa do sôldo; dês-aí, o castelo da cidade, que era contra ela, ser logo tomado (1), que (2) seria mui grave de fazer tão a-pressa.

Assim que estas, e tôdas as outras razões contrárias, que o Mestre entendeu que tal feito embargar podiam, contou (3) pelo miúdo ao homem bom. E êle a tôdas respondeu de guisa que o Mestre folgou muito com sua resposta, pondo-lhe grande esfôrço em elas, dizendo-lhe todavia que se não fôsse do Reino e começasse de seguir seu feito com ardido coração, que a Deus prazia de êle ser rei e senhor dêle, e seus filhos depós sua morte; e que, para tomar o castelo da cidade, fizesse um artifício de madeira a que chamam *gata*, e que logo sem muita detença seria tomado, com mui poucas gentes.

O Mestre, quando isto ouviu, maravilhou-se das palavras do homem bom; e, co-

(1) = precisava de ser logo tomado.
(2) = o que.
(3) = contou-as.

meçando de cobrar esfôrço, partiu-se então dante êle, assaz cuidadoso de sua fazenda (1).

(Dos caps. XXIII e XXIV).

(1) = muito preocupado com os seus negócios.

XVII

O «BACINETE E A COTA» DE ÁLVARO PAIS

Não convém calar, pôsto-que disto poucos livros façam menção, a maneira que o Mestre teve, depois que falou com frei João aquela vez e outras algumas, em razão de sua partida ou ficada.

Porque, cuidando êle no prosseguimento de tantos trabalhos e cuidado, como a tal feito cumpria, mandou chamar Álvaro Pais e outros alguns da cidade, que lhe sôbre isto haviam falado; e disse que, pensando êle no que lhe por vezes disseram, em razão de sua ficada em o Reino, que êle pensara em isto muito; e que lhe via tantos contrários a esta cousa não poder ir adiante com sua honra e proveito dêles, que sempre duvidara muito de o fazer. Portanto, que cuidassem bem nisso, que não era cousa para começar assim de ligeiro; e que, se alguma

boa maneira pudessem achar acêrca do que começar queriam, que êle prestes era para o pôr em obra. Doutra guisa, melhor seria não o começar, e buscar-lhe outro remédio.

E falando sôbre isto perlongados sermões, vieram alguns a cuidar que, por esquivarem semelhante dano qual aviera ao Reino no tempo de el-rei D. Fernando, com guerras; des-aí, por esta cousa ser melhor e mais proveitosamente feita, que era bem que o Mestre casasse com a rainha D. Leonor, dizendo (1) que ela havia de haver o regimento do Reino por certos anos, segundo nos tratos era conteúdo; e que emtanto poderia ser que haveria el-rei de Castela filho da rainha D. Beatriz, o qual havia de ser trazido ao Reino e criado em êle, como nas avenças fôra outorgado; e que êle (2) com a Rainha seria regedor todo aquele tempo; e, quando viesse aquela sazão que êle houvesse de reinar, que ficaria o Mestre governador de El-rei e o mor do Reino, e de seu Conselho; e desta guisa seria a terra em assossêgo e paz, e êles seguros, da parte da Rainha, pela união que ale-

---

(1) Sujeito: *alguns conselheiros do Mestre.*
(2) Refere-se ao Mestre.

vantaram contra ela; e que o Papa, vendo quanto bem se de tal cousa seguia, que ligeiramente dispensaria com êles que pudessem ambos casar.

Foi esta cousa dita ao Mestre e posta em conselho, perante aqueles com que razão tinha de o falar; e foi determinado que era proveitosa por estas razões que ditas havemos, e outras muitas que alguns assinavam, dizendo que era bem de lhe ser cometido (1), e veriam que resposta daria a isso.

E, ordenando quem lá houvesse de ir, acharam que era bem de enviar sôbre isto Álvaro Gonçalves Camelo, que foi depois prior do Esprital, e Álvaro Pais, cidadão de Lisboa, de que em-cima é feita menção.

Os quais, chegando a Alenquer, receberam dela grande e fingido gasalhado, especiàlmente Álvaro Pais, a que ela mor mal queria. E falando à Rainha sôbre aquilo a que eram enviados, não se acordou com êles, em feito do casamento.

Quanto à segurança dos moradores da cidade, pela união que alçaram contra ela, dizem alguns que teve êste jeito:

Como era prudente mulher e sages, viu

(1) = *de ser aquilo proposto à Rainha.*

que, não lhes dando segurança da guisa que o povo requeria, que, como todos andavam levantados, que se poderia seguir mais pior, e ela então não teria azo de se vingar dêles, segundo desejava; e portanto contam que os segurou, da guisa que lho pedir enviaram. E, para mais certos serem de tal segurança, e não porem em êlo dúvida, fingiu que comungava de uma hóstia, a qual afirmam que não era sagrada. E deu-lhes suas cartas de seguro, para se partirem.

Ora assim aveio que, depois que a Rainha foi em Alenquer, como dissemos, começaram de falar perante ela êsses fidalgos, e outros que presentes eram, sôbre o que a cada um ficara na cidade, de que se mais doía; mostrando tais (1) quanto lhes pesava de o assim perderem.

A Rainha, ouvindo falar em isto, disse contra os outros:

— Quanto a mim, não me pesa de outra cousa que me lá ficasse, como do bacinete e da cota de Álvaro Pais...

— ¿ Como, senhora — disseram êles — e tão boas armas são essas, que vós não

(1) = *certos, alguns (dos fidalgos).*

podereis haver outras tão boas por dinheiro?...

— Não me dariam, disse ela, outras tais por nenhum preço. E, se me alguém estas desse à mão, eu lhe daria por elas quanto me pedisse.

E, maravilhando-se todos que armas podiam tais ser, souberam que o dizia porque Álvaro Pais era calvo (1); e por a cota, da cabeça (2).

Alguns que lhe isto ouviram foram-no dizer a Álvaro Pais, e êle trabalhou de se partir mais a-pressa, e encaminharam para Lisboa.

E antes que se partissem de Alenquer, disse o conde D. João Afonso a um escudeiro, casado em Lisboa, com quem havia conhecimento, que ia em companhia dos embaixadores, que *bem via como Castela era contra Portugal, e Portugal contra si mesmo; e que bem devia entender que tal sandice qual levantavam dous sapateiros e dous alfaiates, querendo tomar o Mestre por senhor, que não era cousa para ir*

(1) E tinha portanto a cabeça luzidia como um elmo (ou *bacinete)* de metal.

(2) = *por* cota *entendia a cabeça.*

adiante; e que, portanto, ao menos por segurança de seus bens, que deixasse a cidade e se fôsse pera êles.

— Nunca tal vistes! disse o escudeiro. Quando cá estou, parece-me que é assim como vós dizeis; e depois que lá sou semelhà-me que todos não valeis nada, e que quanto me falais que tudo é vento...

(*Cap.* XXV.)

XVIII

O TANOEIRO E OS QUE TINHAM QUE PERDER

Em-quanto Álvaro Gonçalves e Álvaro Pais foram enviados a Alenquer, alvoroçaram-se as gentes da cidade, sabendo como el-rei de Castela se vinha chegando ao Reino.

E disseram uns contra os outros:

—¿Que temos de fazer com enviar recado à Rainha, nem pôr em isto mais longa tardança? Vamos ao Mestre e peçamos-lhe aficadamente que seja sua mercê, em tôda guisa, tomar carrego de defender esta cidade e reino, e nós o serviremos com os corpos e haveres, e lhe daremos tudo quanto temos. E assim farão todos os outros do Reino que verdadeiros portugueses forem; e não curem de mais enviar recado à Rainha, nem da resposta que lhe há-de mandar (1).

---

(1) = *que ela mande ao Mestre.*

Então, o comum povo livre, e não sujeito a alguns que o contrário disto sentissem, lhe pediram por mercê que se chamasse Regedor e Defensor dos Reinos; e êle, vendo seu grande desejo, des-aí o conselho de frei João e dos outros que lhe sôbre isto haviam falado, outorgou de o fazer, com-tanto que êles se juntassem todos aquele dia no mosteiro de S. Domingos, para lhes haver de falar o que sôbre êlo entendia de fazer em razão da sua ficada, por que tanto era requerido (1). E êles disseram que lhes prazia muito.

Juntos êsse dia muito povo da cidade em aquele mosteiro, propôs o Mestre como se entendia partir (2) do Reino, e as razões por que, como já dissemos; des-aí como lhe fôra muitas vezes requerido por êles que todavia ficasse por seu defensor; e que êle se escusara dêlo por certas razões que lhes logo assinou; mas que, pois se êles tanto aficavam que todavia não partisse e ficasse na cidade, que êle, por serviço e honra do Reino, determinava em sua vontade de ficar, com-tanto que êles tivessem maneira

(1) = *para a qual tanto o solicitavam.*
(2) = *explicou como entendia partir-se, etc.*

de o servir, e suportar em aquela honra e estado que cumpria, por defensão do Reino.

Êles, a uma voz, não esperando que falasse um por todos, mas quantos aí eram juntos, altamente disseram que lhes prazia de o servir e ajudar com os corpos e haveres, até morerrem todos ante êle. E o Mestre respondeu então que, pois êles assim diziam e o queriam servir, que a êle prazia de tomar carrego de ser seu defensor, e pôr o corpo a qualquer aventura, por honra do Reino e sua defensão dêles.

Quando o Mestre outorgou, desta guisa, de ter cuidado e regimento do Reino, tôda a tristeza foi fora das gentes, e seus corações não deram lugar a nenhum trespassado temor; mas, todos ledos e sob boa esperança, fundada em bem-aventurada fim, se esforçaram de levar seu feito adiante, tendo grande fé em Deus que os havia de ajudar.

E disseram logo ao Mestre que, porquanto na cidade havia muitos honrados cidadãos (1) que ali não estavam presentes, que fôssem chamados à Câmara do Conselho, e que lhes

(1) = *cidadãos importantes, burgueses ricos.*

fôsse tudo razoado e proposto, quanto ali fôra dito, de guisa que outorgassem todos o que êles disseram e queriam fazer (1).

O Mestre disse que era mui bem. E foram em outro dia todos chamados. E, sendo assim juntos em aquela câmara da cidade, foi razoado, por parte do Mestre, como todo o povo miúdo o recebiam por seu regedor e defensor; e que ora era a êles requerido se lhes prazia outorgar aquilo que todo aquele povo tinha outorgado.

Nenhum não respondia, calando-se todos. Outros falavam mui manso, à orelha, com os que siiam (2) cêrca dêles. Assim que nenhum não dava resposta que mostrasse que consentia em cousa que os outros dissessem — não por lhes a êles não prazer de a cidade e reino ser defeso dos inimigos, mas porque todos aqueles duvidavam muito de tal cousa poder ir adiante, nem haver depois boa fim.

Mas a intenção do povo miúdo era muito por contrário. Des-aí haviam grande receio da Rainha, de lhes acoimar isto com gran-

---

(1) = *que confirmassem e aceitassem a vontade já expressa da arraia miúda.*

(2) = *estavam sentados.*

des tormentos, como fôra feito no tempo de el-rei D. Fernando, quando lhe contradisseram o casamento da Rainha com êle.

E duvidando estes que eram chamados (1), e não respondendo ao que lhes diziam, era aí muito povo junto, entre os quais estava um tanoeiro que chamavam Afonso Anes Penedo, que fôra presente com todos os outros, quando se ajuntaram em S. Domingos, outorgando de receber o Mestre por senhor; e vendo que nenhum não falava, dos mais honrados da cidade que eram presentes, começou de se passear andando; e pôs a mão em uma espada que tinha cinta, e disse:

— ¿ Que estais vós-outros assim cuidando, e que (2) não outorgais o que outorgaram quantos aqui estão? E como? Ainda vós duvidais de tomar o Mestre por regedor dêstes reinos, e que tome carrego de defender esta cidade e nós-outros todos? Parece que não sois vós-outros verdadeiros Portugueses! Digo-vos que, quanto por essa guisa (3), buscai-nos vós todos cedo em poder de Castelãos!

---

(1) = *que tinham sido convocados por último.*
(2) = ¿ porque ?
(3) = procedendo vós dêsse modo

Em-tanto falavam-se algumas razões entre êles sôbre isto, mas nenhuma resposta se dava qual cumpria, porquanto êsses maiores se receavam muito das razões que já tendes ouvidas.

Então aquele tanoeiro, em cima nomeado, pôs a mão na espada outra vez, e disse contra aqueles a que se fazia tal requerimento:

— Vós outros, ¿ que estais assim fazendo ? ¿ Quereis vós outorgar o que vos dizem ? Ou dizei que não quereis, que eu em esta cousa não tenho mais aventurado que esta garganta (1), e quem isto não quiser outorgar, logo há mester que o pague pela sua, antes que daqui saia !

E todos os que aí estavam, do povo miúdo, aquela mesma razão disseram (2).

Vendo aqueles que foram chamados o alvorôço que todos faziam, e que lhes não cumpria (3) ter em isto outro contrário jeito, outorgaram então quanto os outros tinham prometido. E foi assim escrito, e assinado por suas mãos.

E desta guisa foi o Mestre tomado por

(1) = só arrisco a vida, porque sou pobre.
(2) = aprovaram as razões do mesteiral.
(3) = convinha.

regedor e defensor do Reino, no qual regimento e defensão, que fêz, bem se mostrou depois sua virtuosa ardideza, como adiante podereis ver.

(Cap. XXVI)

XIX

«DAI O QUE VOSSO NÃO É...»

Depois que o Mestre teve, por todos os da cidade, êste outorgamento de o receberem por senhor, ordenou a maneira que havia de ter por defensão dela e de todo o Reino.

E foram logo feitos dous selos, um pendente e outro chão, das armas de Portugal direitas, enadendo entre os castelos a cruz da Ordem de Avis, da guisa que vêdes que se ora traz. E fêz o Mestre seu chanceler-mor o doutor João das Regras, que era mui gram letrado. E o ditado que tomou, que se escrevia em tôdas as cartas, dizia dêste modo:

«D. João, pela graça de Deus, filho do mui nobre rei D. Pedro, Mestre da cavalaria da Ordem de Avis, Regedor e Defensor dos reinos de Portugal e do Algarve...»

Repartiu ofícios por tais pessoas, quais entendeu que era seu serviço, e proveito da terra. E foi logo ordenado, na cidade, que vinte e quatro homens, dous de cada mester, tivessem carrego de estar na Câmara para (1) tôda cousa que se houvesse de ordenar, por bom regimento e serviço do Mestre, fôsse com seu acôrdo dêles.

Outros muitos ofícios foram dados a pessoas que seria longo de dizer, como reino (2) que se novamente começava de ordenar. E em se fazendo estas cousas, chegaram os que foram enviados a Alenquer, com resposta e cartas da Rainha; e o Mestre não as quis ler e rompeu-as logo; e êles folgaram muito, quando viram que com puro e limpo desejo tomara carrego de reger e defender aqueles que o ajudar a defender queriam.

Onde sabei que, como o Mestre tomou voz de Regedor e defensor do Reino, muitos que eram criados da Rainha, e feitos por ela, e seus familiares, se foram logo da cidade para ela, e assim para outros lugares. E partiam-se de Lisboa, temendo de estar

(1) = para que.
(2) = como em reino.

em ela, pelo grande alvorôço que viam nas gentes, e mêdo mui forte de el-rei de Castela. E antes que partissem tomavam todos seus haveres em arcas e em trouxas, como melhor podiam, e punham-no em guarda em casa de seus amigos. E muitos dos que se chegavam ao Mestre para o haver de servir, sabendo parte (1) de tais haveres por alguns que lho descobriam, pediam que lhes fizesse dêles mercê; e êle, sem mais detença, sem sabendo se era muito se pouco, outorgava-lhes quanto pediam; e muitos acertavam mui grandes algos (2).

Álvaro Pais, que fôra muito em ajuda dos feitos do Mestre, segundo em cima já tendes ouvido, vendo tal demanda qual se começava, e como alguns diziam ao Mestre que não desse assim aqueles haveres, que muito melhor seriam pera êle, lhe disse um dia, falando com êle:

— Senhor, crede-me de conselho, e dar-vos-há mui grande ajuda para levar vosso feito adiante.

— ¿ Que conselho é êsse? disse o Mestre. E, se fôr bom, prazer-me-ia muito.

(1) = tendo notícia.
(2) = valores.

— Senhor (disse Álvaro Pais) fazei por esta guisa: *dai aquilo que vosso não é; e prometei o que não tendes; e perdoai a quem vos não errou.* E ser-vos-há mui grande ajuda pera tal negócio em qual sois pôsto...

O Mestre disse que lhe parecia mui bem e feze-o assim, que dava os bens, (em todos os lugares que por êle tinham voz) das pessoas que andavam com a Rainha, ou que se iam para el-rei de Castela. E nas cartas das doações dizia: «... *por-quanto anda, em nosso desserviço, com D. João, que se chama rei de Castela...*»

E perdoava as mortes e malefícios a quantos lho requeriam, com-tanto que não fôsse aleive (1) ou traição, e se foram feitos antes do primeiro dia de Dezembro (em que êle matou o conde João Fernandes) da era (2) de 421, com condição que a certos dias se viessem a Lisboa para servir à sua custa em-quanto durasse a guerra...

(Do cap. XXVII).

---

(1) Segundo Viterbo e Morais, *aleive* ou *aleivosia* é a maldade ou maquinação contra a vida, honra ou propriedade de alguém, perpretada à traição, com mostras de amizade.

(2) Era de César. A. D. 1383.

XX

PROÉMIO DA VIDA E FEITOS DE NUN'ÁLVARES

Escrevendo em êste passo, sem constranger nenhum que ouça entendemos ter, nos feitos dêste homem, o modo que teem alguns prègadoros, que, dentro no sermão, enxertam a vida daquele de que pregam, e na fim dèle concludem seu tema.

E nós, pôsto-que já falássemos algumas cousas dêste Nun'Álvares, seus gloriosos feitos, adiante escritos, convém que espertem (1) preguntar alguns donde veio seu linhagem e qual foi seu primeiro comêço.

Portanto, cessando um pouco de prosseguir nossa ordenança antes que isto em breve ponhamos, por modo de prólogo que êle bem merece, primeiramente dizemos assim:

---

(1) = darão lugar, ocasião a...

Porque a experiência nos ensina que não há aí tal que nasça sem algumas condições desvairadas (1), e que nossa natureza não pode estar em tanto assossêgo que algumas vezes não receba torvação; e des-aí, porque ter discreto modo nas vãs deleitações é cousa mui forte e grave de fazer; portanto é havido por bom qualquer que por continuada batalha vence assim (2) seus naturais desejos, que nunca em êle é achada míngua onde grande lugar haja a repreensão. E, se tal vontade traz consigo honra, êste de que falar queremos a merece mui grande, pois por peleja que nunca cessa, não sem grande fôrça e resistência, subjugou de tal guisa os vícios carnais, que, cheio de fruto de grande proveito, o não podia nenhum prasmar de míngua alguma que notável fôsse.

E podendo nós largamente ordenar seus prudentes feitos, isto seria a nós graciosa relembrança, e cousa mais doce que ligeira de fazer (3). Mas ¿ quem poderá dignamente contar os louvores dêste virtuoso barão, cu-

(1) = sem contradições, luzes e sombras, no carácter.

(2) = de tal modo.

(3) = não só fácil, mas muito agradável.

jas obras e discretos autos, sendo todos postos em escrito, ocupariam gram parte dêste livro?

Certamente a nós fôra singular prazer, se em sua história pudéramos seguir a ordenança dos que ditam (1) as cousas em vida daqueles a que acontecem, descendendo (2) a louvar cada uma bondade por si, pois que cada umas virtudes são merecedoras de seus pregões; mas agora, depois de seu passamento, mortos os mais dos que lhe foram companheiros, já de seus bons feitos mais gastar não podemos, senão as escassas relíquias dêles...

*

* *

Considerar devemos, quanto à ordem dos mundanais feitos, que a primeira cousa que é de saber dêste homem assim é comêço de seu linhagem; e portanto, antes que suas bondades comendemos (3) com algum louvor, vejamos quem foi seu padre e madre, e quais dêles descenderam.

(1) = escrevem.
(2) = descendo.
(3) = recomendemos, elogiemos.

Onde assim foi (1) que em Portugal houve um bom e grande fidalgo, nobre de linhagem e condição, que havia nome D. Gonçalo Pereira. Êste era de gram casa e estado, e acompanhado de muitos e bons parentes e criados, muito grado e prestador, assim aos seus como estranjeiros, em guisa que de sua gràdeza (2) se acha escrito que um dia, estando em Pereira, deu sessenta cavalos a fidalgos que eram chegados a êle.

Seu linhagem, donde antigamente descende, quem largamente o quiser ver, busque o Livro dos Linhagens dos Fidalgos, no título 21, § 11.º, e por ali o pode saber cumpridamente. Èle houve certos filhos, de que dizer não curamos, salvo de um a que chamaram D. Gonçalo Pereira, como seu padre, que foi arcebispo de Braga e um dos grandes prelados que houve em Portugal.

Èste arcebispo D. Gonçalo Pereira houve um filho, a que disseram (3) D. Frei Álvaro

(1) Nesta expressão popular, e outras semelhantes *(onde sabei que, etc.)* correntes em Fernão Lopes, o advérbio relativo *onde* equivale à conjunção *ora*, no seu emprêgo de ligação dos membros do discurso.

(2) = liberalidade.

(3) = chamaram

Gonçalves, que foi prior do Hospital, o qual foi mui honrado (1), avondoso de riquezas e boas condições. Èle foi, fora deste reino, ao convento de Rodes, mui grandemente e bem guarnido, assim de escudeiros como de outra gente, pois êle passou àquela terra com vinte de cavalo; e por galardão de seus bons feitos lhe proveu o grande mestre daquela dignidade (2).

Êle fêz na Ordem, depois que foi prior, mui boas cousas por acrescentamento dela, entre as quais foi o castelo da Amieira, que é assaz forte e bem formoso; e os paços e assentamento (3) de Bom-jardim, a par da Sertã, que é boa obra e graciosa de ver; e a forte casa de Flor da Rosa, que é cêrca do Crato, lugar defensável e bem obrado, no qual edificou uma grande e devota igreja, à honra de Santa Maria. E para ser mais honrada ordenou dela nova comenda, com abastança de bens que lhe deu, para viver honrado o comendador dela.

Êste foi privado de três reis de Portugal,

(1) = distinto; pessoa importante

(2) = o proveu o Gram-Mestre naquela dignidade.

(3) = instituïção, obra.

convém a saber: de el-rei D. Afonso e de el-rei D. Pedro e de el-rei D. Fernando, dos quais foi amado por sua bondade, especialmente de el-rei D. Fernando.

Aquele prior D. Álvaro Gonçalves viveu longamente, e houve, entre filhos e filhas, trinta e dous, entre os quais foi um D. Pedrálvares, que, depois de seu padre, foi prior do Hospital, e depois foi mestre de Calatrava em Castela; e êste era filho de uma madre; e Nun'Álvares, que era filho de outra madre, que chamavam Iria Gonçalves, natural de Elvas, o qual nasceu no mês de Julho de 398 anos (1).

E esta foi mui nobre dona quanto a Deus e ao mundo, viveu em grande castidade e abstinência, fazendo muitas esmolas e grandes jejuns, não comendo carne nem bebendo vinho por espaço de quarenta anos.

(Dos caps. XXXI e XXXII).

---

(1) = do ano de 1398 da era de César (A. D. 1360).

XXI

ESCUDEIRO DA RAINHA

Êste D. Álvaro Gonçalves Pereira, Prior, segundo contam alguns em seus livros, como era sisudo e entendido, assim dizem que era astrólogo e sabedor. E, quando lhe alguns filhos nasciam, trabalhava-se de ver (1) as nascenças dêles; e por sua sciência entendeu que havia de haver um filho, o qual seria sempre vencedor em todos os feitos de armas em que se acertasse (2), e que nunca havia de ser vencido. E dizem que sempre em sua vida D. Álvaro Gonçalves cuidou que esta virtude havia de haver D. Pedrálvares, seu filho, que depois de sua morte foi prior; e em tal conta o tinha entre seus irmãos.

Outros escrevem isto por contrário (e

(1) = *ocupava-se a estudar nos astros.*
(2) = *encontrasse.*

desta opinião nos praz mais) dizendo que em casa dêste prior, D. Álvaro Gonçalves, andava um grande letrado e mui profundo astrólogo, que chamavam mestre Tomás. E por êste contam que soube o Prior que um de seus filhos havia de ser vencedor de batalhas, e que êste era Nun'Álvares Pereira.

E mostra-se claramente ser assim; porque, vindo D. Fr. Álvaro Gonçalves a casa de el-rei D. Fernando, aderençar seus feitos (1), pediu por mercê a El-rei que tomasse Nun'Álvares por seu morador; da qual cousa, prazendo a El-rei, outorgou de o fazer. E o Prior se partiu para suas terras, e ordenou de mandar seu filho à côrte. E antes que o mandasse, chamou Martim Gonçalves de Carvalhal, tio de Nun'Álvares, irmão de sua madre, e deu-lhe juramento (2) que uma cousa, que lhe descobrir queria, que nunca a dissesse ao dito Nun'Álvares. E, prometido por êle de o guardar em segrêdo, então lhe disse o Prior como queria mandar seu filho à côrte, e êle por seu aio, para o ensinar. E que portanto lhe rogava

(1) = *(endereçar) tratar de seus negócios.*
(2) = *fê-lo jurar.*

que tomasse carrego de o bem criar, que o fazia certo que aquele seu filho havia de haver tão boas andanças, que, em tôdas as batalhas que entrasse, sempre delas seria vencedor, com-tanto que se chegasse a Deus em tôdas suas obras, e nenhuma cousa fizesse em seu desserviço.

E ordenado assim desta guisa, partiu o Prior para a côrte, quando el-rei D. Fernando houve guerra com el-rei D. Henrique; e passou por Santarém e levou certas gentes consigo, e alguns de seus filhos com êle, entre os quais era êste Nun'Álvares, moço de 13 anos, que ainda nunca tomara armas.

E passando as gentes de el-rei de Castela para Lisboa, onde já seu senhor estava, mandou o Prior a Nun'Álvares, pôsto-que fôsse moço, que cavalgasse êle e seu irmão Diogo Álvares (um bom cavaleiro da Ordem) com alguns de sua casa que mandou ir com êles, para ver que maneira levavam aquelas gentes.

E indo êles contra aquela parte (1) por onde diziam que passavam os Caste-

(1) = *na mesma direcção.*

lãos, e não vendo nenhum dêles, tornaram-se para a vila.

E, chegando a par do castelo, onde El-rei com sua mulher então pousavam, estando à mesa, mandaram-nos chamar; e preguntando-lhes onde foram e o que acharam lá donde vinham, êles lhes responderam a tudo, segundo as preguntas que lhes faziam.

A Rainha D. Leonor, falando em isto, como era mulher mui paçã (1) e de graciosa palavra, disse a El-rei, como em sabor (2), que ela queria tomar Nuno Álvares por seu escudeiro; e El-rei respondeu que era bem feito, e que êle tomaria por seu cavaleiro Diogo Álvares, seu irmão.

Então disse a Rainha contra Nun'Álvares que ela o queria armar de sua mão como seu escudeiro, e que não queria que de outras mãos tomasse armas, salvo das suas. Nun'Álvares, pôsto-que fôsse moço, quando isto ouviu, disse que lho tinha em grande mercê; e que prazeria a Deus que ainda lho êle serviria com bons merecimentos. E beijou-lhe as mãos por êlo.

A Rainha, querendo pôr em obra isto que

(1) = *palaciana, espirituosa.*
(2) = *por brincadeira.*

assim dissera, mandou buscar um arnês convinhável para Nun'Álvares; e porque êle era de pouca idade, não lho podiam achar tão pequeno. Então disseram à Rainha como o Mestre de Avis tinha um arnês que houvera em sendo moço, que seria bom para Nun'Álvares. E ela lho mandou pedir, e como lho trouxeram, deu-o logo a Nun'Álvares.

E assim tomou êle as primeiras armas da mão da Rainha D. Leonor; e ela daí em diante sempre o chamou por «seu escudeiro».

(Cap. XXXIII)

XXII

CASAMENTO DE GALAAZ

ANDANDO assim Nun'Álvares em casa de El-rei, por morador, sendo de idade pouco mais de 16 anos, aveio que viüvou uma dona de Entre-Douro-e-Minho, que havia nome D. Leonor de Alvim, mulher que fôra de um bom cavaleiro, chamado por nome Vasco Gonçalves de Barroso. Esta dona era bem filha d'algo e comprida (1) de tôda a bondade, rica assaz de bens dêste mundo, assim de móveis como de raiz.

O Prior, sabendo parte de sua fama e riqueza, mandou-lhe cometer casamento para Nun'Álvares, seu filho; e quando João Fernandes, comendador de Flor da Rosa, lhe foi cometer êste casamento por parte do Prior, a dona deu em resposta que o fizes-

---

(1) = *cheia* (completa).

sem saber a El-rei; e do que a Sua Mercê sôbre isto mandasse, que ela lhe não saïria de mandado.

Tornou João Fernandes com êste recado, e o Prior feze-o saber a El-rei, pedindo-lhe por mercê que pusesse em isso mão. A El-rei prouve disto e mandou-a chamar por sua carta.

Em esta sazão que o Prior isto tratava, era Nun'Álvares em sua casa, sem disto saber nenhuma parte; e um dia chamou seu filho, sem estando aí outrem, e disse-lhe em esta guisa:

—Nuno, pero tu sejas moço e de nova idade, parece-me que é bem, e serviço de Deus, e tua honra, que tu hajas de casar; e porque Entre-Douro-a-Minho há uma mui nobre dona, manceba (1) e de gram bondade, meu desejo é, se a Deus prouvesse, de tu casares com ela; e portanto quero de ti saber que é o que te disto parece.

E não lhe disse mais. Nun'Álvares, além de ser a todos mesurado (2) de sua natureza, era-o muito mais a seu padre, e muito mandado e obediente; e quando lhe tal ra-

(1) = *formosa*.
(2) = *atencioso*.

zão ouviu dizer, ficou um pouco torvado, à uma por a vergonha que de seu padre havia; à outra por lhe falar em feito de casamento, de que sua vontade andava muito afastada. Que êle em esta sazão era de pequena idade, e todo seu cuidado não era salvo (1) trazer-se bem, si e os seus, e des-aí cavalgar a monte e à caça, não entendendo em amor de nenhuma mulher—nem tão sòmente lhe vinha por imaginação.

Mas (2) lia a miúde por livros de histórias, especialmente da história de Galaaz, que fala da Távola Redonda. E porque em elas achara que, por virtude de virgindade, Galaaz acabara grandes e notáveis feitos, que outros acabar não podiam, desejava muito de o semelhar em alguma guisa, e muitas vezes cuidava em si de ser virgem, se lho Deus quisesse. E portanto era mui afastado do que lhe seu padre falara em feito de casamento; pero, por lhe obedecer e dar resposta a sua pregunta, disse-lhe em esta guisa:

— Senhor, vós me falais em casamento, cousa de que eu não era avisado; portanto

(1) = *senão.*
(2) = *pelo contrário.*

vos peço por mercê que me deis lugar pera cuidar em êlo, e assim vos poderei responder.

O padre disse que era bem feito, como quer que (1) se maravilhou muito por lhe assim responder, sendo homem tão novo de dias. E falou com sua madre, Iria Gonçalves, tudo o que lhe com êle aviera, encomendando-lhe que o demovesse que consentisse em tal casamento.

Sua madre falou com êle; e, não o podendo reduzir, nem mudar de sua primeira intenção, falaram com Nun'Álvares Álvaro Pereira, seu primo, e Álvaro Gonçalves de Carvalho, com quem havia grande afeição. E por suas aficadas razões consentiu de o fazer, pois a seu padre prazia.

Em-tanto, chegou D. Leonor de Alvim a Vila Nova da Rainha, onde El-rei e sua mulher estavam; e, bem recebida dèles, fèze-o logo El-rei saber ao Prior. E èle veio com Nun'Álvares, seu filho; e logo, como chegaram, o casamento foi feito e Nuno Álvares recebido com a dona sem mais festa, porquanto era viúva.

---

(1) = *se bem que.*

E no outro dia partiu o Prior, com seu filho e nora, para as terras da Ordem, a um lugar que chamam Bom-jardim. E ali conheceu Nun'Álvares D. Leonor, sua mulher, a qual com verdade desde então podiam chamar *dona;* porque, pôsto-que ela por tal nome fôsse antes nomeada, ela verdadeiramente era *donzela,* que o seu primeiro marido nunca dela houve tal conhecimento, o que ela sempre bem encobriu, por sua grande bondade.

(*Cap. XXXIV*)

XXIII

O ALFAGEME DE SANTARÉM

Assim foi que, partido Nun'Álvares de Lisboa, por se não azar a morte do conde João Fernandes, segundo dissemos em seu lugar, quando falou com o Mestre sôbre isso (1) e indo-se para D. Pedrálvares, seu irmão, foi-o encalçar em um lugar que chamam Pontével, doze léguas da cidade. E estando ali com êle, chegou Gonçalo Tenreiro, da parte da Rainha, com recado ao Prior que *todavia fôsse em seu serviço, e que ela o acrescentaria, fazendo--lhe muitas mercês; e lhas faria fazer a seu filho* (2) *el-rei de Castela.*

Dêste recado, foi Nun'Álvares, e muitos dos outros que estavam com o Prior, malcontentes, especialmente Nun'Álvares, a

(1) V. Cap. IV dêste volume.

(2) = *por seu genro.*

quem muito desprouve, em guisa que se não pôde ter que não falasse ao Prior, dizendo que não haveria bom conselho dar lugar a tal embaixada. E o Prior não curou de seu razoar, nem lhe respondeu nenhuma cousa; e partiu-se dali e foi-se a Santarém.

Êles em aquele lugar, foi Nun'Álvares aposentado em Santa Maria de Palhais; e um dia à tarde, depois de ceia, saiu Nun'Álvares a folgar pela praia a fundo, contra a igreja de Santa Iria; e, passando por ante a porta de um alfageme, viu-lhe ter uma espada muito limpa e bem corregida; e tomou-a na mão e preguntou-lhe se lhe corregeria assim uma sua.

E êle respondeu que sim, e muito melhor ainda; e Nun'Álvares fêz logo ir por ela, e mandou-lha dar, que a corregesse.

Em outro dia, tornou Nun'Álvares por ali à tarde, e achou-a corregida muito à sua vontade; e tomou-a na mão, sendo com ela ledo; e mandou a um seu homem que lhe pagasse bem seu trabalho.

O alfageme respondeu, e disse:

— Senhor: eu por ora não quero de vós nenhuma paga; mas ireis muito em boa hora, e tornareis por aqui conde de Ourém, e então me pagareis o que mereço.

—Não me chameis *senhor,* disse Nun'Álvares, que o não sou. Mas todavia quero que vos paguem bem.

—Senhor, (disse êle) eu vos digo verdade, e assim será cedo, prazendo a Deus.

E assim foi, depois, como êle disse, que êle a pouco tempo tornou por ali conde de Ourém, e lhe pagou bem o corregimento da espada, como adiante ouvireis.

*

* *

Em isto, chegaram novas a Santarém como o Mestre matara o conde João Fernandes, e que isso-mesmo foram mortos o bispo de Lisboa e outros. Nun'Álvares, como isto ouviu, foi-se logo ao Prior, seu irmão, contar-lhe estas novas que assim ouvira, dizendo que isto era obra de Deus, que se queria lembrar do reino de Portugal, pois que os da cidade queriam tomar o Mestre por seu regedor e defensor, para defender o Reino, a el-rei de Castela (1), que era fama

(1) Entenda-se: *para defender o Reino contra el-rei de Castela;* ou: *para vedar a entrada no Reino a el-rei de Castela.*

que vinha para entrar em êle; e, pois que se tal cousa começava, que lhe pedia por mercê que todavia se tornasse para o Mestre, para ajudar a defender o Reino.

O Prior não curou de quanto lhe sôbre isto falava, dizendo que aquela cousa era perigosa e mui mau comêço para as gentes; e que se seguiria dêlo gram dano ao Reino, e que não tinha siso o que ia pensar que tal feito havia de ir adiante, como êle dizia.

Nun'Álvares disse que aquilo não era mal, e que o Mestre fizera bem, e o que devia, em vingar a desonra de El-rei seu irmão, e se pôr a defender o Reino, que seus avós, com gram trabalho, ganharam; e que Portugal sempre fôra reino isento per si, e não sujeito a Castela, e que ora não era razão de o ser.

O Prior tornou a dizer que tal cousa não era para falar em ela; que Portugal não estava em ponto de se defender de el-rei de Castela, que era um tão poderoso rei, demais com a mor parte de Portugal, que com êle teria (1), pelas menagens que lhe haviam feitas, segundo nos tratos era conteúdo.

Nun'Álvares respondeu, dizendo que tais

---

(1) = *que seria por êle, rei de Castela.*

menagens não eram de guardar, pois que El-rei quebrava os tratos; e que todos os fidalgos podiam ser em ajuda do Mestre sem nenhum prasmo, o qual bem poderia juntar mil homens de armas e muitos homens de pé, com que lhe poderia pôr batalha; e que mais valia pôr-se o Mestre em aventura com êles todos, e pelejar com el-rei de Castela, que ficarem sujeitos de Castelãos, e usarem depois dêles (1) a seu livre talante.

O Prior disse que as cousas não estavam em tal estado para se tal obra poder começar e acabar seguramente. Portanto, que não falassem mais em tal história.

Nun'Álvares, vendo que achava o Prior muito arredado de sua intenção, falou com Diogo Àlvares, seu irmão, que se fôssem todavia para o Mestre. E êle outorgou que lhe prazia, e ficaram ambos em êste acôrdo.

(Cap. XXXVI)

---

(1) = *e tratarem-nos depois os Castelhanos a êles, Portugueses.*

XXIV

O POÇO

PARTIU o Prior para suas terras, caminho da Golegã. E Nun'Àlvares e Diogo Àlvares, seus irmãos, não foram com êle, e encaminharam para Lisboa (onde o Mestre estava) segundo antes tinham acordado; e, sendo arredados até três léguas do lugar, Diogo Alvares se rependeu da partida que fizera e disse que se queria tornar para o Prior, seu irmão.

Nun'Álvares, que o de tal vontade desviar não pôde, houve-se de espedir dêle, e veio dormir êsse dia a uma aldeia que chamam a Eireira; e ali chamou adeparte seus escudeiros, e disse:

— Amigos, eu vos quero contar um segrêdc e grande feito, que trago cuidado em meu coração. O qual é este: Assim é que eu vejo no meu entendimento um poço mui alto e mui profundo, cheio de grande escu-

ridão; e bem me diz a vontade que não há homem que em êle salte que dêle possa escapar, salvo por grande milagre, querendo-o Deus livrar dêle por sua mercê; e não posso com meu coração senão todavia que salte em êle. E porque há já dias (1) que vós sois meus companheiros, e eu hei provado vosso bom desejo acêrca de meus feitos, por isso vos faço saber esta cousa, porquanto eu todavia quero saltar em êle. E aqueles de vós a quem prouver de comigo em êle saltarem, ter-lho hei a grande bem e estremado serviço. Os outros a quem não prouver podem-se ir para onde quiserem, e fazer de seus corpos o que por mais seu proveito sentirem.

Os escudeiros, quando isto ouviram, ficaram espantados e não sabiam que dizer, porém responderam e disseram:

— Nun'Álvares, vós bem sabeis que nós somos vossos, e prestes para vosso serviço; mas esta cousa que nos falais é assim escura e tão má de entender, que nenhum de nós sabe que vos responda; portanto, vos praza que no-la declareis, para sabermos o que é; e então vos daremos resposta, segundo o que entendermos.

---

(1) = *há já bastante tempo.*

Nun'Álvares tornou então à sua razão e disse:

— Amigos, o poço mui alto e escuro que vejo ante os meus olhos é a grande demanda que o Mestre dizem que quer começar, por defensão dêstes reinos, contra el-rei de Castela; e entendo que quem com êle em ela entrar que lhe será grave e mui perigoso; nem é ainda de cuidar que dela escape, salvo por graça de Deus. E, porque minha tenção é de me ir para êle e o servir em ela, porisso vos disse se vos prazia de serdes em isto meus companheiros.

Êles responderam então, dizendo:

— Nun'Álvares, nós somos vossos e para vosso serviço; e somos prestes para vos acompanhar em esta demanda que seguir quereis, e em qualquer outra cousa que vós sintais por vossa honra e proveito, pôsto-que gram perigo seja, até despendermos os corpos e as vidas por vosso serviço.

Nun'Álvares lho gradeceu por boas palavras, dizendo que êle era prestes para lho galardoar em tôda cousa que de sua honra e proveito fôsse, como bons criados e amigos.

(Cap. XXXVII).

XXV

CONVERSÃO DE IRIA GONÇALVES

Iria Gonçalves, madre de Nun'Álvares, estava a êste tempo na vila de Portalegre, que são quatro léguas do Crato, onde o Prior, com seus irmãos, haviam então chegado. E quando soube que seu filho Nun'Álvares não tornara com êles, veio-se logo ali a-pressa, preguntando que era de Nun'Álvares, seu filho.

O Prior disse que ficava em Santarém (1), e que esperava cada dia por êle; e ela respondeu que bem parecia que curava pouco de seu irmão, e que nunca lhe bem quisera; e que agora o mostrava por obra, pois que, vindo em sua companhia, não fizera conta de o trazer consigo.

E partiu logo caminho de Lisboa, onde

---

(1) Sujeito: *Nun'Álvares.*

soube que Nun'Álvares estava; e falando com êle, disse quanto lhe parecia grave cousa e mui perigosa aquilo que fazer queria, em se chegar a servir o Mestre e lhe ajudar a defender o Reino contra tôda Castela e contra a mor parte de Portugal, mostrando-lhe muitas e vivas razões (1) que a intenção que tomava não podia ir adiante, nem podia (2) por ela crescer em bem, nem em honra.

Nun'Álvares, firme em seu propósito, dava-lhe outras contrárias razões, a desfazer quanto ela dizia; de guisa que tanto razoaram sôbre isto, que onde ela vinha para reduzir seu filho para serviço de el-rei de Castela, Nun'Álvares redusse (3) então a ela para encaminhar serviço do Mestre. E, sendo ambos de acôrdo que era bem o que lhe êle dizia, tornou ela dizer a Nun'Álvares:

— Filho, eu vos rogo e vos encomendo, por a minha bênção, que, pois vós escolhestes o Mestre para o servir e ficar com êle, que vós o sirvais sempre bem e verdadeira-

---

(1) Leia-se: *com muitas e vivas razões*.

(2) Sujeito: *Nun'Álvares*.

(3) = *reduziu*. Pretérito arcaico, mais próximo da origem latina *(reduxit)*.

mente, e vos não partais dêle em nenhuma guisa, por cousa que avir possa (1). E eu farei logo para vos vir (2) Fernão Pereira, vosso irmão, que seja vosso companheiro em seu serviço.

E êle disse que assim o faria.

O Mestre, sabendo como ela era na cidade, e como vinha para demover seu filho da vontade que tinha para o servir, foi-a ver às casas onde pousava. E contou-lhe como sua tenção era de se dispor a defender o Reino, e que entendia que ela não viera ali, salvo por demover seu filho da vontade que tinha para o servir; e que porém lhe rogava que de tal cousa se não quisesse tremeter, nem o torvasse; que isto a que se êle queria pôr era serviço de Deus e honra do Reino; e que esperava em Deus que Êle lhe encaminharia tão bem seus feitos, que seu filho saïria dêles com grande acrescentamento de sua honra.

E, falando ambos em isto, ela lhe respondeu quanto lhe prazia seu filho ficar com êle para o servir; e que assim lho tinha mandado, por a sua bênção.

---

(1) = *aconteça o que acontecer.*
(2) = *com que venha para vós.*

Então se partiu para donde viera, e falou com seu filho Fernão Pereira, e encaminhou de tal guisa com êle, que se partiu logo com sua gente e se foi a Lisboa para o Mestre.

(Cap. XXXIX).

XXVI

O CASTELO DE LISBOA

Ora assim aveio que, pensando a Rainha nas cousas trespassadas (1), era seu coração a miúde cercado de gastosos (2) pensamentos; e, receando o que se depois seguiu, estando (3) em Alenquer, falou com o conde D. João Afonso, seu irmão, que era alcaide em Lisboa e tinha em ela muitos e bons vassalos, que lhes enviasse dizer que se lançassem no castelo com seus escudeiros, por segurança de qualquer cousa que avir pudesse.

Outorgado pelo Conde que isto era bem feito, falou com Afonso Eanes Nogueira, que

---

(1) = *passadas*.

(2) Semelhantemente, dizemos hoje *consumir-se, consumição*.

(3) O texto diz *estomçe* (então), talvez por êrro do copista.

lá estava, que era um dêles, que se viesse à cidade e falasse com aqueles que seus eram, que o fizessem assim.

Afonso Eanes chegou a Lisboa; e todos aqueles com que havia de falar eram já do Mestre discípulos escondidos, tendo outra crença muito contrária da primeira (1), sendo já de sua parte (2) contra a Rainha.

E foi-se para sua pousada, e corregeu-se o melhor que pôde, e lançou-se no castelo pela porta da traição com uns dez ou doze escudeiros. E em se lançando assim, nasceu uma voz pela cidade, dizendo:

— ¡Traição! traição! Acorrei ao Mestre, que querem matar!

As gentes, como isto ouviram, foi grande alvorôço em êles e começaram de se armar, e correr a-pressa contra o castelo, por-quanto o Mestre fôra pousar nos paços do Bispo, que são cêrca dêle, como ordenou de o tomar.

Martim Afonso Valente, um dos honrados da cidade, que era alcaide do castelo por o conde João Afonso, irmão da Rainha, foi re-

---

(1) Primeiro eram pela Rainha; agora estavam inclinados para o Mestre.

(2) = *estando já do lado dêle, Mestre.*

querido que o desse ao Mestre, e não consentisse que por êle viesse mal à cidade e a todo o Reino, pois que português verdadeiro era, dizendo-lhe muitas razões por que o devia de fazer.

Martim Afonso se escusava disto, dizendo que o não faria por nenhuma guisa, por ter dêle feita menagem, e cair em mau caso, com grande seu doesto e de todos os que dêle descendessem.

O Mestre ordenou então de os combater, e mandou fazer um artifício de madeira, que chamam *gata,* que (1), como (2) uma baixa cava, que então o castelo tinha, fôsse cheia, pudesse ir por cima juntar com êle, e de sob ela pudesse picar o muro e entrar dentro. E diziam os de fora aos de dentro *que o dessem ao Mestre, seu senhor, senão que juravam a Deus que poriam em cima da* gata *Constança Afonso, madre de Afonso Eanes Nogueira, e irmã da mulher de Martim Afonso, alcaide do castelo; e isso-mesmo as mulheres e filhos de quantos dentro eram; e que então lançassem de cima fogo e pedras em quais dêles quisessem...*

---

(1) = *de modo que.*
(2) = *logo que.*

Alguns de dentro, receando isto, diziam ao alcaide que antes saïriam fora, e não ajudariam a defender o castelo, que terem azo de matar as mulheres e os filhos, da guisa que lho diziam.

Em isto, antes que a *gata* fôsse feita, nem cava cheia para ir por cima, disse Nun'Álvares ao Mestre que êle queria ir falar com Martim Afonso Valente e com Afonso Fanes Nogueira, sôbre o feito do castelo; e que entendia que lho dariam.

O Mestre disse que lhe prazia. E foi Nun' Álvares ao castelo, e disse a Martim Afonso as razões por que o devia de dar ao Mestre, dizendo que não cumpria que por seu azo se perdesse a cidade, e o Reino fôsse pôsto em aventura. A qual cousa, pois verdadeiro português era, não lhe devia consentir o coração; e fazendo-o doutro jeito, que todo o mundo lho teria a mal, e merecia de o apedrarem tôdas as gentes do Reino por êlo.

Com estas e outras razões que lhe Nun' Álvares disse, des-aí vendo Martim Afonso todo o povo da cidade alvoroçado contra si por tomarem o castelo, e o combato que lhe queriam dar; e como os que estavam com êle diziam que, se os daquela guisa combatessem, que êles não haviam de matar as

mulheres e os filhos por lho ajudar a defender — entendeu que não havia poder de se ter muito tempo.

E então disse Martim Afonso a Nun'Álvares que bem lhe prazia de dar o castelo ao Mestre; mas que o faria primeiro saber à Rainha e ao conde D. João Afonso, ao qual dêle tinha feita menagem.

Nun'Álvares disse que logo ficasse determinado até qual dia se sofreriam de o combater (1); e que lhe desse segurança de reféns por êlo, não sendo acorrido àquela sazão (2).

Então se preitejou Martim Afonso que, não lhe vindo acorro até quarenta horas, que o castelo fôsse entregue ao Mestre, sem outra contenda. E foi pôsto em arreféns, em poder de Nun'Álvares, Afonso Eanes Nogueira; e trouxe-o consigo para sua pousada.

Os da cidade, como souberam que o castelo era preitejado, corriam todos para là com armas; e tôda aquela noite foi posta grande guarda em êle, dormindo arredor do monte com muitas candeias acesas, velando

(1) = *até quando prescindiriam de o combater,* ou *adiariam o combate.*

(2) = *não recebendo socorro da Rainha dentro do prazo combinado.*

com grande cuidado, para embargar qualquer ajuda, se acontecesse de vir ao Alcaide.

Martim Afonso mandou a-pressa um escudeiro a Alenquer, fazendo saber ao Conde em que ponto era com os da cidade, e como o queriam combater e de que guisa. E quando lhe cóntou como os da cidade diziam que lhes poeriam as mulheres e os filhos em cima da *gata,* e que matassem quais dêles quisessem, começou o Conde de sorrir, e disse:

— Em verdade bom bioco era êsse, que vos êles punham por lhes haverdes de dar o castelo. Dizei que houvestes vontade de lho dar e destes-lho. Parece que fostes tais, com êsse mêdo que vos puseram por vos espantar, como a raposa que estava ao pé da árvore e ameaçava com o rabo o corvo que estava em cima com o queijo no bico, por lho haver de leixar... E vós outros tais fostes: tomastes mêdo vão do que não houvéreis de tomar, e por terdes azo de lho dar mais cedo, fostes-lho aprazar a certas horas, por não poder ser acorrido. Eu, gentes não tenho aqui tantas com que lhe possa acorrer; e, ainda que as tivesse, o prazo é tão pequeno, que sòmente pera ferrar não haveria aí espaço.

O escudeiro respondeu que Martim Afonso não pudera maior tempo haver; e que ainda aquele lhe deram de mui má mente.

Falou então o Conde à Rainha, e contou-lhe o jeito que os da cidade queriam ter em o combater. E ela disse que, pois assim era, que lhe mandasse dizer que lho entregasse, que quem depois houvesse a cidade haveria o castelo.

Tornou-se o escudeiro com êste recado, e, passado o prazo, foi entregue o castelo ao Mestre, trinta dias do mês de Dezembro. E foi pousar em êle, e mandou-o devassar, e tirar as portas da parte da cidade, por conselho de todo o povo.

(Do cap. XLI).

XXVII

A ARRAIA MIÚDA
EM PORTALEGRE E ESTREMOZ

Desta guisa que haveis ouvido se levantaram os povos em outros lugares, sendo grande scisma e divisão entre os grandes e os pequenos. O qual ajuntamento dos pequenos povos, que se então assim juntavam, chamavam naquele tempo *arraia miúda.*

Os grandes, à primeira (1), escarnecendo dos pequenos, chamando-lhes *povo do Messias de Lisboa,* que cuidavam que os havia de remir da sujeição del-rei de Castela. E os pequenos, aos grandes, depois que cobraram coração e se juntavam todos em um, chamavam-lhes *traidores scismáticos,* que tinham da parte dos Castelãos. por darem o Reino a cujo não era.

---

(1) = *ao princípio.*

E nenhum, por grande que fôsse, era ousado de contradizer a isto, nem falar por si nenhuma cousa (1), porque sabia que, como falasse, morte má tinha logo prestes, sem lhe nenhum poder ser bom.

Era maravilha de ver que, tanto esfôrço dava Deus nêles (2) e tanta covardice nos outros, que os castelos que os antigos reis, por longos tempos jazendo sôbre êles com fôrça de armas, não podiam tomar, os povos miúdos, mal armados e sem capitão, com os ventres ao sol, antes de meio dia os filhavam por fôrça.

Entre os quais foi um o castelo de Portalegre, que tinha voz por a Rainha, que se juntaram os da vila uma quinta feira pela manhã, e começaram de o combater, e antes de meio dia, com a ajuda de Deus, foi filhado.

Semelhàvelmente os da vila de Estremoz, postos em grande alvorôço, cometeram ao alcaide que leixasse o castelo e se viesse pera a vila, que doutra guisa não seriam dêle seguros. João Mendes disse que o não faria por cousa que fôsse, que de o fazer lhe vinha gram desonra e prasmo.

---

(1) = *nem discutir ou responder.*
(2) = *aos da «arraia miúda».*

Vendo êles sua resposta, determinaram de o combater. E tomaram um carro, e puseram-no na praça, e ordenaram de poer nêle as mulheres e filhos dos que dentro estavam com o Alcaide, que eram todos naturais do lugar. E os de dentro, quando isto viram, disseram a João Mendes que leixàsse o castelo aos da vila, que, doutra guisa, não no entendiam de ajudar.

Vendo-se èle em tal apertada, mandou dizer aos de fora que lhe enviassem pessoa segura, com quem falasse, e acordar-se-ia com êles.

Mandaram então Frei Lourenço, Guardião de S. Francisco, e outros com êle, que fôssem ao castelo; e João Mendes propôs muitas razões, a se escusar de não ter com Castela (1), mas ser verdadeiro Português como êles; mas, suas falas não prestando nada, foi determinado que todavia leixasse o castelo, e fôsse entregue a um dos da vila, que o tivesse.

Outorgou o Alcaide que lhe prazia, porque não pôde mais fazer; e foi entregue a um escudeiro que chamavam Martim Peres.

---

(1)=*para provar que não era do partido de Castela.*

E os do concelho mandaram tirar as portas da tôrre, e as do castelo contra a vila, e derribar o peitoril e ameias daquela parte. E daí em diante foi o castelo velado e roldado pelo Mestre, e pôsto em poder do povo miúdo.

E não sòmente os homens, como dito é, mas as mulheres entre si tinham bándo pelo Mestre, contra qualquer que da sua parte não era; em guisa que um dia se levantaram Mor Lourenço e Margarida Anes, adela, e outras mulheres, em razões contra Maria Estevéns, madre de Nuno Rodrigues de Vasconcelos, dizendo que seu filho dissera mal do Mestre e que era castelão. E elas por si o mataram, e foram-no lançar do muro a fundo.

(Do cap. XLIII).

XXVIII

ANARQUIA EM ÉVORA

Ouvindo isto, que acontecia em alguns lugares, Álvaro Mendes de Oliveira, alcaide-mor da cidade de Évora, que então tinha o castelo por a Rainha, vendo que semelhante caso do que acontecia aos outros podia acontecer a êle, e que não tinha outras gentes consigo com que o defender pudesse, salvo alguns seus criados, e outros, até sete ou oito, por todos, mandou um dia chamar Martim Afonso Arnalho, e outros honrados do lugar. E indo todos a seu chamado, êle lhes propôs tantas e tais razões por parte da Rainha, que êle queria ter, que todos outorgaram de se virem pera êle e lho ajudarem a defender.

E como se todos lançaram dentro e foi sabido pela cidade, logo em êsse dia Diogo Lopes Lobo e Fernão Gonçalves Darca, e João Fernandes, seu filho, que eram uns

dos grandes que aí havia, com todo o povo da cidade se levantaram contra êles, e foram combater o castelo, subindo em cima da Sé, e isso-mesmo do açougue, que são lugares altos, donde lhes podiam empècer as bestas, e dali tiravam muitos virotões, aos que estavam no castelo, o qual era mui forte de tôrres e muro, e cêrco de cava, e mui mau de tomar sem gram trabalho.

E, por os fazerem render mais asinha, tomaram as mulheres e os filhos dos que dentro eram para o defender, e puseram-nos em cima de senhos carros, todos amarrados em êles, que era um jôgo que os povos miúdos em semelhante caso muito costumavam então de fazer.

E chegaram assim à porta do castelo, bradando aos de cima que saíssem fora, e o desamparassem logo, senão que as mulheres e filhos lhes queimariam todos, em vista e presença dèles. E, em dizendo isto, começaram de poer fogo às portas, com grande alvorôço, e arruído de muita gente.

O Alcaide, quando isto viu, falou com aqueles que eram dentro com êle; e, receando-se de cair na destemperada sanha daquele povo, acordaram de lhe dar o castelo antes que se mais fizesse.

E foi a tomada dêste castelo aos dous dias do mês de Janeiro, da sobredita era de quatrocentos e vinte e dous anos (1).

*

* *

Tomado o castelo, da guisa que dissemos, ficou o povo da cidade cheio de grande alvorôço, fora de todo bom costume. Começaram de se mover por brava sanha, multiplicando novos queixumes contra quem lhes não havia feito êrro.

Usavam de seu livre poder, desdenhando quem à primeira tomavam por capitães.

Os maiorais daqueste alvorôço eram Gonçalo Eanes, cabreiro, e Vicente Anes, alfaiate. Seguindo seus feitos como lhes dava a vontade, traziam por apelido: *Abite! abite! aqui dos dabite!* (2) Como alguns dêles diziam:

---

(1) 1384 A. D.

(2) Latim adoptado pelo povo, que certamente ouviria os prègadores do partido do Mestre invocar o Evangelho de S. Mateus (xxv, 34 e 41), comparando assim os amigos de Castela aos *malditos,* a quem o Filho do Homem dirá: *Discedite* (ou *Ite,* ou *Abite*) *a me maledicti in ignem æternum,* etc., ao passo que aos bons

Vamos a Foão matá-lo, e roubemo-lo, logo assim era feito, sem lhe valer nenhum dos grandes da cidade, pôsto-que se por êle quisesse poer.

Ora aveio que nesta sazão estavam as freiras e a abadessa de S. Bento, de um mosteiro não longe dèsse lugar, dentro na cidade, em umas suas casas, que são no muro quebrado, com receio e temor de guerra que se já então começava descobertamente (1).

E andando o povo em tal alvorôço, sem outra ocupação em que despendessem tempo, nasceu uma voz, segundo alguns recontam, dizendo que Gonçalo Anes, cabreiro, um dos capitães daquela união, falou contra aquele povo, e disse:

— Vamos matar a aleivosa da abadessa, que é parenta da Rainha, e sua criada!

---

colocados á sua direita, chamá-los-ia si. (*Venite ad me benedicti Patris mei*, etc.). À sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos agradecemos o auxílio que se dignou prestar-nos para a interpretação dêste passo.

(1) Parece que a Abadessa, com mêdo à revolta, saíra do seu convento e fôra refugiar-se em casas modestas, construídas junto de uma brecha da muralha da cidade.

Outros dizem doutra maneira, e esta parece mais razão; convém a saber: que a abadessa, ouvindo como êles andavam daquela guisa, e as cousas que faziam, que disse, de jeito que o souberam êles:

— Eis os bêbados! Andam com sua bebedice... Deixai-os vós, que ainda se êles mal hão-de achar, por estas cousas que andam fazendo!

Ora, por qualquer guisa que fôsse, o levanto contra ela não foi em vão. E foram-na logo buscar às casas onde assim pousava, e não a acharam em elas, porque ela fôra ouvir missa, com suas freiras, à igreja catedral dessa cidade, segundo havia em costume.

Uma servidora de sua casa, quando viu que a assim buscavam, correu a-pressa, e foi à Sé, dizer-lhe como a buscavam daquela maneira.

Ela, com gram mêdo que houve dêles, a que defensão não esperava de haver, leixou de ouvir missa e meteu-se no Tesouro, e tomou a copa em que vão comungar, onde dizem que estava então o corpo de Deus consagrado. E, tendo-a assim nas mãos, abraçando-se com ela, os que a não acharam em casa foram-na trigosamente buscar à

Sé, entrando todos com grandes brados, de seu apelido que traziam: *Abite! abite!* E, como todos chegaram, preguntaram por ela, mostrando gram desejo de a achar.

Saíram então a êles Gonçalo Gonçalves, que era daí deão, e Mem Pires, chantres, e outros beneficiados, por os desviarem da tenção que traziam. E nunca tanto puderam fazer, nem prègar da parte de Deus e de Santa Maria, dizendo-lhes que a leixassem por então, e não tirassem da igreja, e que êles a teriam presa e bem guardada, pera se fazer dela direito, se algum mal fizera, ou dissera. Que nunca o fazer quisessem.

Nem, isso-mesmo, as doridas preces dela puderam amansar a braveza daquele sanhoso povo; mas, sem nenhuma reverência do Senhor que nas mãos tinha (que os por então leixou usar de seu livre poder, por juízo a nós não conhecido) lhe tomaram a copa das mãos, e a tiraram fora do Tesouro.

E levando-a assim pela Sé, antes que chegassem à porta da escada lançou-se um dêles a ela rijamente, e levou-lhe o manto e as toucas da cabeça, e leixou-a em cabelo, sem outra cobertura. E indo mais adiante, antes que chegassem à porta principal, lançou-se outro homem a ela, e cortou-lhe as fraldas

de todos os vestidos, em-tanto que lhe apareceram as pernas tôdas, e parte de seus vergonhosos membros.

E assim a tiraram fora da Sé desonradamente, e a levaram pela rua da Selaria até a Praça; e naquele lugar lhe deu um dêles uma cutilada pela cabeça, de que caiu morta em terra; e des-aí os outros começaram de acutilar por ela, cada um como lhe prazia.

Então a leixaram assim jazer na Praça, e foram comer, e buscar outros desenfadamentos. E cêrca da noite vieram aqueles que a mataram, e lançaram-lhe um baraço nos pés e levaram-na arrastando até o Rossio, cêrca do curral das vacas.

E leixando ali aquele desonrado corpo, alguns que disto houveram sentido o tomaram de noite e soterraram na Sé, escondidamente, que doutra guisa não eram ousados de o fazer de praça (1).

(Dos cap. XLIV e XLV).

(1) = *abertamente.*

XXIX

OS DO PÔRTO

Deveis de saber que, tanto que o Mestre tomou cargo de regedor e defensor dos Reinos, e soube que el-rei de Castela vinha com seu poder pera entrar em êles, que logo escreveu suas cartas a algumas vilas e cidades, e isso-mesmo a certas pessoas, notificando-lhes em elas como bem sabiam da guisa que estes Reinos estavam em ponto pera se perder; e como el-rei de Castela vinha pera os tomar e meter os povos dêles em sua sujeição, contra a ordenação dos tratos que prometidos tinha; a qual cousa deviam de ter por tão grave e tão estranha, que antes se todos deviam aventurar a morrer sôbre tal demanda, que cair em servidão tão odiosa; e que êle, por honra e defensão do Reino e dos naturais dêle, se despusera a tomar carrêgo de o reger e defender, o que, com a graça de Deus, enten-

dia de levar adiante, com sua boa ajuda dêles; e que portanto lhes rogava que todos, de bom coração, como verdadeiros Portuguêses, tivessem voz por Portugal, e não curassem de nenhumas cartas que lhes a Rainha nem el-rei de Castela em contrairo disto mandassem.

Entre os lugares a que seu recado chegou foi a cidade do Pôrto, onde suas cartas não foram ouvidas em vão. Mas, como foram vistas (1), com coração (2) muito prestes logo se ajuntaram todos, especialmente o povo miúdo, que alguns outros dessa comunal gente, duvidando, receavam muito de poer em tal feito mão.

Então aqueles que chamavam *arraia miúda* disseram a um, por nome chamado Álvaro da Veiga, que levasse a bandeira pela vila, em voz e nome do Mestre de Avis; e êle refusou de a levar, mostrando que o não devia de fazer, o qual logo foi chamado traidor, que era da parte da Rainha, dando-lhe tantas cutiladas, e assim de vontade, que era sobeja cousa de ver. Este morto, não se fêz mais naquele dia; mas juntaram-se todos o

(1) = *pelo contrário, logo que forem vistas.*
(2) = *com coragem.*

outro seguinte, com sua bandeira tendida, na Praça, tendo ordenado que a levasse um bom homem do lugar, que chamavam Afonso Anes Pàteiro; e, se a levar não quisesse, que o matassem logo, como o outro.

Afonso Anes soube disto parte, por alguns dêles que eram seus amigos, e bem cedo pela manhã, primeiro que o convidassem pera tal obra, foi-se à praça da cidade, onde já todos eram juntos pera a trazer pelo lugar; e antes que lhe nenhum dissesse que a levasse, deitou êle mão da bandeira, dizendo êle altas vozes, que o ouviram todos: *¡Portugal, Portugal, pelo Mestre de Avis!*

Então cavalgou Afonso Anes em cima de um grande e formoso cavalo, que pera isto já ali estava prestes, trazendo-a mui honradamente por tôda a cidade, acompanhado de muita gente, assim clérigos como leigos, bradando todos a uma voz: *Arreal! Arreal! pelo Mestre de Avis, regedor e defensor dos reinos de Portugal!*

E, dando assim pela cidade, foram-se à Sé, onde grandes tempos havia que era pôsto interdito, e não soterravam nenhum. E começaram de tanger os sinos, e fazer dizer missas e dessoterrar os mortos, onde jaziam enterrados, e trazê-los dentro à igreja

E nenhuma pessoa ousava esto contradizer.

Prègou então um frade muito a propósito de sua intenção, concluindo que todos deviam de ser de uma vontade e desejo, e não andar entre êles desvaïro nenhum; mas servir o Mestre lealmente e de bom coração, como verdadeiros Portugueses, pois que se punha a defender o Reino, para o livrar da sujeição de el-rei de Castela.

Muito foram todos contentes das razões que o frade prègou, e daí em diante nenhum desacôrdo houve entre êles, mas todos de um talante se dispuseram a ter e seguir a tenção do Mestre.

E, desta guisa que tendes ouvido, tomaram os povos miúdos muitos castelos aos alcaides dêles.

E não guardavam divido nem amizade a nenhum que sua tenção não tivesse; mas, quantos eram da parte da Rainha, todos andavam à espada...

¡ Quanta descordança pensais que era, de pais com filhos e de irmãos com irmãos, e de mulheres com os maridos! A nenhum era ouvida razão nem escusa, que por sua parte dar quisesse; mas (1) como um falava, di-

---

(1) = *pelo contrário.*

zendo: *e Fulão dêles é,* não havia cousa que lhe desse vida, nem justiça que o livrasse de suas mãos. E isto era especialmente contra os melhores e mais honrados que havia nos lugares, dos quais muitos foram postos em grande cajão de morte, e roubados de quanto haviam.

E dêles, com mêdo, fugiam pera as vilas que tinham voz por el-rei de Castela. Outros se iam pera fora do Reino, leixando seus bens e todo quanto haviam, os quais o Mestre logo dava a quem lhos pedia. E os miúdos corriam após êles, e buscavam-nos e prendiam-nos tão de vontade, que parecia que lidavam pela Fé...

(Do cap. XLVI)

XXX

MÁ MOEDA

Como o Mestre teve encaminhado pera poder fazer moeda, ordenou logo de mandar lavrar reais de prata. Mas primeiro sabei que ao tempo que o Mestre tomou esta voz de regedor e defensor do Reino, corriam-se em êle as moedas que já dissemos, convém a saber: *dinheiros alfonsis,* que nove dêles valiam um sôldo, e vinte soldos valiam uma libra; e mais *barbudas,* que valiam dois soldos e quatro dinheiros; e *graves*, que cada um valia catorze dinheiros; e *pilartes*, que valiam sete dinheiros, segundo é escrito em seu lugar, onde falámos do abaixamento que el-rei D. Fernando fêz nas moedas. E corriam mais (1) *reais* de prata de lei, de dez dinheiros, e de cincoenta e seis no marco.

---

(1) = *além daquelas*

E a razão por que então foram tais nomes postos a estas moedas queremos aqui dizer:

Quando el-rei D. Fernando começou guerra com el-rei D. Henrique, como ouvistes, vieram a Castela com êle muita gente de franceses, a que chamavam *companha branca*, e vinham armados em esta guisa:

Traziam bacinetes com estofas e camal de malha com cara posta (1) e chamavam-lhes *barbudas*. E o cunho de que era cunhada aquela moeda tinha de uma parte uma cruz em aspa, e em meio dela um escudo com cinco pontos de quinas, e da outra parte a barbuda com sua cara. E esta gente de armas traziam graves com pendões pequenos em cima, a que agora chamam *lanças d'armas;* e aos moços que traziam as barbudas em cima dos gibões (2) chamavam pilartes e depois lhes chamaram *porta-grave*, e nós chamamos agora às barbudas *bacinetes* de camal, e aos moços *pagens*. E daqueles no-

---

(1) *Bacinete*, espécie de elmo. *Estofas* pode estar por *escofas* ou *coifas*. *Bacinetes de camal de malha* eram os feitos de malha de ferro. *Com cara posta* significa que tinham *visagem*, ou cobertura para proteger a cara na ocasião do combate.

(2) O texto diz *chibaao*.

mes das armas levaram nomes aquelas moedas, porque o *grave* tinha uma lança no cunho e um pendão pequeno em cima, e da outra (1) aspa e quinas.

E durando assim estas moedas, foram em elas feitas tantas mudanças de liga e talha, que seriam longas de contar; de guisa que veio a valer uma coroa cento e cincoenta reais brancos de trinta e cinco libras cada um, e mil e quinhentos de três libras e meia, em que montava cinco mil e duzentas e cincoenta libras.

Assim que, por quanto achavam no tempo de el-rei D. Fernando mil cento e setenta e três dobras, não achavam depois mais de uma dobra. E estas mudanças lhe fèz fazer a necessidade das guerras que muitas vezes com el-rei de Castela houve, por azo das quais se lhe recresciam grandes despesas que escusar não podia. E porém cumpre aqui de notar um grande dito e mui proveitoso, que cada um rei e príncipe deve de haver em seu conselho, quando lhe tal necessidade avier, que o de outra guisa remediar não possa: *que mais val terra padecer, que terra se perder.*

---

(1) = *da outra parte.*

Que por tais mudanças e lavramento de moedas, com a ajuda do mui alto Deus, o reino de Portugal foi por êle defeso, e pôsto em boa paz com seus inimigos, pôsto-que as gentes em êlo alguma míngua e dano sentissem.

(Do cap. XLIX)

XXXI

MAUS AGOUROS PARA CASTELA

Mas ora convém de cessar desto, e leixarmos o Mestre em Alenquer e a Rainha (1) em Santarém; e vamos ver como fêz el-rei de Castela em seu regno, quando lhe chegaram novas que el-rei D. Fernando era finado.

E como (2) el-rei de Castela casou com a infante D. Beatriz, sabendo que el-rei D. Fernando era doente mui a miúdo, logo se arreceou de o Infante (3) poder reinar depós sua morte; e começaram de não segurar

---

(1) Leonor Teles.

(2) = *quando.*

(3) D. João de Portugal, homiziado em Castela por enredos de Leonor Teles, depois de haver assassinado sua mulher D. Maria Teles (V. *Antologia Port.*, *F. Lopes*, vol. I, pag. 177 e ss.

dêle (1) e ter maneira que não fizesse de si cousa que o El-rei não soubesse.

Alguns dos seus (2) que êsto entendiam, diziam-no por vezes ao Infante; e êle, como homem afastado de tôda malícia, não curava do que lhe diziam.

E tanto que El-rei fêz prender o conde D. Afonso, seu irmão, logo mandou prender o infante D. João, por Garcia Gonçalves de Grijalva, nas pousadas do Infante. E fêz-lhe dizer que o não prendia por cousa que dêle soubesse contra seu serviço; mas que se receava, pois el-rei D. Fernando era finado, de o tomarem alguns portugueses por rei, e fazer boliço (3) no Reino contra a ordenação dos tratos; e que até que fôsse assossegado (4) lhe prazia de ser reteúdo.

*

* *

Preso assim o Infante D. João, como ouvistes, ordenou El-rei de fazer saïmento por

---

(1) = *a desconfiar dêle.*
(2) = *dos amigos do infante D. João.*
(3) = *reboliço.*
(4) = *que tudo ficasse sossegado.*

el-rei D. Fernando, na cidade de Toledo; e mandou lá correger as cousas que cumpria, e êle atendeu ali até que fôsse feito; e como lhe trouveram recado que era tudo prestes, partiu El-rei para lá, e a Rainha isso-mesmo.

Em outro dia pela manhã partiu El-rei, e a Rainha para a Sé, onde já estava feito um alto corregimento para êles; e, como entraram pela porta, fizeram seu dó, assim como às vésperas.

E depois que se tiraram fora, El-rei desvestiu os panos pretos que levava, e vestiu um comprido mantão de pano de ouro, forrado de arminhos, aberto por a parte direita; e chamavam-lhes então mantões *lombardos*. A rainha, outro-sim, foi vestida daquêle pano, mui ricamente; e o sobre-céu e assentamento em que estavam, todo era coberto até o chão daquele mesmo pano de ouro. E foi-se El-rei e a Rainha assentar naquele corregimento.

Estando êles assim, veio uma procissão em esta guisa: vinha o Arcebispo de Toledo com capa bem rica, e mitra na cabeça; e todos os cónegos, e clerezia da cidade, rezando; e traziam a bandeira das armas de Castela, e os sinais de Portugal coseitos

(1) em baixo. E levaram-na com esta procissão, e puseram-na antre El-rei e a Rainha.

Fêz então El-rei chamar Vasco Martins de Melo, que fôra de Portugal com a Rainha, e êle veio logo presente êle (2); e El-rei disse que a mais honrosa cousa que em seu reino havia, que ofício fôsse, assim era o Alferes-mor, e que êle, por lhe galardoar sua vinda, que viera de Portugal com a Rainha sua mulher, des-aí pelo conhecer por mui bom, que o fazia seu alferes de Castela e de Portugal; e que tomasse logo aquela bandeira, e levantasse-a por êle, segundo costume quando fazem algum rei novamente.

Vasco Martins disse que lho tinha em grande mercê, mas que tal carrêgo não filharia, por êle ser vassalo de el-rei D. Fernando e seu guarda-mor; e que podia ser de se recrescer depois guerra contra o reino de que êle era natural, e cair em caso de menos valer.

*

* *

Quando El-rei viu que sua intenção (3)

---

(1) = *cosidos*

(2) = *à presença dêle.*

(3) = *a intenção de Vasco Martins de Melo.*

era não tomar carrêgo de ser seu alferes, mandou chamar João Furtado de Mendonça, e deu-lhe aquele ofício, e entregou-lhe a bandeira.

João Furtado teve-lho em grande mercê, e levantou-a logo. E começaram de dar às trombetas, dizendo a grandes vozes:

— ¡ Real, real, por el-rei D. João de Castela e de Portugal !

E assim levaram a bandeira até fora da Sé.

A porta estava já prestes um cavalo de El-rei, selado, pera trazer a bandeira em êle por tôda a cidade. Estava aí João Nunes de Toledo, e outros de cavalo com senhas astas (1), de dardos, brancas, nas mãos, e alfaremes (2) em elas, pera irem em sua companha.

Cavalgou o alferes, e puseram-lhe a bandeira na funda que levava na sela. E João Nunes deu grandes vozes, que todos dissessem:

— Arreal ! por el-rei D. João de Castela e de Portugal, arreal ! começando a correr todos após a bandeira, que ia diante.

---

(1) = *cada um com com sua asta (lança).*

(2) Morais dá para *alfareme: touca* ou *véu.* Neste caso parece referir-se a pequenas flâmulas ou galhardetes.

E correndo assim com grande prazer, descoseu o vento os sinais de Portugal, que iam em baixo, e ficaram pendurados. E o cavalo em que ia o alferes foi topar em o canto fora da Sé, e quebrou-lhe uma espádua, e caiu com êle.

Alguns que êsto viam, tiveram-no a mau sinal, dizendo entre si que nunca el-rei de Castela havia de ser rei de Portugal.

E disseram a el-rei de Castela que não era bem de os sinais de Portugal andarem assim em fundo (1).

E êle mandou logo poer os sinais ambos em escudo, iguais.

E os portugueses que faziam dó por el-rei D. Fernando, quando viram o que acontecera, do descoser da bandeira e do caïmento do cavalo com o alferes, tomavam grande prazer por êlo, dizendo uns aos outros que nunca o Deus havia de fazer senhor de Portugal...

(Dos caps. LI e LIII a LV).

---

(1) = *por baixo dos de Castela.*

XXXII

RECUSA DO SÔLDO DE CASTELA

Todos os senhores e fidalgos que ali ficaram (1) e os que se tornaram pera os castelos que lhe já tinham oferecidos, a todos El-rei desembargava sôldo para certas lanças com que o houvessem de servir. Antre os quais desembargou a Gonçalo Vasques de Azevedo sôldo pera cem lanças.

Gonçalo Vasques trazia gram casa, e era acompanhado de muitos e bons escudeiros,

---

(1) Refere-se aos fidalgos portugueses que ficaram em Santarém com o rei de Castela, e a seu serviço, ou dêle recebiam sôldo. Entre êles estava Gonçalo Vasques de Azevedo, o mesmo que, por enredos de Leonor Teles, tinha sido preso com o Mestre de Avis, como pode ver-se nos caps. XIX e XX do primeiro vol. da nossa *Antologia* de Fernão Lopes.

que com êle viviam, assim como Rodrigo Eanes de Buarcos, Vasco Rodrigues Leitão, João Rodrigues da Mota e outros semelhantes, de boa conta.

E um dia, foi êle ao paço e leixou dito ao seu vèdor que desse o sôldo a todos os seus, segundo já tinha ordenado. E êle pôs três montes de dinheiros em cima de uma mesa, um de florins, e outro de reais de prata, e outro de moeda corrente. E, quando requereu os escudeiros que o tomassem, nenhum foi que o quisesse receber; mas tomavam os florins na mão, e começavam de rir dêles, e tornavam-nos a seu lugar.

Gonçalo Vasques, a horas de ceia, tornou pera a pousada; e quando viu os dinheiros estar daquela guisa, não soube que cuidar, e preguntou ao seu vèdor porque os não dera, como êle mandara.

—Sabei (disse êle), que todos convidei com êles, e não foi nenhum que os quisesse receber.

Gonçalo Vasques esteve um pouco quêdo, suspeitando porque o faziam; e disse que os guardassem dali, e que pusessem a mesa. E então os chamou todos adeparte, e disse:

—¡Espantado sou de vós serdes todos

homens a que eu tal desejo tenho, assim de acrescentar em vossas honras como de encaminhar vossos feitos com El-rei, meu senhor, por onde quer que eu possa, e não quererdes vós tomar seu sôldo pera o haverdes de servir em minha companhia! Em verdade, eu tinha de vós tal intenção (1) que, não digo eu com el-rei de Castela, que é um senhor que todos somos teúdos de servir; mas ainda que me eu tornara mouro e me fôra pera Granada, pera lá viver por sempre, que vós vos tornáreis mouros comigo, e me serviríeis em quaisquer cousas que de minha honra fôssem; e ora me parece que era enganado convosco, porque disto vejo muito o contrairo. E, pois que assim é, rogo-vos que me digais porque o fazeis.

E êles todos calando, respondeu Vasco Rodrigues, e disse:

— Digo-vos, pois estes calam e nenhum não fala, que eu quero falar por mim e por êles. Sabei que êles, nem eu, não temos vontade, por nenhuma guisa, de tomarmos sôldo del-rei de Castela, nem vosso, pera o haver de servir. E antes nos partiremos to-

(1) = *opinião, confiança.*

dos de vós, que havermos de tomar seu sôldo, nem sermos seus. Mas se vós quiserdes ter a tenção do Mestre e de Lisboa, digo-vos que não haveis mester ouro nem prata, nem outro dinheiro que nos deis; mas todos, de boa vontade, despenderemos os corpos e vidas por vos servir, e morrer convosco onde quer que vos fordes. E esta é a nossa final intenção, da qual já não temos de desviar; e se vos algum disser o contrairo, sabei que vos mente, e não o creiais nem fieis dêle, nem de mim tão pouco, pôsto-que vo-lo diga.

Gonçalo Vasques, quanto esto ouviu, ficou espantado; e disse que, pois assim era, que êle não entendia de os prender nem forçar; mas que êle encaminharia de jeito que isso não viesse mais a praça.

E êles, vendo que seu desejo era de servir a El-rei e ter sua intenção, partiram-se dêle poucos e poucos e foram-se a Buarcos, pera Álvaro Gonçalves, seu filho, que tinha voz do Mestre; e meteram-se na frota do Pôrto, quando depois veio a Lisboa, como adiante diremos.

(Do cap. LXVII)

XXXIII

BOA PRESA NAVAL
E MÁ COBIÇA DE MERCADORES

Àquelas vilas que tinham voz por Castela mandava El-rei gentes darmas, quantas via que eram mester. De guisa que o alcaide, com elas, e com os seus criados e amigos, as pudessem defender como cumpria; que dos que moravam nos lugares não eram os alcaides muito seguros, por as coisas que viam acontecer. ¡E das fortalezas que tinham voz por Castela saíam os alcaides *portugueses* a fazer grandes roubos e cavalgadas nos termos das que tinham a parte do Mestre, prendendo e roubando e matando em êles, como se lho devessem por contrairos merecimentos!

¡Assim que os que deviam ser seus defensores e os livrar das mãos dos inimigos, aqueles os matavam e perseguiam, usando contra êles de tôda crueldade! Oh! Que for-

te cousa e mortal guerra! Ver uns portugueses quererem destruir os outros! e aqueles que um ventre gerou, e uma terra deu criamento, desejar de se matar de vontade, e espargir o sangue de seus dividos e parentes!

*

* *

Começando-se esta nova guerra antre Portugueses com Portugueses, além da que haviam com os Castelãos (estando o Mestre em Lisboa, como dissemos) uma segunda feira pela manhã, 1.° dia de Fevereiro da sobredita era (1) apareceu pela foz, na entrada do rio, uma galé de Castela, e cinco baixéis, e uma grande nau, com tempo contrairo. Pousaram os baixéis aquém de Restelo, mais de uma légua da cidade; e a nau e galé ficaram muito atrás, antre Oeiras (2) e Santa Catarina, grande espaço dos baixéis.

O Mestre soube parte que alguns dêstes navios eram de Galiza, carregados de farinha e mantimentos, que vinham pera a frota

(1) 1384 A. D.

(2) O texto diz *Hueras*.

de Castela, cuidando que jazia já sôbre a cidade; outros iam carregados de pescado sêco pera Aragão. E, sendo certo que todos eram de seus inimigos, fêz logo fazer prestes (1) duas galés, e duas naus, e três barcas; e foram prestes, e fornecidas de armas e companha, em dous dias.

Ante manhã develaram as naus e barcos dos portugueses contra aqueles navios. A galé de Castela, como viu as galés e as outras velas ir daquela guisa, deixou as âncoras e fugiu, e foi-se; e os navios foram filhados todos, e trazidos ante a cidade, sem mais pelejarem, que lhes não cumpria (2).

A nau era de duzentos tonéis, nova e grande, de um Judeu que chamavam D. David da Corunha; e quando viu o que se fazia, muito a-pressa deferiu, pôsto-que tempo azado não houvesse, sendo no mar grande cavadia (3), por o vento, que era forçoso.

O Mestre estava em seus paços e muitos da cidade com êle, olhando. E quando viu a

---

(1) Sujeito: *O Mestre.*

(2)=*não convinha*; ou *não lhes era possivel.*

(3)=*agitação na água.* Expressiva palavra, não consignada por Morais.

grande avantagem que a nau de Galiza levava ante as suas, disse aos que eram presentes :

— Sai-se, aquela!

E êle em dizendo estas palavras, o lais da vêrga, que são até três braças de uma das partes, aconteceu de quebrar à nau, per cujo azo lhe foi forçado amainar. E desta guisa a cobraram os Portugueses, sem mais pelejar, nem ferida que algum houvesse.

Grande foi o prazer que o Mestre e todos os da cidade houveram, por êste bom acontecimento, mòrmente em tempo que lhes tanto fazia mester; porque em estes navios foi achado muito pescado sêco, de pescadas, congros e polvos, sardinhas de fumo e de pilha, e muita farinha, e outros mantimentos.

Onde sabei que (não embargando que geral ofício fôsse a todos prover e azar qualquer comum proveito que cada um sentia pera a cidade) que dèles houve hi, porém, tais, de que se assenhorou tanto a cobiça, que ligeiramente lhes fêz outorgar nos corações requerer e demandar ao Mestre que lhes vendesse aquele pescado, pera o levarem fora do Reino, pelo grande ganho que em êle sentiam, mostrando que era muito

seu serviço e proveito (1), com uma aparência de palavras tôdas inimigas da prol comunal.

O Mestre, em que não falecia, mas antes era em êle avondosa discrição e juízo, disse que nenhum lhe falasse em tal cousa; que êle entendia que Deus lhe encaminhara aquilo por dar a todos boa quaresma, que se então chegava; e que aqueles mercadores que lhe por cobiça de ganho tal requerimento faziam, bem mostravam que pouco se doíam do bem do povo e de sua defensão, em tempo que o tanto havia mester pera seu mantimento e outras necessidades.

E assim foi que com aquele pescado era a cidade farta, em boa avondança, e pagavam aos fidalgos e às outras gentes o sôldo em êle, de que a el-rei de Castela muito desprouve, quando o soube em Santarém.

(Dos caps. LXVIII e LXIX).

---

(1) = *de serviço e proveito do Mestre.*

XXXIV

A MALÍCIA BEBE A PRÓPRIA PEÇONHA

Entrou El-rei (1) e, estando na Guarda em êste mês de janeiro do novo ano da nascença de nosso Senhor Jesus Cristo de 1384, chegaram cartas aficadas da Rainha (2).

Nestas fazia saber a El-rei como tôdalas

---

(1) Refere-se ao rei de Castela e à sua entrada em Portugal, por convite do bispo da Guarda, afecto à rainha D. Beatriz, mulher daquele e filha de Leonor Teles.

Êste nosso capítulo é formado de pequenas transcrições de muitas páginas de F. L., para constituir uma espécie de preâmbulo do drama de côrte desenvolvido nos capítulos seguintes. Pareceu-nos isto preferível a redigir com palavras nossas uma explicação dos precedentes dêsse drama.

(2) Leonor Teles.

cousas em Lisboa haviam passadas; e que ela, com receio e muito nojosa, partira de Lisboa e se viera a Santarém, onde por então estava; e que portanto lhe rogava pusesse aguça em seu caminho e chegasse ali, que ela se tinha por mui desonrada do Mestre de Avis e dos moradores de Lisboa, os quais entendia que não queriam obedecer a êle, nem haver a rainha D. Beatriz, sua mulher, por senhora.

Ora contam alguns que chegou El-rei a Santarém em uma terça-feira depois de véspera, doze dias de janeiro, e a rainha D. Beatriz, sua mulher, a qual vinha em cima de uma mula de sela, coberta de dó.

E descavalgou êle e sua mulher em um grande chão que se faz ante a porta do castelo, e tôdolos fidalgos, e donas e donzelas que em sua companhia vinham; e que, estando assim pé terra, o foram dizer à Rainha; e que então saiu ela de má mente, coberta de um grande manto preto, que lhe não aparecia o rosto, trazendo-a de braço Vasco Peres de Camões, e poucos com ela.

E El-rei, como a viu, foi-a logo receber, abraçando-a, êle e sua filha. E ela, chormingando, começou logo dizer a El-rei:

— Filho, senhor, faço-vos queixume do Mestre de Avis, que matou o conde João Fernandes em meus paços, acêrca das minhas faldras, e me deitou fora de Lisboa, mim e quantos eram meus e tinham da minha parte.

E que El-rei lhe respondeu que a esso era êle ali vindo, por lhe fazer todo prazer e honra, e lhe dar vingança do que lhe assi fôra feito.

*

* *

A Rainha (1), logo no comêço, sendo de acôrdo (2) com el-rei de Castela, fez-lhe entender que ligeiramente podia haver e cobrar tôdolos lugares que no Reino havia; e que ela escreveria ao conde D. Gonçalo, seu irmão, e a Gonçalo Mendes de Vasconcelos, seu tio, que estavam em Coimbra, que era um dos principais lugares do Reino, e que logo tomariam sua voz e lhe dariam a cidade.

Se dizem que *a malícia bebe gram parte da sua peçonha,* bem se pode esto dizer da

(1) Leonor Teles.

(2) = *quando ainda estava de acôrdo.*

rainha D. Leonor; porque não foram (1) muitos dias que à Rainha começou de desprazer da conversação de El-rei, e êle isso-mesmo da sua. E o desprazimento que a Rainha principalmente começou haver dêle contam que foi per esta guisa:

Em Castela vagou o arrabiado-mor dos Judeus (2), e a rainha D. Leonor, como o soube, lho foi pedir pera D. Yuda, muito seu privado dela, E êle se escusou de lho outorgar, e deu-o à rainha D. Beatriz, sua mulher, pera D. Davi Negro.

A rainha D. Leonor, como era mulher de gram coração, e que tôda sua vontade queria cumprida, vendo a maneira que ela tivera com El-rei, em poer nêle o regimento do Regno, desi outras cousas, e que ora êle não lhe quisera dar aquele arrabiado, que era uma cousa tão pequena, e a primeira que ela lhe pedira, entendeu que ao diante poucas cousas havia de acabar com êle (3).

E, com grande menencoria (4) que houve

---

(1) = *não se tinham passado.*
(2) = *o cargo ou titulo de gram-rabino.*
(3) = *de conseguir dêle.*
(4) = *melancolia (ressentimento)*

de El-rei, dizem que disse a alguns daqueles que como ela foram (1) de Lisboa:

— ¡ Vêde que senhor êste! ¿ E que mercês esperaremos, vós e eu, dêle, que uma tão pequena cousa que lhe pedi me não quis outorgar? Ora vêde ¿ que mercê há-de fazer, a mim nem a vós? Juro-vos em verdade que, se me quisésseis ouvir de conselho, que vós faríeis bem de vos ir todos pera o Mestre, pois é vosso natural, e senhor que vo-las fará melhor. Ca eu, que vo-las queira fazer, já não tenho azo como. E cada vez o terei pior, segundo a maneira que eu em êle entendo (2). E faço-vos certos que, se me eu daqui pudesse partir, como vós, com minha honra, que nunca aqui mais estivesse tão sòmente um dia...

E assim o fizeram depois os mais dêles, que se foram todos pera o Mestre.

(Dos caps. LX, LXI, LXIV, LXXIII e LXXVI).

---

(1) = *tinham ido.*
(2) = *pelo que vejo do seu procedimento comigo.*

XXXV

AMORES E CONJURAS

PASSANDO-SE assim estas cousas, a Rainha começou de se repreender muito do que começado tinha, assim da vinda que fizera vir El-rei ao Reino (1), como da renunciação do regimento, que havia pôsto em êle.

E, leixando o pensamento que primeiro tinha cuidado, dizem que encobertamente mandou suas cartas a alguns lugares dos que el-rei de Castela entendia cobrar: «*que inda que êle lá fôsse, e ela em sua companha com êle, que lhos não dessem, por muitas razões que ela dissesse, nem lhes por outrem mandasse dizer.*» Entre os quais foi um dêles a cidade de Coimbra.

Em esto veio reposta do primeiro recado

---

(1) Note-se êste modo de dizer, incorrecto, mas tão vivo ainda na língua popular de hoje.

que ela enviara ao conde D. Gonçalo e a Gonçalo Mendes (1), segundo ouvistes, dizendo o Conde que lhe aprazia muito do que lhe escrevera, mas que esto se não podia fazer em nenhuma guisa, a menos de El-rei lá ir com seu poder, mostrando que o ia cercar por haver a cidade, ca de outro modo duvidava de o consentirem aqueles que com êle estavam.

Visto êste recado, prouve a El-rei muito com êle; e ordenou logo de partir com sua hoste, e as rainhas ambas consigo; e foi êsse dia dormir a Torres Novas.

El-rei, e sua mulher, pousava no arrabalde, e a rainha D. Leonor em outras pousadas. A qual foi aquela noite gardada de certos homens de armas castelãos; e ela, em outro dia, quando o soube, disse contra os que iam em sua companhia:

— ¿ Como ? ¿ Guardada sou eu de gentes de Castelãos? Quanto agora entendo eu que vou presa!...

E El-rei, sabendo-o, disse que o fazia por melhor, e por sua segurança, e outras tais razões com que se escusou.

---

(1) = V. o cap. anterior.

*

* *

Chegou El-rei a Coimbra, e muitas gentes com êle, e pousou nos paços de Santa Clara, junto com a ponte da cidade; e o conde de Maiorcas dentro no Mosteiro, e o conde D. Pedro em Santa Ana. E com êste pousavam Afonso Henriques, e outro Afonso Henriques, o Moço, seus irmãos.

E depois que todos foram assessegados, não fizeram nenhum mal, nem querença de combater; antes entrava cada dia na cidade o conde de Maiorcas, e outros, a falar com o conde D. Gonçalo, e com Gonçalo Mendes de Vasconcelos; e comiam e bebiam com êles.

Pelos quais lhes El-rei mandou dizer e rogar que lhes prouguesse de lhe dar aquela cidade e tomar sua voz; e que lhes daria sôldo pera quantos com êles estavam.

E o Conde deu em reposta que não dariam a cidade, senão a cuja fôsse, de direito.

*

* *

Para virdes em conhecimento qual foi a razão porque el-rei de Castela mandou a Rai-

nha (1) fora dêste reino, e se teve justa razão de o fazer, ou por contrairo, vejamos o que escreve um autor em sua crónica, que largamente, mais que nenhum outro, falou de tudo, como se seguiu.

Onde sabei (segundo êle põe) que, estando El-rei assim per alguns dias, aguardando se mudariam suas vontades o conde D. Gonçalo ou Gonçalo Mendes, que a Rainha, desesperada de sua primeira esperança, e posta em amargosas e tristes cuidações, mostrava de si torvado semblante, de guisa que qualquer lhe podia entender seus nojosos pensamentos.

E, vendo esto D. Beatriz (filha do conde D. Álvaro Pires de Castro) que andava com a rainha de Castela, falando um dia em seus amores com Afonso Anriques, irmão do conde D. Pedro, primo de El-rei, que era muito seu namorado, veio-lhe a dizer em esta guisa:

— Vós vêdes bem como a rainha D. Leonor, que me criou e me deu a sua filha (2), por acrescentar em mim, é posta em tão gram coita, como todos vemos, e espera de o ser

---

(1) Leonor Teles.

(2) = *me pôs ao serviço de sua filha.*

muito mais, segundo a mim parece, porque se as cousas não guisam à vontade de El-rei, nem sua. Por a qual razão são postos em mor desacordo do que nenhum cuida. Ora, pois vós dizeis que me quereis tanto bem, que de boamente casaríeis comigo, eu vos quero descobrir uma cousa que tenho cuidada. E se vós fôsseis homem que pudésseis postar (1) com o Conde vosso irmão isto que eu trago cuidado, eu faria de mui boamente vosso talante, em tôda cousa que me vós requerêsseis. E então seria nosso casamento muito melhor e muito mais com grande nossa honra...

— Não há cousa (disse êle) que me vós requeirais, e que eu por vós possa fazer, e meu irmão por minha honra, que a nós não façamos muito de grado. E dizei o que vos prouguer.

Feitas então suas juras e prometimentos de esto ser muito guardado em segrêdo, começou ela de razoar, e disse:

— Bem vêdes como a fazenda (2) da Rainha que me criou vai tanto pera mal, e muito em contrairo do que nós todos pensávamos;

(1) = *compor, concertar.*
(2) = *os negócios, interêsses*

e se ela não é (1) fora do poder de el-rei de Castela, nunca pode ser que seu feito venha senão a muita desonra. E, portanto, se o Conde vosso irmão, que é homem de grande estado, e que me parece que tem com ela bom jeito, pudesse azar per alguma guisa como ela fôsse fora de seu poder, e posta dentro na vila (2) com o Conde seu irmão (e nós outrossi com ela) então seria ela tornada a tôda sua honra, e nós mais honradamente casados (3). E ainda vos digo mais que, se vosso irmão pudesse fazer esto, e ela fôsse posta em seu livre poder, que não era maravilha de a Rainha (4) depois casar com êle, e haverem ambos o regimento desta terra. Ca ela tem tais irmãos, e tantos parentes e criados, que era per fôrça (5) de se assenhorar do Reino, e haver o regimento dêle, como antes tinha...

Quando Afonso Anriques ouviu estas razões, e outras muitas que sôbre tal feito falaram, pareceram-lhe tais e tão boas, que

---

(1) = *não fôr posta.*
(2) = *na cidade de Coimbra.*
(3) = *casados com maiores honras e vantagens.*
(4) Leonor Teles.
(5) = *era certo.*

logo consentiu em sua vontade de se trabalhar muito pera tal cousa ser posta em obra.

E disse que êle o falaria logo com seu irmão, e ela que o falasse com a Rainha.

(Dos caps. LXXVII a LXXIX)

XXXVI

OUTRA MOSCA NA TEIA

FALOU D. Beatriz isto com a Rainha, e Afonso Anriques com seu irmão. E à Rainha prougue muito de tal conselho, e ao conde D. Pedro não menos. E, falando em seus feitos sôbre tal cousa, acordaram de o mandar dizer por Afonso Anriques ao conde D. Gonçalo. O qual, quando o soube, foi mui ledo de se poer em obra.

E para se esto fazer mais escusamente (1) e carecer de tôda suspeita, vinham alguns à salva fé (2) da parte do conde D. Gonçalo, falar à Rainha, e isso-mesmo ao conde D. Pedro, fazendo mostrança (3) e dando a entender a El-rei que todo se fazia por seu serviço, e por cobrar cedo aquela cidade.

---

(1) O texto díz *descaadamente,* o que parece êrro.
(2) = *¿ para salvar as aparências ?*
(3) = *fingindo.*

Des-aí ordenou a Rainha que era bem de falar a seu irmão de praça, por ver se o poderia demover per suas falas. E El-rei disse que era bem feito; não embargando que não soubesse parte do que se tratava antre êles, não segurou que isto não fôsse arte (1) e mandou fazer na ponte um palanque, de guisa que a não pudesse o irmão tomar, pôsto-que tal fala houvesse antre êles.

A Rainha, depois das falas, fêz entender a El-rei que ela tinha esperança de êle cobrar mui cedo a cidade, não embargando as razões que com seu irmão houvera, por outras cousas que depois com êle falara. E isto todo dizem que era para se em-tanto guisar tempo azado pera se poer em obra aquelo que ela com o Conde (2) contra El-rei tinham ordenado (3):

El-rei havia de ser morto, uma noite, pelo

---

(1) = *desconfiou que fôsse astúcia.*

(2) Refere-se ao conde D. Pedro, primo do rei de Castela.

(3) Devia ser *tinha ordenado.* Outras vezes, pelo contrário (como no princípio do cap. anterior), vem o verbo no singular, quando seria mais lógico o plural: *El-rei e sua mulher* pousava *no arrabalde.*

conde D. Pedro e certos alguns de sua parte, e lançar-se o Conde com todos os seus dentro na vila, e a Rainha com êle. E que êle tomasse logo voz de se chamar rei de Portugal, e ela rainha, assim como era (1), casando primeiramente ambos. E que desta guisa ficaria ela senhora do Regno, pela ordenança que era nos trautos, pois o renunciara como não devia, não o podendo fazer de direito. E que dali (2) trautaria com o Mestre e encaminharia todos seus feitos.

Mas o conde D. Gonçalo não sabia parte da morte de El-rei, nem do casamento da irmã com o Conde, nem que (3) se havia de chamar rei. Porque êle, quando lhe em tal feito falou, não lhe descobriu mais de sua fazenda, salvo que se lançaria com a Rainha dentro na vila, por a tirar do poder de el-rei de Castela.

(Dos caps. LXXX e LXXXI).

---

(1) = *como aliás o era já pelo título de rainha viúva.*

(2) = *fortificada em Coimbra.*

(3) = *que èste.*

XXXVII

AMIGO FRADE E AMIGO JUDEU

Onde sabei que o principal embaixador dêstes feitos, que levava recado à Rainha e ao conde D. Pedro, da parte do conde D. Gonçalo, e isso-mesmo trazia reposta, era um frade de S. Francisco. Mas êle não sabia parte da morte de El-rei, nem das outras cousas que ao conde D. Gonçalo não foram descobertas.

E quando êste frade ia falar ao Conde sôbre seu segrêdo e da Rainha, ia-se logo o conde D. Pedro a El-rei, dizer-lhe como aquele frade viera a êle, e como lhe falara sôbre o dar da cidade, e a razão por que se detinha, e como tudo faziam por melhor. E El-rei, mui ledo com estas razões, cada dia esperava de a cobrar.

Ora assim foi que êste frade, que andava nesta embaixada, era muito amigo e conhe-

cente daquele judeu D. Davi Negro, a que El-rei dera o arrabiado de Castela, que ante dissemos. E, receando que, na revolta que se havia de fazer, ao lançar do Conde com a Rainha dentro na vila, recebesse algum dano êste Judeu, e filhos pequenos que tinha consigo, cuidou de lhe fazer saber que se partisse do arreal, e se viesse para a cidade, e que êle buscaria caminho e azo como o pusesse em salvo com sua honra. E isto lhe fêz saber mui escusamente per um escrito.

O Judeu, quando viu o escrito, ficou tão espantado que mais não pode ser; e fêz de tal guisa, que o frade lhe veio falar encobertamente, como seu especial amigo que era.

O Judeu, que era sisudo, bem entendeu quanto segrêdo andava neste feito. E tanto o aficou por fôrça de amizade, dizendo que êle lhe descobriria outras cousas maiores da parte do arreal, que o frade lhe descobriu, em grande segrêdo, como uma certa noite, ao serão, depois que lhe o Conde enviasse dizer que era prestes, haviam de repicar na vila um sino, e fazer mostrança que saía o conde D. Gonçalo fora, com gentes; e que o conde D. Pedro, que pera isto havia de estar prestes, havia de mandar

dar à trombeta, e mostrar (1) que saía ao Conde, pera lhe contradizer tal vinda: e que em esta ida, que o Conde assim fôsse, havia de levar a Rainha consigo; e, mostrando o conde D. Gonçalo que lhe fugia, havia o conde D. Pedro de ir empós êle, mostrando que o vencia, e entrar dentro na vila, e lançar-se com seus irmãos, e com tôdolos seus e com a Rainha dentro. E que esta era a dada da cidade, que se lhe havia de dar, e de outra guisa não.

*

* *

O Judeu, que não via a hora em que esta cousa descobrisse a El-rei, foi-lhe a-pressa logo contar todo o que lhe aviera com o frade.

El-rei, quando o ouviu, ficou muito espantado, e não podia crer esto que lhe o Judeu dezia, pero-que muito afirmasse que era assim como lhe contava. E de o El-rei não crer não era maravilha, ca o Conde era seu primo co irmão.

---

(1) Aqui e nas linhas seguintes está o verbo *mostrar* como sinónimo de *fingir*.

E quando veio aquel dia, que se esto havia de fazer, chamou El-rei o conde de Maiorcas, e descobriu-lhe todo o que lhe o Judeu dissera, e disse mais:

— Avisai hoje todos os vossos em segrêdo, que sejam armados e prestes à noite, e vós com êles, pera quando o conde D. Pedro fizer enfinta que sai contra os da vila, que vós e os vossos comeceis de bradar: *¡Treição, treição, polo conde D. Pedro!* Então prendei êle e os seus, quantos mais puderdes, ou os matai, se a prisão se dar não quiserem.

E isso-mesmo falou com um cavaleiro, que aquela noite pusesse tal guarda na Rainha, que não pudesse ser tomada, nem se lançar dentro na vila.

Em esto um escudeiro, daqueles com que o conde D. Pedro falara seu segrêdo, que andava pelo paço olhando o que faziam, quando viu aquelas gentes vir daquela guisa, suspeitou que o segrêdo do Conde era descoberto, e foi-se a êle mui a-pressa, e disse:

— ¿Que é esto, senhor, que estais fazendo?...

— ¿Como?... disse êle.

— Sabei por certo, disse o escudeiro, que

gentes do conde de Maiorcas são já em o paço, e estão aí todos armados, em maneira de guarda.

Quando o Conde esto ouviu, sentiu que era descoberto; e foi tão fora de si, que não soube al que fazer, senão êle e os irmãos, e dos seus quantos puderam, tomaram a-pressa essas melhores cousas que tinham, e foram-se pela ponte. E êle foi-se a Santa Cruz e pousou aí.

El-rei, que não dormia e estava armado em sua câmara, aguardando o sinal que haviam de fazer na vila, quando viu que se perlongava a hora e soube como o conde D. Pedro era já fugido, entendeu que soubera parte do que lhe a êle fôra descoberto (1) e mandou essa noite prender D. Judá, judeu gram privado da Rainha, e Maria Peres, sua camareira, que dêste feito entendeu que sabiam parte.

E não pôde El-rei logo saber se era o Conde dentro na vila, se fora; e, como soube que era no arrabalde, mandava passar mil lanças pelo vau, pera o tomarem. E o

(1)=*que soubera que o Rei estava informado da conspiração.*

conde D. Gonçalo soube-o, e mandou-lhe dizer que se pusesse em salvo. E êle foi-se pera o Pôrto a tão gram pressa, que maior ser não podia...

(Dos caps. LXXXI e LXXXII).

XXXVIII

O CASTIGO

A el-rei parecia longe a manhã, por saber a verdade e certidão dêste feito. E, como o dia veio, e ouviu missa bem cedo, mandou trazer à câmara D. Yuda e a camareira, não estando aí outrem, salvo El-rei, e a Rainha sua mulher, e o infante de Navarra, e D. David, que descobrira a puridade, e um escrivão que havia de escrever.

E, como vieram, mandou El-rei que os desvestissem e metessem a tormento. E o Judeu disse que não havia por que o desonrar, mas que êle diria a verdade daquele feito.

Então começou a dizer em como a Rainha escrevera a todos os alcaides dos castelos por hu passaram, que os não dessem a El-rei; e como tôdalas falas que se fizeram até aquele tempo, com o conde D. Gonçalo,

eram por se lançar o conde D. Pedro com a Rainha dentro na cidade; e como o Conde se devia de chamar rei, matando-o primeiro, e tôdalas outras cousas que dissemos. E daquela guisa o confessou Maria Peres; e foi todo escrito e ratificado por êles.

E El-rei lhes preguntou se o diriam assi perante a Rainha; e êles disseram que si.

Então mandou El-rei por a Rainha, e trazia-a de braço aquele cavaleiro, a que El-rei encomendara que parasse nela mentes (1). Esta, não embargando que viesse como presa, vinha bem sem mêdo, e sem mudança que mostrasse, como mulher de gram coração.

E entrou ela só na câmara, e não outrem; e quando viu o Judeu que descobrira o segrêdo, disse contra êle, esforçadamente:

— ¿Aqui estais vós, D. David? ¿E vós me fazeis aqui vir?

— Mais razão é (disse El-rei) que seja êle aqui, que me deu a vida, que quem me tinha bastecida (2) a morte.

Então disse El-rei ao escrivão que lesse à Rainha todo o que o Judeu dissera contra

---

(1) = *que a vigiasse.*

(2) = *urdida, preperada*

ela; e ela, quando ouviu o que êle confessara, disse contra êle:

— O' perro, cão trèdor, ¿e tu disseste aquelo de mim?

— Eu (disse êle) dixe e digo que assi é verdade e que assi passou de feito.

— Mentes, disse ela, como perro trèdor, e se assi passou de feito, tu mo conselhaste.

E em começando de razoar sôbre esto, disse a rainha D. Beatriz:

— O' Madre senhora, ¿em um ano me quisérades ver viúva, e órfã, e deserdada?...

— Ora (disse El-rei) aqui não compre (1) mais razões. Eu matar-vos não quero, por honra de vossa filha, pôsto-que mo vós bem merecido tenhais. Nem me compre andardes mais em minha companha, nem eu na vossa; mas mandar-vos hei pera um honrado moesteiro de Castela, onde já esteveram rainhas viúvas, e filhas de reis. E ali vos mandarei dar honradamente mantimento, por que bem possais viver.

E ela, sem mêdo e receio nenhum, respondeu a El-rei, e disse:

— Isso fazei vós a alguma irmã, se a teverdes, que a metei por freira nesse moes-

(1) = *não cumprem, de nada servem.*

teiro; ca vós a mim não haveis de fazer freira, nem nunca vo-lo o ôlho tem de ver. ¡Em verdade êste é bom galardão que me vós dais! Leixei o regimento que no Reino tinha, e fiz-vos haver a mor parte de Portugal; e agora, a dito de um perro, que com mêdo dirá que Deus não é Deus, assacais-me que raivei, para me não terdes (1) as cousas que me prometestes, e sôbre que comungastes comigo o corpo de Deus, em Santarém. Dígo-vos que, quanto a isto, podem bem dizer que *quem o seu cão quer matar, raiva lhe põe nome.*

El-rei, não curando do que ela dizia, mandou levar a camareira presa, e ao Judeu perdoou-o, a rôgo de D. David. E por estonce não se fêz mais.

*

* *

Pôs El-rei êste feito em conselho, com aqueles com que o devia de falar, dizendo que lhe parecia razão e aguisado de prender a Rainha sua sogra, e a mandar pera Cas-

---

(1) = *manterdes.*

tela, pera algum moesteiro, e não consentir que mais estevesse em Portugal, por as cousas que haviam acontecido.

E tais i houve, do conselho, que disseram que era bem o que El-rei dizia, e que assim o mandasse poer em obra; dizendo que, se a Rainha estevesse com êle mais no Reino, que mandaria seus recados aos fidalgos que tinham as fortelezas, que lhas não dessem, nem se viessem pera êle. A qual cousa era muito seu desserviço, e grande en-avessamento do que começado tinha.

Teve-se El-rei ao conselho que era bem de a prender e levarem a Castela; e foi logo entregue a Diogo Lopes de Estunhega.

E partiu El-rei de Coimbra, e veio-se a Santarém. E dali encaminharam com ela pera Castela, pera a poer no moesteiro de Outerdesilhas.

E indo ela pelo caminho, escreveu mui escusamente suas cartas a Martim Anes de Barbuda, e a Gonçalo Eanes de Castel da Vide, que lhes rogava aficadamente, recontando muitas razões por que o deviam de fazer, que se fizessem prestes pera a tomar no caminho, àqueles que a daquela guisa levavam.

E foi tal sua ventura, que as cartas se

deram tão tarde, que êles não houveram nenhum espaço pera poer em obra seu rôgo. E assim foi levada pera Castela, àquele moesteiro.

Maria Peres foi metida a tormento, pera confessar onde a Rainha pusera algum tesouro de ouro e prata e outras jóias. E dizem que em Santarém confessou que estavam muitas cousas em casa de um homem bom do lugar, de que a Rainha muito fiava. E que houve El-rei gram parte delas.

(Dos caps. LXXXIII e LXXXIV).

XXXIX

OS ATOLEIROS

Com duzentas e trinta lanças, e antre peões e bèsteiros até mil, partiu Nunálvares de Évora e se foi a Estremoz. E ali houve novas certas que aqueles senhores de Castela, e gentes que consigo traziam, eram todos na vila do Crato, que estava por Castela, e vinham cercar Fronteira. E que eram muitos, e bem corregidos.

Nunálvares tinha pouca gente de armas, e não bem armados, ca não seriam mais de cavalo que uns trezentos, e antre êles cento e oitenta de bacinetes, e pouco mais de mil homens de pé, e até cem bèsteiros.

E a estes falou juntamente, em esta guisa:

— Amigos: creio que já sabeis todos como o Mestre, meu senhor e vosso, me mandou a esta terra, pera, com a ajuda de Deus e vossa, a defendermos dalgum mal e dano,

se lhe os Castelãos quiserem fazer, de guisa que lhe demos dela bom conto. E porque eu hei por novas certas que o Priol do Espital, meu irmão, e o Mestre de Alcântara, e João Rodrigues de Castanheda, e outros senhores, com soma de gentes, estão já no Crato, que é daqui mui acêrca, e são prestes pera entrarem em esta terra de meu senhor o Mestre, por fazer todo mal e dano que puderem, minha vontade é, com a ajuda de Deus, em companha de vós outros, de os ir buscar ante que entrem, e pelejar com êles. E espero na mercê de Deus, que nos dará dêles tão bom vencimento, por que sempre de vós ficará honrada fama e boa nomeada; e mais fareis ao Mestre meu senhor grande e estremado serviço, e a vós gram bem, em defender vossa terra e bens, o que direitamente sois teúdos de fazer.

Acabadas estas e outras razões que Nunálvares disse, por lhes fazer vontade e esfôrço, responderam todos a uma voz, dizendo que a cousa era muito pesada e não pera responder sùpitamente; mas que lhes desse espaço pera cuidar em ela e falarem antre si, e então lhe responderiam o que dèlo sentissem.

Nunálvares foi disto mui pouco ledo, vendo

a tenção por que o diziam; e pero-que logo quisera a reposta, conveio então que se sofresse, porque não podia mais fazer.

*

* *

No seguinte dia, havendo todos seu acôrdo, foi a reposta dada em esta guisa:

— Nunálvares, senhor: nós entendemos bem todo o que nos ontem por vós foi preposto e achamos que é cousa mui duvidosa, de nos irmos em vossa companha pelejar com aquelas gentes, por duas principais razões. A primeira é virem grandes senhores por capitães, com muitas e boas gentes, ca aí dizem que vem D. João Afonso de Gusmão, conde de Nebra, e D. Diogo Martins, mestre de Alcântara; e Pero Gonçalves de Sevilha, adiantado-mor de Andaluzia; e João Rodrigues de Castanheda, e Garcia Gonçalves de Grisalva, e Álvaro Pires de Gusmão, e Pero Ponce de Marchena, e João Gonçalves de Carenco, e o Craveiro, e Garcia Fernandes de Vila Garcia, e Martim Anes de Barvudo; e ainda dizem que vem aí Fernão Sanches de Toar, almirante-mor de Castela, e outros grandes senhores a que não

sabemos os nomes, e que trazem consigo mil lanças e mais, mui bem corregidos, e muitos ginetes e bèsteiros, e gram soma de homens de pé. E, segundo a pouca gente que nós somos, tal peleja como esta seria mui desigual.

Disse estonce Àlvaro do Rego, um bom escudeiro que andava com Nunálvares:

— Certo é, senhor, que de muitas gentes, e boas, que o são êles; porque eu conheço os mais de quantos capitães ali veem; e mais vos digo ainda que, leixada a outra gente, que ali veem mais de bons, que nós aqui somos de comunais.

A esto respondeu Pedro Eanes Lobato, outro escudeiro que andava com Nunálvares, e disse:

— Quanto de mim vos digo, senhor, que tais os queria todos pera pelejar: grandes senhores e bem delicados, ante que escudeiros afanosos, nem homens de trabalho, que me dessem que fazer todo o dia; ca estes que veem banhados de agua rosada, e de flor de laranjo, não se hão-de ter muito, que os logo não vençais.

— A outra razão (disseram êles) porque muitos duvidam, assim é porque vem aí dom Pedrálvares, priol do Crato, vosso irmão, e

outros dous vossos irmãos; e duvidam muito, e hão por escarnho, que vós pelejeis com vossos irmãos; ante dizem que é cousa em que mui asinha podiam receber cajão e ser enganados, e todos mortos e perdidos, e as vilas donde são cobradas dos Castelãos, que era pouco serviço de Deus e do Mestre; e portanto, em conclusão, vos respondem todos que nossa tenção é de não irmos convosco a tal obra.

Nuno Álvares, quando ouviu tal reposta, foi mui anojado em sua vontade; pero sem sanha, e graciosamente, respondeu estonce e disse:

— Amigos, eu não sei mais que diga do que vos já tenho dito; pero ainda vos quero responder a esto que me dissestes. Quanto é ao que dizeis que os Castelãos são muitos, e veem grandes capitães e senhores com êles, tanto vos será maior honra e louvor de serem por vós vencidos; ca já muitas vezes aconteceu os poucos vencerem muitos, porque todo o vencimento é em Deus, e não nos homens. Na outra cousa em que duvidais, segundo parece, que é a vinda de meus irmãos em sua companha, isto não temais per nenhuma guisa, nem Deus não quisesse que nenhum per mim fôsse enga-

nado; ca eu não os hei por meus irmãos em esta parte, pois que veem por destruir a terra que os gerou. E não digo (1) contra meus irmãos; mas em verdade vos juro, que ainda que aí viesse meu padre, eu seria contra êle, por serviço do Mestre, meu senhor. E pera vós verdes que é assim, se a vós praz de em esta obra sermos todos companheiros, eu vos juro e prometo que eu seja o dianteiro ante a minha bandeira, e o primeiro que comece a pelejar; e assim podereis ver a vontade que eu neste feito tenho contra meus irmãos. Mas, não embargando isto, se vossa tenção é todavia qual me dissestes, aqueles que se quiseram ir pera suas casas e lugares, vão-se com Deus; ca eu com êsses poucos de bons Portugueses que comigo veem lhe entendo de poer a praça.

Então aqueles que duvidavam, quando lhe tais palavras ouviram dizer, cobraram coração de o seguir e acompanhar, dizendo todos a uma voz que queriam ir com êle.

— Ora amigos, disse êle, eu vos rogo que os que comigo quiserdes ir a esta obra, que vos passeis da parte além dêste regato de

(1) = *não digo sòmente.*

água; e os que não quiserdes, ficai desta outra parte.

E êles disseram que todos passariam. E como quer que o assim dissessem, alguns se remordiam antre si, mostrando que mais o disseram por vergonha, que por vontade de o fazer; especialmente Esteve Eanes, o moço, e Mendo de Afonso de Beja, que se não puderam tanto ter, que não dissessem de praça (1) que iam lá em forte ponto (2), que nunca de lá haviam de tornar.

Nuno Álvares fingiu que os não ouvia, nem curou de seus ditos, tanto era ledo com a reposta que lhe todos deram, que queriam ir com êle.

E sendo assim ledo, e seguro que todos iriam em sua companha, propôs logo em outro dia bem cedo partir para a batalha. E jazendo dormindo em sua pousada, à meia noite, pouco mais ou menos, chegou a êle Álvaro Cuitado mui rijo a-pressa, dizendo como Gil Fernandes e Martim Gonçalves, de Elvas, tinham já selado, e estavam armados, que se queriam ir pera Elvas, não querendo ser na batalha com êle.

(1) = *diante de todos.*
(2) = *para tão grave perigo.*

Nuno Álvares, como isto ouviu, alçou-se a-pressa e foi-se a êles, onde estavam já mandando carregar, e disse:

— Ó irmãos amigos, ¿ e pera vós é fazerdes tal obra? ¿ Leixardes tanta honra como vos Deus tem prestado, e falecerdes do que prometido tendes, por vos tornardes pera vossas casas?

E contra Gil Fernandes em especial, disse:

—¿ E sequer vós, Gil Fernandes, que eu pensava e penso que sois um dos bons servidores que o Mestre meu senhor em esta terra tem? ¿ Tal míngua mostrais vós em tal obra como esta?

Dizendo-lhe que mais presava o seu corpo só, que quantos com êle vinham.

E êles se escusaram com boas razões, e êle com outras melhores os mudou daquela vontade, outorgando todavia que seriam com êle na batalha.

*

* *

Como foi manhã, sem outro traspasso (1) mandou logo dar à trombeta, e partiu com

---

(1) = *sem mais demora.*

todos, caminho de Fronteira, que eram dali quatro léguas, pera onde os Castelãos haviam de vir. E indo pelo caminho, mandou diante alguns genetes por haver novas dos inimigos onde eram (1).

Em esto não tardou muito que um escudeiro castelão, que chamavam Rui Gonçalves, que já em outro tempo vivera com Nunálvares em casa de seu padre, e então vivia com D. Pedrálvares, seu irmão, veio mui rijo, em cima dum cavalo, caminho de Fronteira. E chegou a Nuno Álvares, que o recebeu mui bem, e lhe preguntou onde era seu irmão, e os outros senhores de Castela.

E êle lhe disse que ficavam já em Fronteira, que seria légua e meia donde êle achou Nuno Álvares. O qual lhe preguntou que fazia; e êle lhe disse que tinham tenção de combater o lugar.

E Nuno Álvares lhe preguntou a que vinha, e que lhe dissesse verdade, se vinha por inculca, ou per cujo mandado. E Rui Gonçalves disse:

— Bem sabeis vós, senhor Nuno Álvares, que em esto, nem em al, eu não vos hei-de

(1) = *para ter informação de onde estava o inimigo.*

dizer salvo verdade (1). Vós sêde certo que a vosso irmão, e àqueles senhores de Castela, fizeram entender que vós vos apercebíeis e éreis prestes para os irdes buscar e lhes poer batalha; e desto se maravilham tanto, que muito lhes é grave de crer, terdes vós tão pouca gente como êles sabem que vós tendes, e trabalhardes-vos de tal cousa. E falaram com vosso irmão que lhe parecia desto. E êle respondeu que não sabia; pero-que de tanto os certificava, que, se vós em êste feito alguma cousa havíeis começado, que vos conhecia por tal, que a levaríeis todavia adiante, até morrer. E os outros lhe disseram que lhe prouvesse de me mandar a vós, por saber vossa tenção; e por esto me mandou. Além desto êle vos envia dizer que vejais bem o que cometeis, ca é cousa muito duvidosa para vós, com tão pouca gente como vós tendes, irdes pelejar com tantos e tão grandes senhores, como ali estão. Ca vos faz certo, que ali estão tais capitães, e assim corregidos, que ainda que el-rei D. Fernando fôsse vivo, èle haveria que fazer, de lhes poer a praça. Mòrmente vós, da guisa que estais, que vo-lo

(1) = *senão verdade.*

não há por cordice (1); porque, se vós naquela batalha fordes, em vós não há defensão, nem êle em tal obra não vos poderá ser bom. E que portanto lhe prazeria, e assim vo-lo envia conselhar, como a seu irmão, que cesseis desto e escolhais de duas cousas uma: que, ou vos torneis pera seu senhor el-rei de Castela, por o qual vos faz segurança que vos fará muitas mercês, e vos acrescentará, de guisa que sejais bem contente; ou que sejais em Estremoz, como estáveis, e os leixeis correr pela terra como entendem de fazer, e não queirais perder vós mesmo, com as gentes que convosco tendes.

Nunálvares, ouvindo aquestas razões, respondeu ao escudeiro e disse:

— Rui Gonçalves, eu hei bem entendidas as cousas que dissestes, e em breve vos respondo assi: que vós digais ao Priol, meu irmão, que eu neste feito não quero seu conselho, nem Deus não queira que o haja de crer, do que me mandou dizer; e que assim o diga a êsses outros senhores; ca eu, da intenção que tenho tomada, não me mudarei em nenhuma guisa, senão com ajuda de

(1) = *sisudez, prudência.*

Deus, levá-la em diante. Mas que se percebam pera a batalha, que eu, com estes poucos de Portugueses que comigo tenho, lha entendo de ir poer, e não sei ora cousa que mais deseje, que ser já em ela; e antes de pequeno espaço eu serei com êles, a Deus prazendo; e desto não duvidem. E rogo-vos, Rui Gonçalves amigo, que tanto façais por o meu amor, que vos vades com êste recado o mais a-pressa que puderdes, até matar o cavalo. Ca entendo que não podereis ir tão asinha, que eu com a ajuda de Deus não seja dêles mui acêrca.

Partiu Rui Gonçalves, como lhe Nuno Álvares encomendou; e foi mui a-pressa, quanto o cavalo o podia levar, a trote e a galope, e chegou mui asinha a Fronteira, onde aqueles capitães com suas gentes estavam.

E, como chegou, falou ao Priol e aos outros senhores todo aquelo que a Nuno Alvares dissera, e o que lhe havia respondido; e êles, como o ouviram, cessaram logo da obra que tinham começada pera combater

a vila; e com grande aguça se perceberam pera irem à batalha.

Êles que começavam (1) sair do arraial onde pousavam, caminho de Estremoz, per onde Nuno Álvares vinha, e Nuno Álvares, com suas gentes, era já em um lugar bem convinhável pera a batalha, onde chamam *os Atoleiros,* uma meia légua, pouco mais ou menos, aquém de Fronteira.

Como Nuno Álvares foi em aquele lugar, sendo já certo que os Castelãos vinham à batalha, fêz logo decer pé terra tôdolos homens de armas; e dessa pouca gente que tinha concertou suas batalhas (2) da vanguarda e règuarda, e alas direita e esquerda; e fêz concertar os bèsteiros e homens de pé pelas alas, onde entendeu que melhor estariam pera bem pelejar.

E, receando-se dos homens de pé, que lhe não falecessem, por os Castelãos, que eram muitos (3), pôs alguns homens de armas com êles, dizendo-lhes que, se êles vissem que tornavam atrás, que os matassem.

---

(1) = *mal êles começavam.*

(2) = *corpos de gente da hoste, formados para pelejar.*

(3) = *por serem muitos os Castelhanos.*

Esto assim concertado, começou de andar pelas batalhas, em cima de uma mula, esforçando as gentes com boas palavras, com gesto ledo e vulto prazível, dizendo a todos que se lembrassem bem de quatro cousas e as afirmassem em seus corações: A primeira, que se encomendassem a Deus e à Virgem Maria, sua madre, que os quisesse ajudar contra seus inimigos, pois que justa querela tinham contra êles; e que tivessem firme fé que assim havia de ser. A segunda (1) como vinham ali por defender si e suas casas e bens, e se tirarem de sujeição em que os el-rei de Castela queria poer, contra razão e dereito. A terceira, como eram ali por servir seu senhor e alcançar grande honra, que a Deus prazeria de lhes dar mui cedo. A quarta, que firmassem em seus entendimentos de sofrer todo trabalho e aporfiar na batalha, não uma hora, mas um dia, se mester fôsse.

E estas foram suas palavras de esfôrço, antes que entrasse à batalha. As quais assim ditas, os Casteläos eram já muito acèrca; e Nuno Álvares se deceu logo da mula em

(1) Subentenda-se: *que pensassem, que se lembrassem.*

que andava, e se pôs na avanguarda com os primeiros, ante a sua bandeira, assi como o prometera. E era isto uma quarta-feira de Trevas, no mês de Abril, não havendo ainda comido nenhuma cousa.

E fincou os joelhos em terra, e fêz sua oração à imagem do Crucifixo e da sua preciosa Madre, que trazia pintada em sua bandeira. E isso-mesmo todos os seus, os joelhos em terra, com as mãos alçadas, fizeram sua oração; e muitos dêles choravam.

E beijou a terra, e alçou-se em pé, e pôs seu bacinete sem cara, e tomou a lança nas mãos, que lhe trazia o page, e disse contra os seus:

— Amigos, nenhum duvide de mim. E todos aqueles que me ajudardes, Deus seja aquele que vos ajude; e se eu aqui morrer por vossas culpas e míngua, Deus seja aquele que vos demande (1) minha morte.

Os Castelãos tragiam vontade de pelejar pé terra, e Nuno Álvares assim o entendia; e quando viram os Portugueses postos daquela guisa, pera morrer ou vencer, mudaram seu propósito e ordenaram de vir à

---

(1) = *peça contas.*

batalha de cavalo, atrevendo-se (1) que eram muitos e bem encavalgados, e que logo os desbaratariam como dessem em êles, a qual cousa a todo o homem razoado parecia ser assi. E concertaram suas batalhas a cavalo; e os ginetes se apartaram com a carriagem em uma ladeira de um pão verde (2), logo acêrca de onde havia de ser a batalha.

Então moveram os Castelãos com grande esfôrço contra êles, as lanças sob os braços, mui rijo de encontro (3), dando grandes vozes e alaridos, chamando *¡Castilla, Santiago!*

Nuno Álvares e os da sua parte, chamando *¡Portugal e S. Jorge!* abaixaram as lanças cada um ao seu (4); e os cavalos, topando em elas, alguns dêles caíram logo em terra com seus donos; outros, antes que de todo chegassem topar na batalha, eram feridos de virotões e dardos que lançavam homens de pé, por cima dos homens de armas; e os cavalos, alvorando, lançaçavam de si os que em êles vinham. Dêles (5), com as feridas, queriam dar volta; e, tor-

(1) = *confiando.*
(2) = *uma seara verde.*
(3) = *com grande impeto.*
(4) = *cada português contra um castelhano.*
(5) = *alguns dêles.*

nando atrás, e topando em outros, caíam em terra.

Semelhàvelmente vinham outros de refrêsco, que estavam atrás pera isto prestes; e assi lhes avinha como aos primeiros. E Nuno Álvares, com os seus sôbre êles, matando... de guisa que prouve a Deus de os Castelãos serem desbaratados.

E pôsto-que a batalha fôsse pelejada de vontade, mui pouco espaço durou que se logo não venceu. E foram mortos, ao primeiro juntar, quarenta homens de armas; e depois outros, até setenta e sete; e dos Portugueses, nenhum morto nem ferido.

Antre os quais foi hi morto o Mestre de Alcântara, e Pero Gonçalves de Sevilha, e Rui Gonçalves, e o Craveiro, e outros bons fidalgos que não eram de tamanha conta. E foram feridos o almirante e o Priol, e Garcia Gonçalves de Grisalva.

Mas neste passo escrevem alguns duas razões repugnantes à verdade. A uma é que, por má ordenança que os Castelãos em si puseram, foram então desbaratados. A segunda, que aqueles que ficaram vivos que se recolheram em um (1), e que os Portugueses

(1) = *se concentraram.*

os não ousaram mais acometer. A qual cousa, por favor (1) nem encobrir míngua, não se devera assi de escrever; que o autor da história não deve ser inimigo (2), mas escrivão da verdade, a qual foi desta guisa:

O conde de Nevra, e o priol do Crato, e o Almirante, e Martinho Anes de Barvudo (que se chamava Mestre de Avis) e outros capitães, com muitos dos seus, depois que se viram fora da batalha, não quiseram tornar mais a ela, mas começaram de fugir, uns pera o Crato, e outros pera Monforte e pera os outros lugares que tinham voz por Castela. E indo assim fugindo, disseram alguns ao Almirante, dos que iam com êle, que desse volta e tornasse à peleja, ca assaz eram de gentes pera êles. E êle respondeu aos que lho diziam, e disse:

— «Homem morto não troba sôldo» (3). Ande a bandeira e vá-se, que depois que homem uma vez é desbaratado, mal torna (4) outra vez à batalha.

---

(1) = *por parcialidade.*

(2) = *parcial.*

(3) Outra versão posterior do provérbio diz: *não ganha sôldo.*

(4) = *mal faz em tornar.*

Em dizer que ordenaram mal sua peleja, a verdade isto não consente. Ca hi vinham senhores e capitães, assi portugueses como castelãos, assi sabedores da guerra, com tanta e tão boa gente, que, não sòmente pera Nuno Álvares, com aqueles poucos que çonsigo trazia, mas pera um mui alto príncipe, êles eram abastantes pera ordenar bem sua batalha e pelejar com êle; e com tal ardideza e boa ordenança os cometeram.

Mas ao mui alto Senhor Deus, em cuja mão é todo vencimento, e poderio de dar muitos nas mãos dos poucos (1), prougue então de dar vitória aos Portugueses. Os quais, vendo como os Castelãos fugiam, foi logo Nuno Álvares a cavalo, com mui poucos dos seus, porque tão a-pressa não puderam todos haver bêstas, e seguiu o encalço uma grande légua, até que por noite (2) foi forçado de se tornar, dizendo-lhe alguns dos seus que aquilo era tentar Deus, não se contentar da mercê que lhe Deus fizera, e seguir o encalço tão longe.

---

(1) = *de entregar muitos, etc.*
(2) = *por ser já noite.*

E Nuno Álvares se tornou pera onde foi a batalha, e mui tarde foi dormir a Fronteira. E em se tornando acêrca do lugar, chegou um escudeiro a-pressa, armado, em cima dum cavalo, e meteu-se antre os Portugueses, convém a saber: João Vasques d'Almada e Pedro Eanes Lobato e outros, e depois que lhes falou, dizendo: *Mantenha-vos Deus, senhores,* disse se seria seguro (1).

— Sereis, disseram êles, mas dizei-lo já mui tarde (2).

Então lhe preguntaram que homem era e a que vinha. E êle disse que era filho de Pero Gonçalves de Sevilha, e que vinha saber se era morto ou preso, ou de que guisa estava.

E êles levaram-no a Nuno Álvares; e depois que lhe falou e soube o porque vinha, então o certificaram que era morto, e quem fôra o que o matara. E Nuno Álvares mandou que o agasalhassem bem, e lhe fezessem tôda honra.

---

(1) = *preguntou se lhe assegurariam a vida.*

(2) Ironia. Era tarde para um vencido preguntar se estava seguro.

Onde aqui notai que êste Nuno Álvares foi o primeiro que, da memória dos homens até êste tempo, pôs batalha pé-terra em Portugal, e a venceu.

(Dos caps. XCII a XCV).

FIM DO SEGUNDO VOLUME

ÍNDICE

INTRODUÇÃO:

CRÓNICA DE D. JOÃO I (Primeira Parte):